

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA, MATEMÁTICA E EDUCAÇÃO

TIEMI RINZO

Aspectos da docência no processo de apropriação da cultura escolar do curso de licenciatura em Química da UFSCar/Araras.

ARARAS

2017

TIEMI RINZO

Aspectos da docência no processo de apropriação da cultura escolar do curso de licenciatura em Química da UFSCar/Araras.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no
Curso de Licenciatura em Química da
Universidade Federal de São Carlos
Orientação: Professora Dra. Elaine Gomes M. Furlan.

ARARAS

2017

TIEMI RINZO

Aspectos da docência no processo de apropriação da cultura escolar do curso de licenciatura em Química da UFSCar/Araras.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no
Curso de Licenciatura em Química da
Universidade Federal de São Carlos
Orientação: Professora Dra. Elaine Gomes M. Furlan.

Data da defesa: 15 de dezembro de 2017

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Elaine Gomes M. Furlan.
Universidade Federal de São Carlos

Professor Dr. Anselmo João Calzolari Neto
Universidade Federal de São Carlos

Professor Dr. Paulo Cezar de Faria
Universidade Federal de São Carlos

*“O que é ciência?
Ciência é tudo?
Ou ciência é nada?
Ciência é mesmo tão
complicada?”*

*Um novo modo de ver,
Ou uma nova forma de
explicar,
Será que a ciência quer apenas
curiosidade gerar?*

*Talvez seja uma disciplina,
Ou apenas uma profissão,
Um conhecimento amplo
Adquirido via reflexão?*

*São tantas concepções...
Um conceito impossível de
explicar
Poderei um dia ciência
ensinar?*

(Tiemí Rinzo)

Aos meus pais Lílian e Américo, meus irmãos Yumi e Gustavo e ao meu noivo João Paulo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, primeiramente meus pais, Lilian e Américo, por sempre acreditar na minha capacidade e proporcionar condições para que eu pudesse seguir em busca das minhas realizações, aos meus irmãos Yumi e Gustavo, pelo apoio e torcida. Assim como, meu noivo João Paulo, que esteve presente nos momentos mais árduos me ajudando com compreensão e incentivo, e meu companheiro Shyriu que durante a escrita deste trabalho esteve ao meu lado.

Agradeço também à professora Elaine, minha orientadora, pelos encaminhamentos, profissionalismo, calma, dedicação e compreensão durante nossa convivência.

Agradeço, ainda, a todos os estudantes que participaram da etapa de entrevista colaborando no desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

O presente estudo trata de uma pesquisa de monografia que visou a compreender aspectos sobre a docência no contexto da apropriação da cultura escolar, vivenciada por licenciandos do curso de licenciatura em Química da UFSCar/Araras. Teve apoio teórico de autores como Julia, Chervel, Forquin, Viñao Frago e Perez Gomez, referências importantes ao se tratar de reflexões a respeito da cultura escolar e Tardif para compor as discussões mais específicas a respeito dos saberes docentes. O trabalho de conclusão de curso adotou como premissa investigativa pressupostos de pesquisa qualitativa apoiado também em Bogdan e Biklen (1994), foi utilizado como procedimento metodológico entrevistas com roteiro semiestruturado, com estudantes em início de curso, assim como, com concluintes. Os resultados foram descritos e analisados sobre três categorias gerais incluindo: caracterizações dos alunos; a trajetória dos estudantes do ensino básico até o ingresso a universidade; bem como a universidade e a formação docente. Os dados permitiram identificar diversos aspectos sobre a docência que permeiam práticas, normas, costumes, valores, expectativas, hierarquia, nas informações que circulam no âmbito universitário; enfim, na vivência universitária.

Palavras-chave: docência; cultura escolar; licenciatura em química

LISTA DE SIGLAS

UFSCAR: Universidade Federal de São Carlos

LIG: Laboratório de Informática de Graduação

LIFE: Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores

RU: Restaurante Universitário

PET: Programa de Educação Tutorial

PIBID: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

IC: Iniciação Científica

GETAP: Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Agroindústria e Políticas Públicas

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

PROUNI: Programa Universidade para Todos

UNIARARAS: Centro Universitário de Araras

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

UNESP: Universidade Estadual Paulista

PUC: Pontifícia Universidade Católica de Campinas

EVEQ: Evento de Educação em Química

ENEQ: Encontro Nacional de Ensino de Química

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela I – Caracterização dos sujeitos quanto à idade e ano de ingresso no curso de licenciatura em química.

Tabela II – Caracterização dos sujeitos quanto à moradia.

Tabela III – Caracterização dos sujeitos quanto à professores na família.

Tabela IV – Caracterização do Ensino Médio.

Tabela V – Participação dos entrevistados em projetos e programas

QUADRO I – Relatos sobre um dia típico na universidade

QUADRO II – Relatos de como os entrevistados aprendem aspectos da cultura escolar.

QUADRO III – Comentários dos alunos sobre as expectativas e satisfações em relação à universidade

QUADRO IV – Comentários dos estudantes sobre as disciplinas do curso.

QUADRO V – Comentários dos estudantes sobre aspectos positivos e negativos relacionados aos docentes.

SUMÁRIO	
INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	9
METODOLOGIA	10
RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
1. Características Pessoais	16
1.1 Dados Pessoais	16
1.2 Moradia.....	18
1.3 Professores na família	20
2. Trajetória Escolar	22
2.1 Educação básica.....	22
2.2 Experiências escolares.....	25
2.3 Professores do ensino básico	31
2.4 Trajetória dos estudantes até chegar à universidade.....	34
3. A Universidade e a Formação Docente	39
3.1 Aspectos gerais sobre cultura escolar	39
3.2 Cultura escolar	47
3.3 Disciplinas	55
3.4 Programas e Projetos	61
3.5 Atuação dos professores	70
3.6 Interações.....	76
3.7 Docência	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERENCIAS	92
ANEXOS	94

INTRODUÇÃO

Apresentação

Concluí o ensino médio profissionalizante com técnico em química em 2010, realizei a prova do ENEM, mas por falta de informações não me inscrevi no SISU e nem no PROUNI, também fiz o vestibular da PUCC para o curso de química, e mesmo conseguindo uma ótima classificação as condições financeiras não permitiram a inserção no curso. Na época eu não sabia da existência de universidades gratuitas, e nem da diferença entre um curso bacharelado e uma licenciatura, fui para a indústria como técnica em química e já havia desistido de cursar uma graduação, no trabalho tive contato com pessoas que pretendiam ingressar em universidade pública e me explicaram sobre os vestibulares, as possibilidades e a concorrência.

Fiz novamente o ENEM, e dessa vez selecionei as opções de cursos através do SISU, minha escolha foi baseada em universidades mais próximas da minha cidade natal, Campinas, e que oferecessem cursos na área de química, a licenciatura também era uma opção considerável, pois poderia escolher entre trabalhar em indústria e lecionar. Como minha nota era menor do que a nota de corte eu não acreditava na possibilidade de conseguir a vaga, porém na penúltima chamada meu nome surgiu entre os classificados para o ingresso na graduação, foi uma surpresa incrível, não havia locomoção de Campinas até a universidade, como eu não trabalhava mais na indústria, sem nenhum planejamento mudei para uma república em Araras-SP.

A ocasião foi sendo favorecida pelo acaso, ingressei em uma universidade pública com a chance de me dedicar integralmente aos estudos, as oportunidades foram surgindo, participei dos programas PET e PIBID, me identifiquei com a docência, e quando soube que era possível realizar pesquisas na área da educação também fiz uma iniciação científica voluntária, conheci pessoas de diversas regiões do país, com diferentes pensamentos e ponto de vistas, tentei aproveitar ao máximo as disciplinas oferecidas pela universidade, usufruí de todas as possibilidades que a cultura escolar me ofereceu.

Quando realizei uma disciplina optativa sobre saberes docentes e cultura escolar, tive o primeiro contato com pesquisas sobre cultura escolar, e percebi naquele momento como foi importante vivenciar tudo o que fazia parte daquela cultura, e no decorrer da disciplina foram surgindo algumas curiosidades a respeito do tema.

Após uma pesquisa bibliográfica intensa, as inquietações e questões desta pesquisa foram surgindo e se afinando até chegar ao tema central de entender de que forma os aspectos docentes se apresentam durante a apropriação da cultura escolar, no curso de licenciatura em química da UFSCAR/Araras.

A Cultura Escolar e os Saberes Docentes

Entre as diferentes abordagens que cercam as pesquisas sobre educação, um elemento é importante quando o objeto de estudo é uma instituição de ensino: a cultura escolar.

Todos nós aprendemos muito ao frequentar uma escola, mas a escola também se modifica com os elementos culturais trazidos por cada aluno. E para além do currículo escolar os alunos podem aprender a ver o mundo com diferentes pensamentos frequentando um ambiente escolar, desta forma faz-se necessário considerar os entornos sociais que permeiam os estudantes.

Cursar uma graduação pode nos proporcionar momentos enriquecedores, aprendizados não apenas curriculares, mas também o aprendizado da vida. O crescimento profissional e pessoal que um graduando está exposto durante o seu percurso se inicia desde a escolha da instituição, a opção pelo curso, a especificidade da área, até o sábio planejamento de como utilizará o seu tempo para aproveitar tudo o que uma universidade pode oferecer. Cada escolha pode interferir direta ou indiretamente no decorrer de sua formação, alguns alunos já almejam este momento há tempos e chegam preparados, outros simplesmente entram na graduação por consequência do destino e acabam descobrindo as possibilidades; enfim, cada aluno com um percurso diferente se unindo em um mesmo espaço escolar, num cruzamento de culturas. (PEREZ GOMEZ, 2001)

Mais especificadamente um curso de licenciatura em química da Universidade Federal de São Carlos, campus Araras.

Esse curso, que também possui suas particularidades, sendo a principal delas o fato de se tratar de uma licenciatura que visa à formação de professores de química, fica localizado na cidade de Araras, interior do Estado de São Paulo, o campus é pequeno e possui apenas seis cursos oferecidos (licenciaturas em química, física e ciências biológicas, engenharia agrônoma, agroecologia e biotecnologia), e quatro turmas já formadas em licenciatura em química, até o momento. O intuito deste trabalho é explorar aspectos da cultura escolar existente neste espaço, a partir disso buscou-se ampliar as leituras sobre esta temática, de forma a compreender melhor o contexto da produção acadêmica e científica.

Chervel (1990, p. 184) afirma que:

o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é que ele desempenha na sociedade um papel que não se percebeu que era duplo: de fato ele forma não somente os indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global.

As pesquisas sobre cultura escolar surgiram nos anos de 1980, e se fortaleceram apenas nos anos de 1990, apresentando atualmente diferenciadas tendências investigativas. (SILVA, 2006).

Dentro da perspectiva sobre História da Educação Brasileira, Faria Filho et al. (2004) apresenta uma síntese das apropriações e investigações que vem sendo realizadas pelos pesquisadores sobre cultura escolar. Discorre sobre as diferenças e similaridades dentre os autores Julia, Chervel, Forquin e Viñao Frago que se apresentam como referências importantes ao se tratar de reflexões a respeito da cultura escolar.

Essas semelhanças e diferenças na construção conceitual reenviam às práticas de pesquisa e aos objetos históricos investigados pelos autores: o que serve de alerta à sua incorporação nos estudos no Brasil, pela atenção às diversidades culturais, sociais e históricas da escolarização entre os diferentes países. Oferecem, entretanto, um repertório analítico que, confrontado pelos embates nos arquivos, possibilita discorrer sobre as invariantes estruturais da escola, mas indagar-se acerca das transformações, insistindo no entendimento das práticas escolares e dos aspectos diferenciados do cotidiano, nas múltiplas apropriações do espaço e do tempo escolar. (Faria Filho et al, 2004, p.149)

Entre as pesquisas realizadas no Brasil, Faria Filho et al. (p.149, 2004) destaca três eixos norteadores “saberes, conhecimentos e currículos; espaços, tempos e instituições escolares e materialidade escolar e métodos de ensino.”

Ao verificar as referências utilizadas nas pesquisas que englobam esses eixos, foi possível observar que o artigo elaborado por Dominique Julia é o que abrange o termo de forma mais ampla, sendo utilizado em todas as questões mencionadas. Antônio Viñao Frago é mais citado em trabalhos referentes a espaço e tempo escolar, porém sua amplitude também o permite ser citado em trabalhos sobre currículo, saberes, materiais e métodos de ensino. André Chervel e Jean-Claude Forquin são mais frequentes em pesquisas sobre currículo e saberes. (Faria Filho et al, 2004)

Dominique Julia (2001) define cultura escolar de forma ampla como,

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos: normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas. (p.10)

O artigo de Julia esboça a cultura escolar como objeto histórico segundo três eixos em discussão, em que “a primeira via seria interessar-se pelas normas e pelas finalidades que regem a escola; a segunda, avaliar o papel desempenhado pela profissionalização do trabalho de educador; e a terceira, interessar-se pela análise dos conteúdos ensinados e das práticas escolares”. (p. 19)

António Viñao Frago (2002) engloba tudo o que acontece no interior da escola como cultura escolar,

un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas (formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos) sedimentadas a lo largo del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho, y compartidas por sus actores, en el seno de las instituciones educativas. Tradiciones, regularidades y reglas de juego que se transmiten de generación en generación y que proporcionan estrategias. (p.73)

No sentido de compreender como a cultura escolar tem sido apropriada entre as pesquisas Knoblauch (2012), realizou um levantamento bibliográfico selecionando 361 resumos, entre os anos 1987 e 2007 no Banco de Teses da Capes, que faziam referência ao termo cultura escolar. Sua análise constatou “alta representatividade dos estudos relativos ao ensino fundamental, sobre tudo aqueles que tratam de formação de professores, organização escolar por meio de ciclos, gestão escolar, política educacional, currículo e metodologias de ensino” (p.557).

Entre os tipos de estudos analisados por Knoblauch et al (2012), destaca-se o tipo contemporâneo (67,87%), seguido do tipo Histórico (31,30%) e por fim apenas (0,83 %) dos trabalhos não obtiveram um tipo de estudo definido,

no agrupamento do tipo contemporâneo, foram reunidos estudos de diferentes vertentes (antropologia, sociologia, psicologia etc), fato que não se repetiu com aqueles do tipo histórico, temos necessariamente que salientar a expressiva produção de pesquisas históricas sobre o assunto, o que indica sua alta representatividade no universo investigado. (p.563)

Adriane Knoblauch et al também destaca o crescimento das pesquisas que abordam cultura escolar “apesar de o primeiro trabalho ser localizado em 1993, é a partir de 1996 que o crescimento se efetiva, apresentando um pico no ano de 2004, uma ligeira queda em 2005 e uma retomada progressiva nos anos subsequentes” (p.564). Os autores mais referenciados entre as teses e dissertações foram Dominique Julia citada em 26 trabalhos, Antonio Viñao Frago 21 trabalhos e Roger Chartier 20 trabalhos, fato que reforça a importância destes autores ao se tratar sobre cultura escolar.

Em busca de um panorama maior e mais atual, foi necessário realizar uma nova pesquisa. Assim foi processado o termo *cultura escolar* no banco de dados Scientific Electronic Library Oline (SciELO) entre os anos 2008 e 2017, o que resultou em 424 resumos. Refinando as buscas para trabalhos publicados no Brasil e concentrando a área temática para educação e pesquisas em educação, aproximando ao real objetivo da presente pesquisa, obteve-se o resultado de 160 trabalhos.

Dentre os referidos trabalhos foram encontrados alguns que não se relacionavam com o nosso objetivo, pois possuíam temas dispersos ao assunto aqui em questão. Alguns exemplos são os trabalhos que abordavam temas diferenciados sobre cultura tais como; cultura tecnológica, cultura matemática, cultura da paz, cultura corporal, cultura material escolar, cultura indígena, entre outros. Já os trabalhos que fizeram referência ao termo cultura escolar foram analisados mais detalhadamente, mostrando as diferentes apropriações de cultura escolar e diversos eixos de pesquisa. A maior parte focou no ensino fundamental, currículo e ciclos de formação, direcionando seus olhares para as relações entre os alunos e as transformações no currículo e para o desenvolvimento da criança. O crescente interesse pelos estudos culturais no campo da educação e a busca de entendimento das práticas sociais no contexto escolar, destaca-se o estudo das relações que permeiam o social e o simbólico e produzem significados que dão sentido às ações pedagógicas (DE PAULA, 2009).

Campolina (2009) analisou as interações espontâneas ocorridas entre alunos, a fim de compreender como a escola contribui para circunscrever um processo de desenvolvimento particular, a transição da infância à adolescência. Para a autora a importância do estudo sobre a cultura escolar se dá ao incorporar a instituição escolar como um contexto cultural que participa do processo de desenvolvimento humano e como ela influencia nos processos de mudança e demarca trajetórias típicas.

Canedo (2009) reúne instrumentos para uma reflexão sobre a relação entre escola e cultura. Entende a cultura transmitida pela escola com finalidades muito diferentes de como foi produzida, ou seja, como tentativa de comunicar a todos a ideia da cultura, da ciência, do conhecimento objetivo, visando construir o indivíduo. Ainda, analisa a relação entre escola e cultura e faz uma analogia vinculando o Estado versus Nação.

Fetzner (2008) percebeu em sua pesquisa uma cultura escolar em mudança, “o foco na análise das práticas indica a transição de processos escolares conservadores para processos democratizantes”. Em seu trabalho intitulado “A implementação dos ciclos de formação em

Porto Alegre: para além de uma discussão do espaço-tempo escolar” a autora propôs uma reflexão sobre as condições em que os ciclos de formação foram implementados na rede municipal de ensino de Porto Alegre, discutindo a reprodução e a transformação da sociedade e da cultura na estrutura escolar existente, com seus rituais e, ao mesmo tempo, uma nova estrutura que tenta se constituir por meio de rupturas com os padrões tradicionais.

Senna (2008), analisando a natureza social do conceito de fracasso escolar, com seu trabalho intitulado “Formação docente e educação inclusiva”, esboça uma crítica aos valores consagrados na cultura escolar. Considerando como exemplo, um exercício de matemática onde dois alunos respondem corretamente, porém apenas um deles é privilegiado por demonstrar os mecanismos que o levou a resposta correta, enquanto o outro apenas resolveu por raciocínio.

Penna (2008) apresenta análises formuladas evidenciando as conexões estabelecidas entre os aspectos das condições de trabalho dos professores e a posição social por eles ocupada. Relaciona a cultura escolar, às dificuldades enfrentadas no trato com os alunos, à existência ou não de autonomia na condução das tarefas em seu cotidiano e ao estabelecimento de hierarquias nas relações estabelecidas na escola, por exemplo, pelas práticas dos professores que compartilham condutas, crenças, formas de compreensão, emoções, valores, ou seja, aspectos apreendidos e reproduzidos em decorrência de finalidades implícitas e explícitas designadas à escola.

Azevedo (2011) apresentou reflexões acerca de uma pesquisa desenvolvida com sessenta jovens do Curso de Formação de Professores, a autora registrou as memórias que têm sido tecidas na constituição de ser professora, por alunas do ensino médio regular, em início de formação, afim de compreender o complexo universo da cultura escolar que abrange a formação das futuras profissionais, articulada às discussões sobre a necessidade de construir alternativas pedagógicas para os primeiros anos da educação básica, tendo em vista as continuidades e mudanças na carreira docente. Os autores percebem que as jovens alunas, explicitam modelos de professoras que tiveram durante a vivência no contexto da cultura escolar, constituída por um conjunto de teorias, ideais e princípios, normas, regras, rituais, rotinas, hábitos e práticas, sedimentados ao longo do tempo.

Assim podemos entender que os estudos e pesquisas sobre a cultura escolar podem nos direcionar a um olhar diferenciado sobre a escola, um lugar de criação e não apenas reprodução, com movimentos diversos e alternados; bem como para o interior da escola, um

espaço de lutas, conflitos, mesmo quando o instituído se faz presente nas ações cotidianas. (VIEIRA, 2013)

A percepção da escola como uma cultura requer a “observação dos movimentos internos constitutivos do cotidiano escolar, bem como a compreensão dos protocolos de ações projetadas para serem inseridas em práticas institucionais.” (BOTO, 2014)

O presente trabalho, no contexto da cultura escolar, focaliza o contexto de um curso de formação de professores, no sentido de verificar também de que forma os saberes docentes aparecem. Afinal um curso de licenciatura visa formar futuros professores, e “um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros.” (TARDIF, 2002, p.31)

A diversidade de saberes se faz necessária à formação de um professor, e ensinar um conteúdo requer flexibilidade dos mais variados conhecimentos. A profissão docente não pode limitar-se a um saber específico, TARDIF (2002) buscou identificar e definir esses tipos de saberes contribuindo para o entendimento desta profissão tão complexa que é ser professor, desta forma definiu “o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais”. (p.36)

Os saberes da formação profissional são saberes obtido através de cursos de formação de professores, como por exemplo, universidades e faculdades que oferecem cursos de licenciatura, e no caso desta pesquisa os saberes oriundos do curso de licenciatura em química UFSCar/Araras, são saberes científicos da área da educação que se incorporam à prática do professor, assim como os saberes pedagógicos que se baseiam na reflexão sobre a prática educativa, e também os saberes desenvolvidos através da vivência na profissão. (TARDIF, 2002)

Os saberes disciplinares são saberes que dispõem a nossa sociedade, saberes sociais que podem ser definidos pela instituição universitária, compõem diversos campos do conhecimento, sob forma de disciplinas. Os saberes curriculares correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos que os professores devem aprender a aplicar. Os saberes experienciais são saberes que se estabelecem e são incorporados na prática docente, no exercício da profissão, obtidos através de experiências vivenciadas no cotidiano com os alunos. (TARDIF, 2002)

Em suma, o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos. (TARDIF, 2002, P.39)

Ao refletir sobre um curso de formação de professores não podemos deixar de considerar a bagagem cultural e de conhecimentos que cada aluno trás consigo, visto que todos frequentaram diferentes escolas durante o percurso até o seu ingresso no curso de graduação, e essa junção de diferentes pensamentos pode resultar em um choque de ideias, ocasionando diversas discussões, construções e desconstruções de concepções sobre os saberes necessários para se tornar um bom professor. E também é preciso levar em consideração os conhecimentos abordados durante o decorrer do curso, conhecimentos percebidos dentro e fora das salas de aulas, como por exemplo, conteúdos específicos e pedagógicos, grupos de estudos, projetos de iniciação científica e iniciação a docência, projetos de extensão, participação em pesquisas, palestras, cursos, entre outros, e também diversas oportunidades de aprimoramento profissional que são oferecidos durante a vida acadêmica.

Desta forma a presente pesquisa tem em vista explorar a forma em que os saberes docentes permeiam a cultura escolar existente no âmbito educacional da Universidade Federal de São Carlos *campus* Araras, mais especificadamente no curso de Licenciatura em Química.

Sendo assim, as questões de pesquisa estão centradas nos seguintes aspectos: Como se dá o processo de transmissão e apropriação da cultura escolar, no que diz respeito às expectativas, normas, regras, valores, tempos, espaços rituais e hierarquias? Como os saberes sobre a docência são veiculados no interior do curso de Licenciatura em Química da UFSCar/Araras? Quais são os saberes mais e menos valorizados?

OBJETIVOS

Geral: Compreender como se dá o processo de transmissão e apropriação da cultura escolar, no contexto do processo de formação no curso de Licenciatura em Química na UFSCar/Araras, no que tange os saberes da docência.

Específicos:

- Mapear a trajetória e os motivos para a escolha do curso de Licenciatura em Química na UFSCar/Araras;
- Identificar como são veiculados aspectos sobre a cultura escolar, no que diz respeito às expectativas, normas, regras, rituais, valores e hierarquias, no contexto deste curso;
- Compreender como os licenciandos utilizam o tempo e o espaço no âmbito universitário;
- Entender que tipo de práticas e discussões os licenciandos participam e qual a relação com os saberes da docência;
- Verificar quais são os saberes transmitidos no contexto universitário de um curso de Licenciatura em Química.
- Verificar como ocorre a transmissão das informações sobre o curso, de modo geral e como os estudantes avaliam os professores no que diz respeito à docência.

METODOLOGIA

Com a finalidade de alcançar os objetivos traçados por essa pesquisa, foi inicialmente realizado um levantamento bibliográfico sobre cultura escolar, sendo apresentado na introdução do presente estudo. Esta etapa da pesquisa aprofundou a compreensão sobre a cultura escolar, suas diferentes concepções, definições e a forma como é explorado o tema em diversas pesquisas. Estes aspectos poderão contribuir para análise e discussões dos resultados.

Visando a compreender como se dá o processo de apropriação da cultura escolar, no contexto dos saberes da docência, a pesquisa adotará como premissa investigativa os pressupostos de pesquisa qualitativa.

Bogdan e Biklen (1994) defendem que o conceito de pesquisa qualitativa possui cinco características básicas, sendo elas;

- O ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, isto é, que o pesquisador vivencie o ambiente e as situações que sua pesquisa investiga.
- Dados coletados predominantemente descritivos. A descrição e transcrição de todos dados são extremamente importantes, o pesquisador deve se atentar ao maior número de detalhes mediante a situação em análise, pois algumas situações podem parecer irrelevantes no momento e serem essenciais durante a análise da pesquisa.
- Preocupação com o processo sendo muito maior do que com o produto, ou seja, deve se atentar ao modo como o problema de pesquisa se vincula dentro de seu contexto, tendo um olhar mais amplo ao redor que norteia a situação investigada.
- O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador, cada pessoa pode encarar uma mesma situação de modo diferente, com outras percepções, em razão disso, se dá a importância de considerar os diferentes pontos de vista dos entrevistados.
- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, não é necessário buscar evidências que comprovem as hipóteses, o desenvolvimento do estudo focará em interesses mais amplos caminhando até chegar aos específicos e mais diretos.

Entre as várias formas que pode assumir uma pesquisa qualitativa, nesta pesquisa será utilizada a entrevista semiestruturada, com grande importância para pesquisas em educação, sendo considerado um instrumento eficaz na obtenção de informações, pois permite certo grau de liberdade, propiciando correções, esclarecimentos e adaptações. “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.” (LUDKE E ANDRÉ, p. 34,1986).

Os dados foram registrados com a gravação direta da entrevista, “a gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado.” (LUDKE E ANDRÉ, p. 37,1986).

As entrevistas foram transcritas e analisadas com embasamento no levantamento bibliográfico e apoio teórico descritos na introdução. A seguir destacamos os âmbitos previamente estabelecidos, a partir do referencial teórico, que propiciou a construção do instrumento para entrevista, ou seja, o que pretendíamos para a coleta dos dados:

- Características pessoais dos alunos

No primeiro momento das entrevistas emergiram dados a respeito dos aspectos pessoais, caracterizando questões sobre aspectos da vida pessoal, como idade, cidade, onde e com quem mora, e a locomoção até a universidade.

- Trajetória escolar da educação básica

Em um segundo momento da entrevista foi abordado às particularidades percebidas durante a educação básica, com o intuito de entender a trajetória que levou o entrevistado a cursar licenciatura em química na UFSCar/Araras.

- A universidade e a formação docente

No terceiro e último momento, a entrevista teve direcionamento aos aspectos vivenciados durante a graduação, explorando aspectos sobre a cultura escolar no âmbito universitário do curso de licenciatura em química da UFSCar/Araras.

A partir da coleta dos dados sugeriram outros aspectos que permitiram estabelecer relações com os referenciais teóricos, encaminhando eixos de análises (A, B e C) de modo que os saberes docentes aparecem permeando esses eixos, conforme mostra a Figura.



Figura. Eixos de análise

A. Veiculação da cultura escolar

Neste eixo procuramos verificar de que forma se dá a veiculação dos aspectos sobre a cultura escolar, no que diz respeito às expectativas, normas, regras, rituais, valores e hierarquias, no contexto do curso de licenciatura em química da UFSCar.

B. Tempo e espaço

Aqui procuramos averiguar de que forma os alunos utilizam o tempo e o espaço no âmbito universitário da UFSCar/Araras.

C. Práticas

Neste eixo investigamos as práticas, os projetos e as discussões que os estudantes participam e sua relação com a docência.

Dentro dos três eixos citados foram analisados os **saberes docentes**, visto que este parâmetro não pode ser desvinculado como um quarto eixo, pois a transmissão dos saberes esta diretamente ligada à interação do aluno com o ambiente universitário e as relações que ali se estabelecem.

Para apresentação e discussão dos dados é importante ressaltar que os elementos não permitiram que a análise fosse configurada por agrupamento, como descrita a cima, pois os eixos se permearam dentro da análise, e desta forma foram colocados em **destaque**.

Procurou-se relacionar os âmbitos iniciais (características, trajetória e universidade) e os eixos estabelecidos (A, B, C).

Descrição dos sujeitos

A pesquisa entrevistou alunos ingressantes e concluintes do curso de licenciatura em química da Universidade Federal de São Carlos – campus Araras. Os alunos considerados ingressantes, que atualmente cursam o primeiro e quarto perfil, estão no início da vivência universitária e possuem menos de 50% dos créditos concluídos. Já os alunos considerados concluintes, que atualmente cursam o oitavo e décimo perfil, estão nas etapas finais da graduação, presenciaram as mudanças no âmbito universitário nestes últimos períodos e já cursaram as disciplinas pedagógicas, específicas e estágio obrigatórios.

Busca-se para a pesquisa a diversidade dos sujeitos a fim de viabilizar a representatividade das experiências, Segundo Selltiz et al (1965)

Estamos procurando ideias estimulantes e discernimentos aplicáveis, não estatísticas da profissão. Assim, os respondentes devem ser escolhidos pela probabilidade que oferecem às contribuições requeridas. (...) Embora uma amostra randômica de profissionais não tenha valor no levantamento de experiência, é importante, todavia, selecionar os respondentes, para assegurar um representante de diversos tipos de experiência. Sempre que houver motivos para se acreditar que diferentes pontos de vantagem podem influenciar a essência da observação, deve ser feito um esforço para incluir a diversidade nas opiniões e nos tipos de experiência. (p.67 e 68)

Os instrumentos da pesquisa (Anexo 1 e Anexo 2) foram construídos a partir dos conceitos teóricos discutidos na introdução, explicitados também nos objetivos do trabalho.

O formulário (Anexo1) teve como propósito mapear e encontrar os alunos ingressantes e concluintes. Após uma breve introdução sobre a presente pesquisa, o formulário foi distribuído a fim de obter o nome do sujeito, o perfil que cursa atualmente, e-mail e telefone para contato. Todos os alunos de química presentes nas aulas de didática e química orgânica 2 preencheram o formulário, totalizando 76 alunos. Com a constituição destes dados, os sujeitos considerados ingressantes e concluintes foram contatados com a explicação da pesquisa e um convite para participar do processo de entrevista via e-mail, porém apenas sete alunos retornaram o convite com interesse em participar da entrevista. Diante do baixo número de interessados foram contatos mais alguns alunos via rede social, e desta forma mais quatro alunos manifestaram interesse em participar do processo de entrevista. Foi combinado um horário e local, cumpridos de acordo com a disponibilidade do entrevistador e do entrevistado, e também se garantiu o sigilo e anonimato do participante.

Todos os alunos interessados participaram da entrevista, obtendo o total de 11 entrevistados, 3 alunos ingressantes e 8 alunos concluintes. Os participantes da pesquisa foram identificados como “Aluno” para definir o participante do sexo masculino e “Aluna” para definir a participante do sexo feminino, em seguida as letras “C” para alunos concluintes, e a letra “I” para alunos ingressantes. Também foram utilizados números para diferenciá-los, e a sequência numérica utilizada se deu de acordo com idade dos participantes. Utilizando essa definição, a idade de dois alunos entrou em conflito, porém um aluno é do sexo masculino e outro do sexo feminino. Desta forma eles se diferenciarão por pelo prefixo, sendo um Aluno e uma Aluna. A identificação dos participantes feita da forma descrita, em todo o processo de análise, ficou da seguinte forma:

Aluno I 18: Aluno do sexo masculino, ingressante, 18 anos;

Aluna I 19: Aluna do sexo feminino, ingressante, 19 anos;

Aluna I 20: Aluna do sexo feminino, ingressante, 20 anos;

Aluno C 21: Aluno do sexo masculino, concluinte, 21 anos;

Aluna C 21: Aluna do sexo feminino, concluinte, 21 anos;

Aluna C 23: Aluna do sexo feminino, concluinte, 23 anos;

Aluna C 24: Aluna do sexo feminino, concluinte, 24 anos.

Aluno C 25: Aluno do sexo masculino, concluinte, 25 anos.

Aluna C 27: Aluna do sexo feminino, concluinte, 27 anos.

Aluno C 28: Aluno do sexo masculino, concluinte, 28 anos.

O roteiro de entrevistas (Anexo2) serviu de direcionamento para que o diálogo fosse completo e não faltassem informações, não se aplicou de forma rígida, permitindo que o entrevistador fizesse adaptações.

Esse roteiro seguirá naturalmente uma certa ordem lógica e também psicológica, isto é, cuidará para que haja uma sequência lógica entre os assuntos, dos mais simples aos mais complexos, respeitando o sentido do seu encadeamento. Mas atentar-se também para as exigências psicológicas do processo, evitando saltos bruscos entre as questões, permitindo que se aprofundem no assunto gradativamente e impedindo que questões complexas e de maior envolvimento pessoal, colocadas prematuramente, acabem por bloquear a respostas às questões seguintes. (LUDKE E ANDRÉ, p. 36,1986).

As entrevistas ocorreram em forma de conversa, com a intenção de o aluno sentir-se a vontade para expor suas experiências, “a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde.” (LUDKE E ANDRÉ, p. 33,1986).

Após a realização das entrevistas, que foram gravadas, todas foram transcritas para facilitar a realização da análise.

Sempre que possível foram feitos cruzamentos de informações para maior densidade dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo de entrevista abrangeu vários aspectos, desde a trajetória escolar de cada aluno, suas experiências pessoais e acadêmicas, assim como suas vivências na universidade, expectativas e satisfação.

Foram definidas, com o auxílio do roteiro utilizado nas entrevistas, três âmbitos de análise a fim de englobar os dados de forma mais direcionada, as categorias foram caracterizadas como: Características Pessoais, Trajetória escolar e A Universidade e Formação docente.

1. Características Pessoais

Neste primeiro âmbito de análise serão dispostos os dados pessoais dos alunos, idade, perfil no curso, onde e com quem moram e se há professores na família.

A partir das informações fornecidas no primeiro bloco de questões (1 a 3) foram feitas análises e organizações dos dados em algumas tabelas.

1.1 Dados Pessoais

Tabela I. Caracterização dos sujeitos quanto à idade e ano de ingresso no curso de licenciatura em química.

Idade \ Ano de ingresso	18 anos	19 anos	20 anos	21 anos	22 anos	23 anos	24 anos	25 anos	27 anos	28 anos	Total
2017	01	01									02
2016			01								01
2014				01		01				01	03
2013				01	01			01			03
2012							01		01		02
Total	01	01	01	02	01	01	01	01	01	01	11

Analisando essa tabela verifica-se que são alunos jovens, e ingressaram na universidade em momentos diferentes. No período entre 2012 à 2017, muitas mudanças

ocorreram no âmbito universitário da UFSCar/Araras, tais como construções de novos prédios, laboratórios, ambulatório, extensão da biblioteca, etc. E além de diversas mudanças na estrutura física, ocorreram também mudanças no corpo docente da Universidade, muitos professores se transferiram para outras instituições e novos professores ingressaram.

Três alunos considerados concluintes (Aluno C 21, Aluna C 21 e Aluna C 22) e um aluno considerado ingressante (Aluno I 18) entraram na universidade logo após a conclusão do ensino médio ou profissionalizante, três alunos (Aluna I 19, Aluna I 20 e Aluna C 24) fizeram um ano de cursinho antes do ingresso à universidade, dois alunos (Aluna C 23 e Aluna C 27) concluíram o curso técnico e exerceram a função na área para apenas depois ingressaram na universidade, um aluno (Aluno C 28) realizou dois anos de cursinho e uma formação tecnológica antes de ingressar na universidade e um aluno (Aluno C 25) iniciou uma faculdade anterior optando por desistir e iniciar outra formação no curso de licenciatura da UFSCar. Percebe-se que alunos com faixa etária superior a 25 anos, e apenas uma exceção de 23 anos tiveram uma vivência profissional e já iniciaram outros cursos, carregando uma bagagem de conhecimentos e experiências mais diversificadas.

Durante nossos encontros para realizar as entrevistas, percebi que tanto alunos ingressantes quanto concluintes tinham uma visão crítica ao argumentar seus pontos de vista, pensamentos e propósitos. Foram raras as exceções de alunos que ainda não tinham seus objetivos definidos com clareza, alguns até relataram que a universidade foi essencial para definir essa postura firme e madura, como indicado nos relatos:

“[...] aqui a gente cresce muito, tanto de opinião, eu vejo que minhas opiniões mudaram da água pro vinho depois que eu vim pra cá [...]” (Aluna C 21).

“[...] hoje eu não sou a mesma que entrei eu ainda não tinha tanta maturidade [...]” (Aluna C 22).

“[...] agora tendo algumas aulas, e eu conseguindo falar um pouco melhor, tipo ter esse diálogo aqui, eu não conseguiria ter há alguns anos atrás e agora eu consigo, e isso mudou. [...]” (Aluna I 19).

É possível observar que até mesmo uma aluna ingressante, com pouco tempo no curso, já consegue destacar mudanças positivas em sua formação, identificando que a cultura escolar se estabelece “quando os sujeitos se apropriam desse ambiente cultural e o reelaboram no seu cotidiano.” (DE PAULA, 2009, p.411)

1.2 Moradia

Tabela II. Caracterização dos sujeitos quanto à moradia.

Onde mora Com quem mora	Araras		Região		Total
	Ingressantes	Concluintes	Ingressantes	Concluintes	
Família			01	03	04
Amigos	02	04			06
Esposo (a)		01			01
Total	02	05	01	03	11

Neste aspecto, a análise permitiu identificar que a maioria dos entrevistados, tanto ingressantes como concluintes, vivem com amigos em repúblicas, vieram de cidades mais distantes e se mudaram para Araras apenas para estudar. Geralmente esses alunos demonstram um vínculo grande com as pessoas com quem moram, a maioria das **informações, conselhos e vivências se relacionam a esses amigos**, identificando a importância do convívio com outros alunos. Além disso, eram os alunos que conseguiam passar **mais tempo na universidade e participar da maioria dos projetos**.

Os relatos de uma aluna, que morou alguns meses em república, enfatizam a importância da moradia com outros estudantes:

*“[...] você tem que sair da sua cidade, então você sai da sua zona de conforto, onde você tem toda sua família, todo aquele apoio, você tem tudo na mão, digamos assim, e quando você sai para uma faculdade pública que é longe de casa você tem que se **relacionar com pessoas** que você não conhece ter um convívio com pessoas que você não conhece e buscar nessas pessoas certos confortos, por que a gente precisa sempre de um ponto de confiança, um ponto firme, e ter morado em república alguns meses me mudou e muito, e é muito bom porque ainda tenho esse convívio, então é uma **troca de conhecimentos, de culturas** e tudo mais.” (ALUNA I 19).*

E após a vivência na república a aluna se mudou para um apartamento onde vive atualmente, mantendo seu vínculo com outros estudantes:

“Moro em um apartamento com duas meninas, são as pessoas que eu tenho mais contato na faculdade [...]” (ALUNA I 19).

A convivência diária com outros estudantes também auxilia na **veiculação de informações**, como destacado no relato:

“Uma moradora da república ela é do PET, aí ela me explicou sobre o programa, foi onde eu me interessei.” (ALUNO I 18)

O relato de uma aluna demonstrou que as **interações com outros alunos** se dão melhor em sua república, visto que não se sente a vontade nas interações com outros alunos na universidade por sua turma já estar formada, ela ser vista apenas como a aluna que esta cumprindo a matéria que reprovou:

*“Eu interação mais, mais **interajo com as meninas de casa** sim, porque minha turma já foi, então como eu fico em outros perfis eu fico meio perdida, eu sempre fico como aquele de DP, então quando eu estou em casa eu falo bastante com as meninas[...].”* (ALUNA C 24)

Os relatos demonstraram que **a vivência em república facilita a veiculação dos mais variados saberes e informações**, facilitando a interação com outros estudantes e a descoberta de informações referentes ao âmbito universitário.

As outras partes dos entrevistados **moram com a família na região, viajam todos os dias** com caronas ou ônibus, normalmente vão a universidade apenas assistir as aulas, alguns trabalham durante o dia e poucos realizam algum projeto da universidade. A maioria **encara isso como não vivenciar de fato a universidade** e sentem-se distante dos acontecimentos, como nos relatos:

*“Eu estou na UFSCar, mas eu não sei se eu vivo a UFSCar, porque pela minha rotina eu até tenho uma proximidade com a galera, mais não com frequência, as vezes eu ando em um lugar ou outro, mais **não tenho esse convívio, o viver universitário vamos dizer assim**”* (ALUNO C 28).

*“[...] eu não moro aqui, fico viajando o tempo inteiro pra cá, então eu **não consigo participar legal** [...]”* (ALUNA I 20).

Além disso, alguns alunos **sentem-se excluídos de grupos, e das interações** com outros estudantes, estabelecendo uma formação mais escassa que se limita apenas as aulas:

*“Eu não tenho muita coisa positiva daqui, tipo eu **não tenho tanta amizade**[...]”* (ALUNA C 23)

“[...] como eu sou daqui de Araras eu não tive contato com uma república, então eu não tive essa inserção dentro de uma comunidade vamos dizer assim, eu acho que quando você é daqui você chega meio deslocada porque você não entra dentro de uma república que você tem mais contato[...].” (ALUNA C 22)

Morar em outra cidade também interfere a participação de os alunos em projetos oferecidos pela universidade, como explica uma aluna que **não consegue participar dos programas e projetos**, pois a maioria é fora dos períodos de aula:

“[...] não consigo porque eu não moro aqui, porque é tudo de manhã né, ou até o dia inteiro alguma coisa assim [...].” (ALUNA I 20)

Uma única aluna já vivia em Araras antes da universidade, e atualmente mora com seu esposo.

“Casei já faz 3 anos, eu entrei na faculdade e depois de 2 anos eu já casei, nem parece que é tanto tempo assim.” (ALUNA C 22)

Neste caso, a condição que conviver com seu esposo foi apenas citada e não entrou em detalhes sobre suas vidas pessoais, não destacando essa condição em suas respostas.

1.3 Professores na família

Tabela III. Caracterização dos sujeitos quanto à professores na família.

Professores na família	Quantidade de entrevistados		Total
	Ingressantes	Concluintes	
Sim	Ingressantes	01	06
	Concluintes	05	
Não	Ingressantes	02	05
	Concluintes	03	

Os estudantes que possuem professores na família, na maioria dos relatos, diziam que a relação com esses familiares eram distantes, com poucas oportunidades de diálogo sobre a docência.

“Eu tinha minha tia, ela morreu esse ano, ela dava aula de Português e gostava bastante, dava aula há muito tempo, a gente era um pouco distante, aí quando começamos a chegar perto ela adoeceu aí não teve como, não deu tempo de dar conselhos” (ALUNA I 20).

“Tenho uma tia que é professora na educação infantil, ela não é muito próxima mais eu tenho certo contato, nunca sentei pra conversar com ela sobre docência.” (ALUNO C 25).

Os alunos que tinham algum contato com seus **familiares, que exerciam a profissão de professor**, descreveram em seus depoimentos algumas **críticas e reclamações que**

escutaram acerca dos aspectos da docência, porém nenhum comentário que incentivasse a mudança de profissão, **alguns até apoiavam a escolha do curso**.

*“Tenho um tio por parte de pai que é professor de educação física, tenho uma prima por parte de pai também que é professora de matemática, o meu pai já foi professor de química, ele é formado em química e já deu aula, e tenho outra prima irmã da professora de matemática, ela é professora de universidade em química. A minha prima que é professora de química ela me aconselha bastante, os outros menos, porque eles dão aula no estado então **reclamam bastante**, mais nunca ninguém perguntou se eu tinha certeza, eles **sempre me apoiaram a fazer licenciatura principalmente a prima que dá aulas de química.**” (ALUNA C 21)*

*“Tenho, algumas primas pedagógicas, tenho pouco contato, mais quando a gente se encontra **falam muito das dificuldades** que elas tem ao ensinar para crianças, então eu só observo mesmo porque eu não sei muito argumentar.” (ALUNA C 27)*

Outros alunos apenas citavam sobre a área da docência que seus parentes lecionavam, sem entrar em mais detalhes.

“Tenho, meu tio e meu pai que não exerce, meu pai fez licenciatura em química aí ele começou no cursinho e depois foi para indústria, e meu tio é professor de matemática, leciona de manhã e faz uns bicos de noite, de segurança.” (ALUNA C 24)

“Tem primas do meu pai que atuam na educação infantil, no fundamental, mas são pessoas que a gente não tem contato e mais parente direto eu tenho uma prima que é professora de história que é a que eu tenho um contato mais próximo, tanto é que no estágio que eu fiz esse semestre foi na escola que ela trabalha, ela trabalha no fundamental 2, do sexto ao nono.” (ALUNO C 28)

Fechando este primeiro âmbito de análise algumas considerações puderam ser realizadas, como, por exemplo, a diversidade de sujeitos, embora a quantidade de entrevistados não tenha sido numerosa e que apenas três ingressantes aceitaram participar do processo de entrevista, os onze sujeitos participantes possuem características bem diversificadas, como idades diferentes, ano de ingresso diferentes, moradia em cidades distintas, e os estudantes que moram em Araras também se distinguem, em repúblicas tradicionais; apartamentos; repúblicas mistas; só de mulheres; só de homens; enfim aspectos que diferem as vivências de cada aluno. Além disso, mostraram ter visões e opiniões bem diversificadas sobre o mesmo espaço.

Esperava-se que os professores existentes na família dos entrevistados estivessem ligados aos aspectos docentes de forma social na vida dos entrevistados, porém os dados obtidos mostraram que são pessoas distantes de nossos sujeitos, e que não houve interações detalhadas sobre os saberes docentes.

2. Trajetória Escolar

Neste segundo bloco de questões de 4 a 8 que englobam o âmbito Trajetória Escolar, foram exploradas informações sobre o ensino básico; relações com professores; e a trajetória dos estudantes até chegar à universidade.

“Considerando-se o caráter plural dos contextos socioinstitucionais que participam da configuração de um contexto cultural particular, torna-se fundamental investigar como a cultura escolar participa do desenvolvimento humano, como ela influi nos processos de mudança e demarca trajetórias típicas.” (CAMPOLINA; OLIVEIRA, 2009, p.369)

Os dados obtidos serão expostos a seguir.

2.1 Educação básica

Tabela IV. Caracterização do Ensino Médio.

Tipo de ensino Onde estudou	Regular		Técnico		Total
	Ingressantes	Concluintes	Ingressantes	Concluintes	
Público		02	02	04	08
Particular	01	02			03
Total	01	04	02	04	11

Ao comentar sobre o ensino básico os alunos foram classificando a qualidade do ensino que tiveram, e aspectos da escola onde estudaram como será mostrado nos relatos a seguir.

O ensino do SESI, mesmo realizado em cidades diferentes, foi elogiado em dois depoimentos:

“Eu estudei no SESI até a oitava série, e foi um ensino bom, sem nenhum problema, tinha professores pra todas as matérias, eu não enfrentei nenhuma dificuldade no ensino básico.” (ALUNO I 18)

Neste segundo depoimento, a aluna destaca que a exigência da escola em realizar trabalhos com referências bibliográficas confiáveis facilitou a realização de trabalhos da universidade, visto que a utilização de referenciais adequados é uma exigência obrigatória no âmbito universitário:

“Estudei no SESI desde a primeira série, de primeira a quarta eu estudei em São Carlos, depois vim pra Leme na quarta série e fiquei até o final do ensino médio, eu gosto do ensino do SESI, sempre gostei, sempre achei que fosse uma escola que exige bastante dos alunos, tanto é que quando eu vim fazer os trabalhos da universidade eu não tive tanta dificuldade porque eu já tinha feito um monte de trabalhos, questão de referencia bibliográfica, lá eles já pedem, principalmente no ensino médio, o lance de plágio, é uma escola que exige bastante do aluno, eu acho que foi um ensino bom. Era diurno, na parte da tarde eu estudava, e fazia técnico na parte da manhã em eletroeletrônica no SENAI[...].” (ALUNA C 21)

Além do ensino do SESI, as Escolas Técnicas Municipais de diferentes cidades também foram elogiadas, como mostram os depoimentos abaixo.

Um estudante destaca que não teve dificuldades, destacando ter vivenciado um ensino de qualidade:

“[...] o ensino médio eu estudei na ETEC e também foi muito bom, eu fiz integral, médio e curso técnico em administração, e também não tive nenhum problema, nenhuma dificuldade.” (ALUNO I 18)

Comparado a outras escolas que este outro estudante já frequentou, destaca que a escola técnica foi a melhor, no que se refere ao conteúdo do ensino:

“Eu sempre estudei em escola pública, no médio eu fiz escola técnica, que você passa por aquele Vestibulinho, aí eu consegui passar, chama ETEP fica em Paulínia, lá eu fiz técnico em química com comitente em ensino médio, [...] então foi a escola mais forte que eu estudei.” (ALUNA I 20)

E uma estudante recorda alguns conselhos de seus familiares pedindo para que estudasse em uma escola mais próxima a sua casa, porém sua mãe almejava uma formação qualificada, considerada a melhor da cidade.

“[...] eu fui pra ETEC fiz o curso técnico e o ensino médio normal, e quis continuar nisso, e a maioria das pessoas da minha família falavam “não, vai para escola pública é ali próximo da sua casa”, mais a minha mãe não, ela falava “você vai estudar, você vai fazer em uma escola técnica que é a melhor que tem”, então fiz técnico em química.” (ALUNA C 22)

Outros estudantes apenas citaram a o colégio técnico e o curso que escolheram.

“Eram escolas diferentes, o ensino médio era em uma, na escola normal e aí o primeiro técnico eu fiz em ETEC, em logística, então estudei em duas escolas ao mesmo tempo. E anoite quando eu fiz química consegui bolsa em uma escola de curso técnico particular.” (ALUNA C 23).

“O ensino médio eu fiz em escola técnica, eu estudei na escola técnica em Limeira, então eu fiz médio e técnico em química[...].” (ALUNO C 25).

Um estudante iniciou o curso técnico, porém houve o desmembramento e para continuar era necessário realizar o vestibular, optou por não concluir, e mesmo não concluindo o ensino técnico considera que os conhecimentos adquiridos nas disciplinas que cursou foram válidos, comenta que esses conhecimentos adicionais poderiam ser úteis quando decidisse qual área seguir.

“[...] no ensino médio eu estudei em uma escola de comércio, uma escola com formação técnica, só que era ou contabilidade ou administração, então eu entrei lá no primeiro colégio, mas tinha aquele processo de Vestibulinho, então tinha que fazer a prova pra ver se você conseguia a vaga[...] mas no período que eu entrei no colégio desvinculou o técnico do ensino médio, era articulado mas assim que eu entrei desmembraram o currículo, então no primeiro ano ainda tive contabilidade pública, geral e mecanografia, mas o segundo ano já era outra grade, que era a grade do ensino médio, se eu quisesse fazer o técnico então eu teria que passar pelo processo de matrícula do técnico, terminado o colegial e fazia dois anos, ou de contabilidade ou de administração, eu não quis fazer.[...] as disciplinas de contabilidade era uma coisa que eu achava diferente dentro do currículo[...] era um tipo de conhecimento que era válido, talvez por que você saía com uma perspectiva e aprendia coisas fora daquela grade padrão, então nesse sentido posso dizer que era uma coisa bacana[...]” (ALUNO C 28)

Outros estudantes realizaram apenas o ensino básico, uma aluna estudou em escola pública em uma cidade do interior no ensino fundamental e ao se mudar para São Paulo, que é considerada uma cidade maior, optou por estudar em uma escola particular, seu pai não considerava que o ensino em uma cidade grande poderia continuar com a mesma qualidade.

“Fiz o fundamental I e II em Araraquara, só o médio que eu mudei pra São Paulo e meu pai me colocou na particular porque ele não confiou no estudo que eu tive no interior, então ele falou “agora você vai em uma escola particular em São Paulo, porque você precisa estudar muito no ensino médio” que era o caminho da faculdade já, mais era uma particular de bairro, [...] ela pelo menos acompanhava o ensino público do interior, aí eu acompanhei, cheguei lá e acompanhei porque o que eu aprendia na escola pública no interior era igual, e depois que eu chego em São Paulo é muito defasado, o Professor do interior quase não falta.” (ALUNA C 24)

Outra aluna que estudou a vida toda em escola pública em uma cidade do interior do Estado de São Paulo considera que o seu ensino fundamental foi de boa qualidade, sendo alfabetizada nos primeiros anos de escola. No ensino médio a realidade mudou um pouco com a falta de professores e o cansaço em precisar balancear trabalho e estudo, porém a escola estadual forneceu uma base boa por não faltar professor de português e matemática:

“As escolas que eu fiz foram todas públicas, o meu ensino fundamental foram escolas da prefeitura, e foi um ensino muito bom, o ensino da minha cidade é um ensino de qualidade, então eu tive uma boa estrutura, eu consegui ser alfabetizada no ensino infantil, já sai lendo e escrevendo, e o ensino fundamental foi bem tranquilo, já quando eu fui pra rede estadual que era quinta série em diante aí já foi um choque

de realidade, tinha muita ausência de professor de muitas matérias, também tinha a questão da precariedade da escola, que também era uma dificuldade muito grande e quando eu fui pro ensino médio eu fui pro ensino noturno, que também foi uma dificuldade muito grande, a falta de professores aumentou ainda mais, a carga horária das matérias diminuíram muito, e também entrou um cansaço muito grande da minha parte porque o ensino médio inteiro eu já trabalhava, trabalhava durante o dia e estudava de noite, mais em um modo geral sim me deu uma base muito boa, mais base porque eu tive alguns professores de matemática e língua portuguesa que isso nunca faltou, então acho que foi por isso que eu consegui[...]" (ALUNA C 27)

Alguns estudantes, além do ensino básico, tiveram a oportunidade de realizar o cursinho preparatório para o vestibular, porém uma aluna não considerou que o cursinho foi essencial para ajudar a ingresso na universidade.

"Fiz um ano de cursinho[...], não gostei muito, porque eu fiz noturno e eu não sei sabe, eu não senti que eu tive um preparo muito bom[...]" (ALUNA I 20).

Um aluno destaca que a ótima condição financeira da família foi importante para conseguir um estudo de qualidade, toda a sua trajetória do ensino básico ocorreu em escolas particulares, além do cursinho preparatório para o vestibular.

"Eu estudei até a quarta série em uma escola particular lá em São Paulo, normal, aí depois quando virou sexto ano eu fui pra uma escola católica particular também que eu estudei até o ensino médio, daí eu fiz cursinho no final, no terceiro ano, porque minha família tem condição financeira né, a escola era boa né comparado com o pessoal que eu conheço atualmente, tanto que eu entrei direto na universidade." (ALUNO C 21).

Este âmbito de análise foi bem descritivo, pois os estudantes apenas abordavam, em seus depoimentos, aspectos avaliativos da qualidade do ensino, nenhum entrevistado entrou em detalhes sobre os aspectos da docência, dessa forma nenhum eixo de análise foi destacado ou comentado.

2.2 Experiências escolares

Os estudantes foram questionados sobre as **experiências do ensino básico**, a fim de perceber quais foram os momentos marcantes no cotidiano escolar.

No exercício de entendimento das significações construídas no cotidiano escolar, estabelece-se também a articulação entre as relações dos sujeitos com os diversos saberes, visto que essa relação será primordial para a definição dos papéis mobilizados pelos sujeitos no processo educativo e que podem definir também seu lugar social. (VIEIRA, 2013 p.104-105)

Consideradas bem sucedidas

Ao falar sobre experiências escolares bem sucedidas a maior parte dos entrevistados expôs alguma experiência pessoal que muitas vezes era ligada ao mérito acadêmico, como passar em um concurso, ganhar um prêmio de melhor aluno ou receber algum elogio devido à sua capacidade intelectual.

“Eu lembro do ensino fundamental, da oitava série, que tinha a cada quadrimestre um aluno destaque por sala, e aí teve um que eu fui.” (ALUNO I 18).

“Na oitava série na formatura tem uma homenagem para os melhores alunos, e eu fui considerada como melhor aluna, a gente ganhou uma medalha e um pen drive que eu carrego comigo até hoje o pen drive meu salvador.” (ALUNA C 21).

“Eu tive uma professora de biologia que ela me elogiou muito, é que assim a escola que eu estudei era uma das piores da cidade, então não sei nem como eu passei aqui, então tipo ela estava explicando tudo, ensinando lá e a gente tinha aquela apostila “super legal” do governo, e eu estava fazendo, perguntando, debatendo com ela e ela perguntou pra mim, isso foi no ensino médio no segundo ano, se eu tinha vindo de alguma outra escola né, “mais você não estudou aqui?”, e eu falei “estudei”, ela “você não veio de nenhuma escola particular?”, eu falei “não, ela “você é muito inteligente pra estar aqui”. (ALUNA C 23).

“Quando eu estava na escola eu fazia muito concurso, lá em Palmeiras, nas escolas os professores escreviam a gente muito em concursos de redação, a nossa cidade tinha muito concursos de jornais locais, e eu sempre me envolvia porque eu sempre gostei muito de escrever, então uma das boas memórias que eu tive é que eu sempre consegui ganhar prêmios nos concursos, naquela redação da EPTV eu também tive uma boa colocação, mas na escola como um todo era muito simples, o ensino da prefeitura a gente tinha esses concursos mais eram muito infantil, mais me fez tomar gosto pela profissão.” (ALUNA C 27).

“[...]pra mim foi muito gratificante quando eu passei pro ensino médio, porque era uma escola muito concorrida, então era uma coisa que eu realmente queria e me engajei e era até então uma realidade que não participava da minha realidade, porque apesar de ser uma escola... agora não esta, não tem mais o mesmo critério, vamos dizer assim, as pessoas não enxergam ela mais como enxergavam a 10 anos atrás, eu terminei o ensino médio em 2007, então vamos dizer a 10 anos atrás. É a escola que conhece o valor vamos dizer assim, então era uma escola muito concorrida, então por exemplo, eram 40 vagas e um monte de alunos prestando e você tinha que ficar entre os 40, isso foi uma conquista até então e que não era uma realidade assim, vamos dizer, poderia ser possível, mas não era possível porque tinha concorrência né, tinha um numero, poderia ficar entre os descendentes, então estudavam pessoas nessa escola com uma condição melhor que a minha socialmente, vamos dizer assim, há dez anos atrás.” (ALUNO C 28).

Alguns alunos consideraram como **experiência bem sucedida** momentos em que conseguiam **transmitir conhecimentos a outros estudantes**, sinalizando a **identificação com a docência desde o ensino básico**.

“Olha, eu tive uma experiência muito boa no ensino médio de trabalho voluntário[...] eu sempre participei da pastoral da criança, então eu sempre tive um contato assim,

maior em aprendizado e tudo, e acho que isso é uma coisa positiva que eu tirei de todos esses anos” (ALUNA I 19).

Neste outro relato, **além da identificação com a docência**, a aluna já começa a **perceber e se apropriar dos saberes docentes**, identificados como positivos, ao observar seus professores.

*“Eu sempre **gostei de ensinar**, como eu vim sempre de escola pública minha sala era tipo 99% de escola particular, então eu realmente tinha muita dificuldade, em atividade assim, eu só aprendia baskara, aí vem log, vem exponencial, vem toda aquela coisa que eu não sabia absolutamente nada, então eu comecei a estudar muito, muito, muito, e eu também tinha amigos que mesmo de escola particular que também tinham dificuldade, então **eu começava a ensinar eles**, então quando a gente tinha aula vaga **eu ensinava na lousa**, mas sempre tinha aquela aula que eu percebia que era tipo, nossa **ele ou ela escreveu de tal jeito gostei, falou de tal jeito legal sabe, então acabava usando isso quando eu ia ajudar alguém.**” (ALUNA I 20).*

Um aluno destacou uma experiência bem sucedida à inserção do rádio na escola como uma maneira de dar voz aos alunos.

“eu lembro que no fundamental o grêmio da escola, conseguiu, por exemplo, colocar rádio na escola.” (ALUNO C 28).

E um aluno considerou a aceitação de seus amigos sobre sua orientação sexual como um acontecimento bem sucedido.

“Isso é bem pessoal, deixa eu ver, quando eu me assumi como gay que aí todo mundo me aceitou e isso é a melhor coisa que eu lembro no meu ensino médio.” (ALUNO C 21)

Outra parte dos entrevistados destacou a **relação com os professores como acontecimento bem sucedido**, a relação de proximidade que os professores estabelecem com os alunos facilita o diálogo e a aprendizagem, “saber estabelecer uma relação com os alunos é mais importante do que saber estabelecer uma relação com os especialistas” (TARDIF, 2002, p.51)

*“No ensino fundamental teve um episódio de um professor de Ciências, eu não sei a formação dele, se ele era químico, biólogo ou físico, ele era **um professor que sempre levava algo de diferente pra sala**, eu não lembro o nome do experimento, mais ele levou aquele que parecia uma câmera que você via ao contrário, eu não me lembro de acordo com o que aconteceu, mais lembro que ele sempre fazia isso, e **sempre incentivava** falava que eu tinha que seguir aquele caminho, então **foi ele que me deu o início também na química, foi graças a ele que eu gostei dessa área**. No ensino médio eu lembro que tinha uma professora de língua portuguesa, todas as redações que eu entregava pra ela sempre corrigia mais corrigia com o intuito de eu tentar melhorar, tentar melhorar não de dar uma mastigada falando “você errou aqui e aqui não”, eu refazia e ela me mostrava os caminhos sabe, então eu acho que isso aí também foi uma parte bem sucedida porque **um professor muitas vezes mostrar um erro é fácil, mais ele tentar fazer você caminhar, você conseguir chegar no que você errou para você melhorar eu acho que é um caminho bem sucedido.**” (ALUNA C 22)*

*“Eu gostava no ensino médio como os professores da escola particular tratavam a gente, eles **tratavam a gente mais de igual pra igual** e no ensino público mesmo no interior a gente era tipo um numero.” (ALUNA C 24)*

*“Eu sempre gostei de ir à escola, então sempre gostei da maioria dos meus professores, tanto do ensino fundamental quanto do meio, eu sempre tive uma **boa relação com os professores.**” (ALUNO C 25).*

Consideradas mal sucedidas

Entre as experiências escolares consideradas **mal sucedidas**, alguns estudantes destacaram acontecimentos pessoais, como por exemplo, a **afinidade com uma área do saber** como uma estudante comenta.

*“**Não me dava bem com humanas**, não entrava humanas” (ALUNA I 19).*

A forma como o relacionamento entre os alunos de uma classe interfere nos aspectos escolares também foi considerada nos depoimentos, uma aluna relata que a separação de grupos manteve um clima ruim dentro da sala de aula:

“Teve várias brigas na minha classe, briguinha de amizade, só que foi muito forte no segundo ano do ensino médio, separou a sala totalmente, porque eu andava junto com uma galera e tinha outra galera, e a menina da outra galera quis ser minha amiga, e pelo fato da gente ser amiga as pessoas ao redor ficaram com ciúmes, e virou uma bola de neve, envolveu diretor, coordenadora e tudo da escola por causa desse rolo, no terceiro ano conseguimos nos reconciliar, mais na verdade eu nunca briguei com ninguém diretamente as pessoas que ficavam brigando comigo, mais ficou um clima muito pesado na sala, tanto que a coordenadora chegou a chamar os alunos pra conversar, foi bem pesado, uma coisa ruim.” (ALUNA C 21).

Outro aluno destaca que os estudantes se aborreceram ao precisar mudar para uma sala de aula afastada das outras por conta de uma cirurgia, estabelecendo um clima ruim, porém quando perceberam a gravidade do acontecimento entenderam o motivo da troca.

“Sim, quando eu fiz uma cirurgia na perna, que eu tinha problema na perna, foi em 2011, no primeiro ano do ensino médio, que como eu fiz cirurgia na perna o diretor da escola teve que mover a minha sala pra uma sala que fosse no térreo, e como todas as salas eram em um prédio específico cheio de escadas então a minha turma foi pra um prédio afastado, escuro, e aí como na época que a gente mudou eu de fato ainda não tinha feito a cirurgia, todo mundo ficava falando “aí quem que fala pra trocar de lugar, aí quem que é o aluno que colocou a gente aqui”, aí ficou aquela coisa meio esquisita, e quando viram o grau da cirurgia que eu fiz aí todo mundo entendeu.”(ALUNO C 21).

Nos depoimentos acima, os alunos consideram que a **boa relação com outros estudantes é importante** para manter a harmonia da sala. Nesta fase da escolarização fazer parte de um coletivo é muito importante para os estudantes sentirem-se acolhidos como parte

de um grupo. PEREZ (1998) complementa dizendo que “a educação, num sentido amplo, cumpre uma iniludível função de socialização”. (p.13)

Uma aluna considera o **pior acontecimento** do ensino básico o **falecimento de uma amiga**, e a forma como este acontecimento **modificou alguns os aspectos escolares**, fazendo com que ela optasse por mudar para uma nova escola.

“Quando eu estava no primeiro ano do meu ensino médio eu tive uma amiga que morreu por violência, ela foi assassinada e a gente estudava junto, então isso pra mim na época, pros meus colegas de turma, a gente teve um baque muito grande, porque a escola já era tido como violenta, e aconteceu esse fato, tanto que eu até mudei de escola, perdi o contato com muita gente, com amigas que a gente tinha em comum, eu lembro que foi no começo do ano que aconteceu, no início do primeiro ano do ensino médio e teve dois professores que desistiram de dar aula pra nossa turma, e alguns outros que começaram a pegar muito leve, não forçava muito com agente e o clima ficou e bem pesado na aula, foi um ano bem difícil pra estudar, mas tinha que estudar e eu estudei, mais foi um fato bem ruim, acho que foi o pior.” (ALUNA C 27)

Entre os dados obtidos, **a falta de professores**, também foi **considerada como acontecimento mal sucedido**, pois muitas escolas não conseguem substituir os professores, defasando o ensino e prejudicando a educação dos estudantes.

“Ah assim, é muita falta de professor né, no terceiro ano a gente teve muita pouca aula de português, no primeiro ano quando eu entrei nosso professor de matemática tinha passado em um concurso da prefeitura porque ele era engenheiro, então ele abandonou as aulas, a gente não tinha professor de matemática, aí eles arrumaram uma professora lá que estava aposentando também, ela ficou pouco tempo, se aposentou e largou a gente também, ficamos nessa de vai um vai outro. E aí no terceiro ano foi a falta de professor de português mesmo.” (ALUNA C 24).

Além da falta de professores, a diferença no tratamento de alunos que tinham mais dificuldades foi outro ponto destacado.

“Tinha bastante professor que fazia diferença com os alunos, porque eu tinha dificuldade e tipo completamente 100% da sala não” (ALUNA I 20).

Outro destaque **em relação aos professores**, relaciona-se com os saberes docentes, a **falta de flexibilidade sobre a metodologia do professor**, que não conseguia modificar seu método de ensino embora soubesse que o método utilizado não estava as atingindo as expectativas, no relato, a aluna comenta que a formação da professora pode não ter sido tão eficaz.

“Lembro, no ensino fundamental eu era muito ruim em matemática, no segundo ano eu não consegui entender a questão de divisão, porque a professora me ensinava uma coisa e quando eu chegava em casa minha mãe me ensinava de outra maneira, e a professora nunca mudava a metodologia por que eu não entendia, eu perguntava

*“professora eu não entendi” e ela “mais como?” e explicava do mesmo jeito todas as vezes, tanto que eu ficava de recuperação, não dava certo, até que minha mãe foi na sala de aula em uma reunião e falou “agora você vai me ensinar”, a professora ensinou toda a divisão pra ela e minha mãe me ensinou e eu entendi, foi uma questão má sucedida, porque se minha mãe não tivesse tido aquela atitude eu ia continuar nisso e ia para o terceiro ano e a matemática seria a mesma coisa, no quarto ano iria só piorar porque não ia ter progressão, por exemplo, a professora não mudar o método de ensino e ela ver que todo mundo não está entendendo o que ela está explicando é **uma questão de a formação dela também foi um pouco prejudicada**, e o método que ela não tentou fazer que o aluno melhorasse.” (ALUNA C 22).*

Um aluno destaca que ao refletir sobre o seu ensino médio percebe que **as relações dos professores com os alunos tinham alguns problemas**, porém na época ele nunca havia percebido, pois nunca teve um professor diferente como referencial, considera que **todos os professores** que passaram pela sua trajetória no ensino básico **eram tradicionalistas e inflexíveis**:

*“[...]na época eu não tinha um olhar tão crítico quanto a prática docente, hoje olhando de volta pro passado, eu percebo **alguns problemas nessas relações professor-aluno**, e como os outros professores se comportavam, eles **eram bastante tradicionalistas, inflexíveis**, eu não sei má sucedida porque eu não enxergava desse modo, eu achava que aquilo era normal porque todos que eu tive eram daquele jeito, eu nunca tive um professor que realmente se preocupava com o desenvolvimento do aluno[...].” (ALUNO C 25)*

Um aluno considerou um **acontecimento mal sucedido a falta de infraestrutura** da escola e de que forma isso interferiu em sua educação:

“[...]era uma experiência muito mal sucedida quando eu estava no sexto ano, não tinha sala pra nós,[...]mas a gente por exemplo, estava quatro salas de sextos anos e a gente tinha que ocupar a sala daquela turma que tinha educação física que descia pra quadra, e então foi o ano todo assim, não foi um período, então sempre tinha aquela coisa de subir em uma sala e a turma está lá, ou atrapalhar no corredor com barulho.” (ALUNO C 28)

Os acontecimentos relatados fazem parte de momentos gravados na memória dos estudantes. Muitos entrevistados tiveram dificuldades em lembrar-se de algum acontecimento, tanto positivo quanto negativo, sinalizando que talvez nunca tivessem pensado sobre isso. Porém era perceptível a empolgação quando se lembravam destes momentos, foram momentos realmente marcantes que os modificaram de alguma maneira, principalmente os relatos pessoais sobre reconhecimento de méritos e a relação com outros alunos. Alguns eixos de análises apareceram durante a fala dos estudantes de forma mais sucinta, mostrando que a identificação com a docência pode surgir no ensino básico, e que os estudantes lembram-se de suas experiências com um olhar mais crítico em relação à prática do professor.

2.3 Professores do Ensino Básico

O presente tópico trará as lembranças dos entrevistados sobre as atitudes e comportamentos de seus professores do ensino básico, considerando aspectos positivos e negativos. A atividade docente “é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas [...] Essas interações são mediadas por diversos canais: discurso, comportamentos, maneiras de ser, etc.” (TARDIF, 2002, p.50)

Aspectos Positivos

Acerca dos **aspectos considerados positivos**, as **relações que os professores estabelecem com seus alunos** se destacam, a vontade de conhecer as particularidades e dificuldades dos estudantes é importante para perceber formas de contribuir com sua educação.

*“Olha os meus professores tanto no ensino médio quanto no fundamental as atitudes positivas eram sempre as questões de **buscar o aluno**, tentar se esforçar, cada vez ter mais iniciativa [...]dos demais que eu tive tanto na escola técnica que era uma escola voltada pra trabalhos na indústria, principalmente na área química, os professores sempre buscavam que a gente sempre aprendesse, sempre tentavam métodos diferentes para o aprendizado, acho que é a melhor parte positiva.”* (ALUNA C 22).

*“Eu achava legal nos professores que eles **lutavam muito pela nossa causa** mesmo que era pra enfrentar a direção, a coordenação, por exemplo, em questão de gravidez precoce que a diretoria já queria mandar a aluna pra casa e ficar mandando trabalho, e os professores falavam não, deixavam o aluno frequentar até levar o filho na sala, e eles deixavam, a criança chorava, a mãe saía e não era uma coisa que incomodava o professor, isso eu achei muito legal da parte deles, ainda mais em uma escola particular.”* (ALUNA C 24).

*“Eu gostava muito de uma professora do ensino médio de português, eu tive aula só no terceiro ano com ela, ela era um pouco diferente dos outros professores, ela era uma exceção, eu gostava muito das aulas dela porque **ela era muito atenciosa** com a gente, então mesmo sendo uma professora de português e não sendo minha disciplina favorita ela era a minha professora favorita porque tudo o que eu aprendi de português eu aprendi nesse último ano perguntando pra ela, então ela **fugia do modelo tradicional de professor** da ETEC, que eles valorizavam essa rigidez de professor na escola, a escola achava bonito ser rígido e inflexível com o aluno, e ela era a exceção, acho que as aulas com ela me marcavam no sentido de que ela sempre buscava a atender as dúvidas dos alunos e explorar aquilo na aula dela, eu acho que ela marcou nesse aspecto da preocupação com o aluno.”* (ALUNO C 25).

O bom relacionamento é marcante na vida dos estudantes, muito alunos **se espelham em seus professores ou em suas práticas**, e neste momento o apoio que o professor pode proporcionar ao aluno pode interferir diretamente na escolha de sua profissão.

*“Positivo, eu tinha um professor de química do ensino médio, eu **me inspiro nele até hoje**, ele é um **excelente professor**, e é que eu me inspiro assim de positivo, ele **dava***

uma aula diferente, quem não gostava de química entendia, então ele ia só com o giz na mão mais nada, tudo na cabeça dele, todo mundo que estudou com ele gosta dele.” (ALUNO I 18)

*[...] no ensino médio já conversa com todos os professores, **tinha uma relação dentro e fora das salas**, tanto que eu converso com alguns até hoje.[...] principalmente minha professora de química, eu falei pra ela que eu tinha vontade, e aí ela falou assim, meu você se dá muito bem, por que eu geralmente acabava as coisas primeiro na sala, então as vezes ela não dava conta por causa da quantidade de alunos de explicar e **eu ajudava os meus amigos a entender a matéria, a entender algum exercício**” (ALUNA I 19)*

*“Eu acho que eles foram pessoas que me ajudaram bastante, os professores tem uma relação muito boa com os alunos no SESI, eu estou fazendo estágio agora e vejo a relação do professor que eu estou acompanhando e é completamente diferente, o **professor era amigo** nosso lá dentro, apesar de exigir bastante a gente conversa e tudo, e **o professor de química me marcou bastante**, porque quando eu falei que queria fazer química ele adorou e **me deu maior apoio**, ele me ajudou a estudar para o enem, me dava material além do que passava na escola.” (ALUNA C 21)*

A paciência e **diversidade de metodologias** fazem a diferença para o entendimento dos estudantes, cada aluno possui seu tempo e sua maneira de aprender, o professor precisa saber trabalhar com as diferenças para conseguir ensinar todos seus alunos.

*“Ah aquele professor que **explicava de todas as formas possíveis** até eu entender, até qualquer pessoa entender.” (ALUNA I 20).*

Uma aluna comenta sobre a **dinâmica** que sua professora utilizava para auxiliar na aprendizagem de seus alunos e manter a ordem na classe.

*“Eu me recordo que eu tive uma professora na quarta serie e ela tinha um **dinâmica de sala de aula de juntar alunos que tinham dificuldade com alunos que tinham bom rendimento**, e a gente não sabia quem tinha um bom rendimento, quem tinha um mal rendimento porque ela também não mostrava notas pra gente, só mostrava notas pros pais nas reuniões de pais, então a gente fazia uma prova e não sabia se a gente ia bem ou não, aí ela só falava no geral que a sala foi bem, essa **dinâmica dela de trabalhar eu via assim que não mostravam os alunos que eram ruim e não mostravam os alunos que eram bons e eu me recordo também que ela tinha uma maneira de lhe dar com indisciplina**, ela nunca chamava ninguém pra dentro da sala tipo inspetor, diretor, ela sempre resolvia com a gente no diálogo, e o que ela fazia eram punições, ela exigia também da gente uma honestidade, então a gente saia pro intervalo, só que a gente tinha que voltar 10 minutos mais cedo e ficar sentado na porta da sala, ou se a gente brigou com alguém na sala a gente tinha que ficar uma semana dando a fila da merenda para aquela pessoa, foi na minha quarta série, uma professora que eu tenho contato até hoje a Luciana, ela é muito boazinha, acho que foi uma coisa positiva.” (ALUNA C 27).*

É interessante observar como a professora, do relato a cima, trabalha no exercício cotidiano de sua função, buscando alternativas diversificadas para contornar as situações encontradas, “os condicionantes aparecem relacionados a situações concretas que não são

passíveis de definições acabadas e que exigem improvisação e habilidade pessoal, bem como a capacidade de enfrentar situações mais ou menos transitórias e variáveis.” (TARDIF, 2002, p.49)

Ao discursar sobre seus professores a percepção sobre os saberes da docência surgem, e, sobre aspectos positivos, ainda é muito forte a valorização das relações entre professor-aluno.

Aspectos Negativos

O dia a dia de um professor pode ser bastante agitado, com muitas salas de aulas, diversos estudantes e pouca paciência, porém é importante que o professor entenda que sua profissão requer um contato constante com outras pessoas, e uma atitude ou fala impensável e sem más intenções pode interferir de forma significativa na vida de um estudante. A prática docente exige do professor “a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas” (TARDIF, 2002, p.50)

Existem algumas situações que a **falta de paciência e de didática do professor agiram diretamente na formação pessoal dos estudantes**, bloqueando características importantes, como relatam nos depoimentos abaixo.

*“[...] eu sempre tive dificuldade com história, aí minha professora estava falando dos negócios lá da revolução industrial e sei lá o que, e eu não entendia nada daquilo, aí eu estava meio perdido, e eu perguntei se naquela época já tinha energia elétrica, aí ela me deu um baita de um sermão “como assim, a gente está falando da primeira revolução industrial era tudo carvão”, me deu um sermão porque eu tinha dúvida, aí eu acho que **nunca mais tirei dúvida por causa disso**.” (ALUNO C 21).*

*“[...] então eu lembro até hoje de um professor, é uma bagagem que eu carrego, tanto é que minha mãe sempre fala “Você tem que acreditar mais em você” só que me lembro disso, [...] quando tinha prova ele ficava intercalando ou não algumas provas diferentes, ele falava assim “uma prova difícil pra você porque você é inteligente, uma prova fácil pra você porque não sei se você vai conseguir”, e ficava fazendo isso, só que intercalando ou não, fácil e difícil, pra mim era sempre a fácil, e ele sempre falava “que eu acho que você não vai conseguir”, então todos os anos eu passei por isso[...] Eu também tive um professor, de matemática, que meus pais no começo perguntaram se seria interessante eu ter aula particular, ele falou “**ih, não tem jeito**”. (ALUNA I 20).*

“Eu era muito fechada no meu ensino fundamental e às vezes o professor pedia pra ler e eu não lia, e aí o professor ficava forçando isso e quando eu lia eu lia muito baixo, e o professor ficava: lê mais alto, lê mais alto, só que eu não conseguia ler mais alto.” (ALUNA I 19).

A **violência e descaso por parte dos professores** também foi relatado, lastimável fato que ainda se faz presente em nossa sociedade, “temos testemunhado situações em que a

fronteira simbólica da escola é atravessada por casos de violência, problemas derivados da perda do sentido de autoridade acadêmica dos professores” (CAMPOLINA; OLIVEIRA, 2009, p. 372).

“Eu tive uma professora na terceira série e ela utilizava muito de violência física com os alunos ruins, foi ali que eu acho que eu quis ser uma boa professora olhando ela, por ela ser muito má com a gente, ela gritava muito, e também eu tive professores no meu ensino noturno que eles criminalizavam a gente porque fazíamos noturno, então eles não passavam matéria, já passavam uma questão com a resposta e falavam que a gente não precisava muito mais do que aquilo, então acho que esses foram exemplos ruins.” (ALUNA C 27).

A **falta de ética profissional** no sistema escolar pode impedir alunos de reclamar de atitudes dos professores que consideram ruins para seu aprendizado, como mostra o seguinte relato:

“Negativa eu me lembro de uma professora de história na oitava série, que ela não fazia absolutamente nada, só ficava sentada conversando e aí uma vez eu e uns amigos fomos reclamar dela pra coordenação e a coordenadora era a melhor amiga dela e contou com os nossos nomes, aí chegou na sala ela falou assim “eu estou de olho em vocês”, em vez de melhorar só piorou o clima.” (ALUNO I 18).

Muitos estudantes não conseguiram recordar de acontecimentos negativos em relação aos seus professores, a maior parte dos depoimentos obtidos foram acontecimentos que marcaram os alunos de forma pessoal.

2.4 Trajetória dos estudantes até chegar à universidade

Serão relatadas as **trajetórias de todos os entrevistados até chegar à universidade**, cada um demonstrou suas particularidades, caminhos e escolhas que os trouxeram até o curso de licenciatura em química UFSCar/Araras.

A maior parte dos estudantes almejavam outros cursos e só optaram pela química ao cursar o ensino médio ou profissionalizante, ou por influência de alguém, e pelo curso ser oferecido na região. E entre os estudantes que optavam pela química, a primeira opção era se formar em bacharelado, porém diversos motivos os levaram a cursar licenciatura.

Um estudante que almejava a universidade pública sentiu dificuldades nos processos necessários para o ingresso a graduação.

“Quando eu tive a noção de universidade pública, foi uma luta, porque eu não passei de imediato, então foram dois anos de cursinho e ainda fiz uma formação tecnológica, depois que eu consegui universidade pública, então eu fui fazendo outros caminhos e tentando esse. Até conseguir a química e em uma universidade pública, porque eu

vía que isso fazia diferença na vida dos meus amigos quando eles entravam na universidade pública.” (ALUNO C 28).

Uma estudante comenta que a licenciatura nunca foi sua opção, que apenas esta cursando essa modalidade por se tratar de um curso gratuito.

“Não, na verdade eu ainda não sabia o que eu ia fazer, por isso que eu comecei a fazer o curso técnico, aí depois do curso técnico eu falei nossa tenho mais seis meses só pra ver o que eu vou fazer o ano que vem de faculdade, aí foi aí que abriu a oportunidade do segundo técnico, e eu falei ah vou fazer, então eu consegui emprego na área de química, foi aí que eu falei vou fazer faculdade de química, comecei na UNIARARAS, onde eu tinha bolsa de 50%, mas eu estava com o nome na lista de espera daqui, e aqui eu não iria pagar, aí no fim eu fui chamada pra cá e a licenciatura veio no meio do caminho, o “não pagar” a licenciatura veio de brinde.” (ALUNA C 23).

Uma estudante tentou diversas vezes transferir para um curso bacharel, porém sempre ocorriam empecilhos fazendo com que continuasse no curso de licenciatura, por fim acabou aceitando a situação e se identificando com a área.

“Decidi no ensino médio que eu queria fazer química, só que eu queria fazer bacharel, então eu queria São Carlos de todo o jeito, eu entrei aqui no primeiro ano e queria transferir, conversei com meus pais e eles acharam que não era uma boa transferir naquele momento por questões financeiras, fiquei e gostei mais ou menos, eu queria transferir, no segundo ano um pessoal da minha sala transferiu e eu também queria transferir mais não deu certo, aí no terceiro ano eu desisti, e no terceiro ano quando eu desisti comecei a refletir sobre o curso e vi que não é uma coisa tão ruim, que o curso é bom, e comecei a gostar das matérias pedagógicas, fui me interessando mais pelas questões pedagógicas, comecei a fazer um trabalho na área, e agora estou aqui, estou contente, não que eu não tenha gostado nos dois primeiros anos, mas minha ideia era mesmo pedir transferência, mais depois que passou o segundo ano e eu vi que não daria para transferir mesmo, pensei em agarrar o que estava tendo e ver se dava gosto pela coisa, e comecei a gostar, eu queria USP a princípio, USP São Carlos era meu foco, mas não deu certo, eu fiz a prova da UNIARARAS também, mas como eu passei aqui eu não quis ir pra lá.” (ALUNA C 21).

Outra estudante relata que teve interesse em mudar para um curso bacharel e também mudou de ideia

“Eu sempre quis uma faculdade pública, agora não foi desde sempre que eu quis química, eu queria engenharia química na verdade, só que aí quando eu dei tempo de um ano antes de entrar na faculdade por que eu tinha 17 anos ainda e minha mãe não queria que eu morasse longe, eu até passei na faculdade mais minha mãe não me deixou ir, passei em minas só que minha mãe não deixou. E aí nesse um ano que eu fiquei fazendo cursinho, eu fui vendendo grade e vendendo todas as matérias do curso e vi que não era bem isso que eu queria e acabei mudando pra química, quando eu cheguei aqui eu ia transferi pra bacharel, quando eu comecei a fazer o curso eu acabei gostando da matéria, e falei ah eu vou fazer licenciatura mesmo, e quero terminar.” (ALUNA I 19).

Uma estudante relata colocar as duas opções de escolha, bacharel e licenciatura, e embora que no ensino básico sinalizava alguns aspectos sobre a identificação com a docência, a estudante nunca havia considerado essa hipótese.

*“Nossa, eu lembro que nos meus quatro anos de idade eu queria ser cardiologista, eu falava “mamãe eu quero cuidar de coração”, e minha mãe achava lindo, sempre teve essa coisa na área da saúde, tanto é que eu passei no COTIL em farmácia, só que quando eu passei eu já estava estudando química em Paulínia no FETEP, então pra mim seria muito mais fácil permanecer do que viajar todos os dias até Limeira e tudo mais, então acabei ficando em Paulínia e não fiz enfermagem. Eu só fiz lá porque o meu pai também fez técnico lá, então ele conhecia e insistiu tanto, “vá, vá, vá”, eu fiz, e acabei gostando. Quando eu fazia cursinho pré-vestibular tinha muita questão adaptada daqui, então eu comecei a gostar, e ficava visando a UFSCar, eu passo muita dificuldade aqui, ir e voltar cansa muito porque eu também trabalho, então fico lembrando disso pra ver se me anima, por que lá em Paulínia é tudo muito Unicamp, Unicamp, Unicamp... e eu acho isso errado porque tem outras faculdades muito boas também, eu acabei gostando da química. **A licenciatura** assim, desde o meu primeiro ano até o terceiro ano do ensino médio, eu comecei a ouvir algumas coisas que eu era boa nisso, aí eu ia lá e ensinava, ensinava na lousa, nunca tive problemas de vergonha com essas coisas sabe, você fica nervosa mais vai, mais assim nada muito concreto, eu tinha colocado lá no SISU bacharel e licenciatura, só que eu só consegui licenciatura por causa da nota, aí falei eu vou fazer.” (ALUNA I 20)*

No decorrer do curso a licenciatura chamou a atenção de alguns alunos que se **identificaram com a profissão de professor.**

*“No meu ensino médio lá na minha escola tinha a opção de você fazer junto com o técnico né, então eu fui fazer técnico em análises clínicas porque eu queria ir para a área da saúde, só que aí nesse técnico tinha uma carga muito pesada de química, então eu comecei a me interessar pela química, mas eu também queria na área da saúde. Meu objetivo sempre foi universidade pública, então comecei a ver as opções, na USP coloquei farmácia, pra UNESP tentei biomedicina, vendo as opções do ENEM falei nossa acho que eu vou tentar química, que era na verdade onde eu achava que não ia passar, e foi aonde eu acabei passando, eu queria bacharel, só que **no meio do curso eu acabei me apaixonando pela parte da licenciatura** sabe, tanto que agora se me perguntam sobre química eu falo “ah não gosto, não gosto de química estou estudando pra ser professor, não me pergunta nada de química”.” (ALUNO C 21).*

“Eu sou de Araras e não sabia que a UFSCar existia, pra ser sincera eu não sabia nada. Fui fazer o técnico e tinha um menino que estudou aqui e se formou a dois anos, e ele falou que tinha a UFSCar aqui em Araras, eu não queria fazer química, foi a minha opção do técnico mais eu queria fazer veterinária, era o curso que eu queria desde criança. Pensei que fazer um curso técnico era importante também pra trabalhar nessa área, esse curso vai me ajudar na graduação que vai ter conceitos que posso utilizar, mais quando eu entrei no curso técnico em química eu falei “é isso que eu quero pra minha vida”, aí quando eu vi o menino falando que aqui tem uma faculdade gratuita que ela é muito boa, uma universidade Federal e que tem o curso que eu quero, eu comecei a gostar, eu falei “é isso”[...] passei na UNIARARAS também, eu fiz um mês de UNIARARAS até aqui me chamar, eu sempre quis essa

opção, só que na UNIARARAS era Bacharel, **não queria licenciatura, eu não queria ser professora, porque sempre minha mãe falou assim “não, nunca que você vai ser professora”,** e quando eu comecei falei “não mãe, eu estou entrando pra trabalhar na indústria porque eu sei que vou conseguir, eu tenho um técnico e a indústria aceita também”, e **ela falou “Não, se você for trabalhar de professora, todos os professores sofrem, todos eles falam o quanto é ruim a profissão, você não vai querer isso, e vai ganhar pouco ainda”,** aí eu falei “Não mãe, eu não vou querer mesmo”, **no primeiro ano eu falei “mãe é isso que eu quero”,** que eu entrei no cursinho no primeiro ano, já entrei direto, só que eu não trabalhava dando aula, eu trabalhava na questão do PROEX, na secretaria, fazia umas coisas na seção de faltas de alunos, mais eu tive o convívio com eles, aí eu pensei e falei “mãe é isso que eu quero”, e ela “você não quer isso”, e eu “eu quero”, demorou muito pra ela começar a **entender o quanto que é gratificante a profissão,** hoje ela entende, mais fala que não é pra eu ser professora ainda, eu acho que **muitas pessoas, os professores mesmo, desvalorizam a profissão,** muitas pessoas apenas falam mal, não tem uma pessoa que fala bem, e quando eu falo bem ela não acredita, é difícil.” (ALUNA C 22).

A afinidade que alguns estudantes relataram ter pela docência acontecia antes da escolha pela química. Como mostra alguns depoimentos abaixo.

“É que durante a minha vida eu mudei muito de opções, uma hora eu queria português letras, depois matemática, eu **sempre vi que eu tinha um lado pra docência,** e aí quando eu entrei no ensino médio foi esse professor de química que **assim, eu me apaixonei pela química,** aí queria algum curso que envolvesse a química. E aí eu tenho um primo, que faz química aqui na UFSCar, ele é um ano a mais que eu, e aí eu conversei sobre o campus, ele me apresentou, e foi o que eu gostei, falei eu quero a UFSCar de Araras.” (ALUNO I 18)

“Eu adoro falar disso, o que aconteceu foi o seguinte, meu pai é químico, licenciado em química, aí eu queria muito fazer artes cênicas, ele me barrou muito nessa questão falando que não ganhava dinheiro, e eu falei “ah eu vou ser professora e ganhar dinheiro”, aí ele falou assim “não filha você é nova, você escolhe uma faculdade com um fim lucrativo melhor e depois você faz como hobby outra”, e eu caí nessa com 17 anos, então eu fiz cursinho e como o que eu queria fazer eu não podia, eu falei vou fazer química mesmo que era uma profissão que eu via naqueles guias de profissões da UNESP “a profissão do futuro” e eu prestei, UNICAMP, UNESP e USFCar, e **eu queria licenciatura mesmo,** todos eram licenciatura e eu pensei também em fazer letras, eu encanei no meio do cursinho que queria fazer licenciatura em letras, queria muito, aí a galera até zuava que letras é pra passar fácil, todo mundo passa, e eu falava “mais eu gosto, eu gosto de entender a palavra” e no fim não deu e eu **entrei na química e permaneci por causa da licenciatura,** porque é um curso que não me agrada, que eu não sou apaixonada, que eu não entendo com a mesma facilidade que o pessoal da sala entende, mais eu estou envolvida até o pescoço e eu vou ficar.” (ALUNA C 24)

“Desde criança eu sempre pensei em ser professor, aí depois eu fui afunilando as áreas de conhecimento que eu queria, fui sentindo mais afinidade com ciências e depois a química. Meus pais sempre me incentivaram a ler e desenhar, então quando eu entrei na pré-escola eu dei uma continuidade a isso, então eu sempre gostei do ambiente escolar desde criança, **na pré-escola eu tive uma professora que eu gostava bastante também,** então eu acho que tudo isso foi ajudando, sempre fui incentivado pelos meus pais a estudar, então eu acho que isso pode ter trazido uma proximidade

com a profissão, eu acho que **a proximidade com a ciências da natureza veio com os programas educativos que eu assistia, na TV cultura**, por exemplo quando eu era criança, eu gostava desses programas e acabei me aproximando mais disso, aí no ensino médio eu afunilei pra química, que foi entre química, física e biologia a que eu mais gostei. Quando eu me formei no ensino médio eu estava em dúvida, só no fim do ensino médio eu fui entrar em dúvida do curso que eu queria, porque tem duas coisas que eu gostava e almejada, uma era ser professor e outra era trabalhar com cinema que era outra coisa que eu gostava bastante, então antes de entrar aqui na UFSCar eu consegui bolsa em uma universidade particular pelo PROUNI, bolsa integral em uma universidade particular de Santos no curso áudio visual aí eu me mudei pra lá, fiquei um semestre estudando e percebi que embora eu gostasse bastante de cinema não era algo que eu queria seguir enquanto profissão, aí eu voltei e só prestei o ENEM mesmo, porque entre as universidades públicas a UFSCar sempre foi uma universidade presente na minha vida, então eu acabei só fazendo o ENEM mesmo e acabei entrando aqui, inclusive só descobri que tinha o curso de química em Araras por causa do SISU, porque eu achava que só tinha em São Carlos e Sorocaba.” (ALUNO C 25)

“Eu sempre quis ser professora, desde criança, eu consegui ser alfabetizada no ensino infantil e ali **minha professora era muito boa comigo**, ela é uma mulher muito boa, depois de um tempo a gente até trabalhou junto, e com ela ali muito próxima de mim **eu queria ser igual ela então eu peguei gosto pela profissão**, e por mais dificuldades que eu tinha uma certeza que eu tive é que eu queria ser professora, aí quando eu terminei o meu ensino médio eu queria trabalhar no ensino médio, eu terminei trabalhando, e eu queria só trabalhar na minha cidade mais a cidade é muito pequena e precisa ter uma profissão, eu prestei concurso da prefeitura, fiz tudo mais não tinha um salário que dava pra ajudar a minha família se manter, então eu fui estudar fiz um curso técnico em alimentos, me formei peguei o CRQ e arrumei um emprego em um laboratório de química, durante todo o curso do técnico eu queria trabalhar e pensei que seria em uma usina porque é o que tem na minha cidade, eu fui trabalhar em laboratório que dava garantia de qualidade de alimentos, e ali eu me encontrei trabalhar com legislação, com orientação prática para os funcionários, então eu gostei muito do ambiente e da área, e dava um dinheiro legal pra ajudar minha família, aí pensei em fazer uma faculdade na área porque só com técnico eu não iria conseguir me manter no emprego, então eu fui prestar faculdade, na verdade eu tinha vontade de fazer nutrição porque eu iria continuar na área de garantia de alimentos, mas todos os cursos que eu prestei eram financeiramente absurdos, então eu ouvi falar que tinha aqui perto da minha cidade a UFSCar, prestei, vim e fiquei. A química foi a necessidade de uma resposta financeira, eu me dei bem na área e vim fazer para ser professora de química, unindo a minha vontade de ser professora, e eu só queria continuar no meu trabalho, nas minhas análises, mais era uma empresa terceirizada e quando eu passei na faculdade não deu pra conciliar as duas coisas, e eu optei pela faculdade.” (ALUNA C 27)

Diversos foram os caminhos que trouxeram os alunos ao curso de licenciatura em química, ao comentar sobre essas questões, durante a entrevista, alguns estudantes concluintes e que gostariam de ter feito bacharel, demonstraram certo arrependimento, por cursarem licenciatura.

Os estudantes que tinham afinidade com a docência demonstravam satisfação com o curso, mesmo a química não sendo sua primeira opção.

Em muitos relatos, os professores mostraram grande importância na vida dos estudantes, em muitos casos a identificação com os professores foram essenciais para definirem suas escolhas na área da química e no curso de licenciatura.

Os alunos ingressantes, demonstraram entusiasmos em todas as respostas, até mesmo os estudantes que gostariam de ter cursado bacharel estavam empolgados com os primeiros anos do curso.

3. A Universidade e a formação docente

De acordo com Campolina e Oliveira (2009), o âmbito educacional compõe um sistema cultural com características exclusivas, compreende a universidade como espaço social voltado para a transição de conhecimentos e experiências, estabelecendo interações sociais, e um sistema de práticas no qual as trocas são mediadas por valores, crenças e significados.

Neste âmbito foram englobadas as questões de 9 à 24 que abordam a **vivência universitária** e os **aspectos da docência**. Analisamos as perspectivas da **cultura escolar** e de que forma os **saberes docentes** estão inseridos neste contexto. Tomando como referência à Dominique Julia (2001) exploramos a “caixa preta da escola, buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular”(p. 13).

Os processos de subjetividade são constituídos por meio de complexos processos de interação social, cujos resultados não podem ser previstos apenas pelo conhecimento dos sujeitos a respeito de suas posições nas estruturas sociais, mas podem ser melhores entendidos com o conhecimento do exercício das atividades cotidianas, com a observação dos diversos eventos mais ou menos imprevisíveis de que participam e com a observação dos modos de se relacionar com o espaço escolar e com o saber. (VIEIRA, 2013 p.103)

3.1 Aspectos Gerais sobre a Cultura Universitária

3.1.1 Dia típico na universidade

Iniciaremos com relatos sobre **um dia típico na universidade**.

QUADRO I. Relatos sobre um dia típico na universidade

Identificação dos alunos	Comentários
ALUNO I 18	“Geralmente eu chego aqui as 14:00 porque eu sou do PET [...] quando dá 17:00 horas geralmente eu venho pra biblioteca até as 18:00, aí quando da 18:00 horas eu vou jantar com os amigos no RU e depois pra aula das 19:00 às 22:40.”
ALUNA I 19	“O laboratório é o lugar que eu mais frequento [...]eu acabo almoçando aqui no RU , vou pro PET , fico a tarde inteira no laboratório, e eu faço bateria também , eu participo da bateria de segunda a quarta [...] do meio dia até as onze da noite eu estou na faculdade. ”
ALUNA I 20	“Eu chego geralmente 19:00 horas, bem em cima, aí eu corro janto no RU , [...]venho direto do serviço [...]aí eu vou pra aula, fico na aula , geralmente quando tem intervalo depois da aula eu fico fazendo alguma coisa, tipo assim revendo alguma coisa, lendo até um livro que as vezes eu trago, ou as vezes também esfriando a cabeça, vendo alguma rede social e esperando meu ônibus, mais ou menos isso.”
ALUNA C 21	“Chego faltando 20 minutos para aula, venho de Van, costumo comer alguma coisa na cantina ou tomo café em casa e venho pra cá, fico nos banquinhos esperando dar a hora da aula conversando com alguém que chega , vou pra aula, durante o intervalo um lugar que vou bastante é naquele espaço perto do bebedouro do LIG , fico por ali com meu namorado, e depois pra sala e no final direto pra van porque geralmente a gente sai bem em cima da hora, também faço um trabalho de extensão, as oficinas temáticas , criamos um calendário e estávamos fazendo nas sexta feiras que eu não tenho aula, aí vinha umas 16:00 pra cá arrumar a oficina, levamos a oficina pra uma escola de Araras, e isso foi nas terças-feiras que eu não tenho aula no período da noite, os alunos interagem é bem bacana.”
ALUNO C 21	“Um dia típico é meio difícil porque esses meus dias típicos eles vão mudando a cada semestre, que tem semestre que eu estou mais animado com a universidade aí eu passo aqui o tempo todo, não só tendo aula sabe, mais fazendo alguma atividade extra , aí tem semestre que eu estou mais desanimado, que eu fico em casa o tempo todo, procrastinando, aí eu venho por causa da aula, reclamando ainda, então acho que depende muito das disciplinas que tem no semestre, e do meu ânimo sabe.”
ALUNA C 22	“Eu chego na faculdade as vezes não dá nem tempo de jantar, porque eu chego atrasada, eu trabalho e fico o dia todo no trabalho aí venho direto, algumas vezes eu janto e algumas vezes não, aí como eu tenho janela em alguns desses dias eu fico no LIG terminando alguns trabalhos , eu entro na maioria das vezes nas aulas as 21 horas, quando eu tenho cálculo eu entro esse horário e fico até as 22:30 e depois vou embora, aproveito o tempo que eu tenho pra terminar alguns trabalhos que eu não consigo fazer em casa. ”
ALUNA C 23	“Ah eu chego, vou pra sala de aula , que é de costume, aí na hora do intervalo eu saí, ou fico na sala, se tem aula eu volto pra aula depois do intervalo, se não eu vou pro LIG que eu estou com algumas janelas, vou fazer as tarefas que tem que fazer , ou acabo indo embora mais cedo, nada de mais, normal.”

QUADRO I. Relatos sobre um dia típico na universidade

(continuação)

ALUNA C 24	“Eu chego no ônibus das 19:00 horas, geralmente eu como no RU , não tenho bolsa eu compro tíquete, aí eu como no RU rápido 15 minutos, eu como normal, também não é correndo, ai eu entro na aula 19:15 fico na aula até as 20:40, agora que eu estou mais velha eu tenho a grade bagunçada, mais quando eu tenho aula a noite inteira eu fico no intervalo, depois 21:00 eu volto pra sala, geralmente quando eu vejo que não tem muito assim, que a aula já esta acabando, que o professor já esta encaminhando ai eu vou embora no ônibus das 21:55, porque se eu sair 22:40 eu fico até as 23:00 lá, mais se eu vejo que ele vai continuar, passar algum exercício ai eu fico até as 22:40.”
ALUNO C 25	“Como eu moro aqui perto tem dias que eu chego mais cedo , no período da tarde, porque eu participo de grupos de estudos com a minha orientadora, e outras atividades também, tem vezes que eu venho mais cedo pra estudar mais não é diário , então geralmente eu chegava perto das seis horas mais ou menos, porque eu sempre morei perto da universidade, eu chegava jantava aqui , ficava pra aula e depois ia embora, e também participava de alguns outros eventos e tudo mais, eu sempre fiquei na universidade, sempre fiquei muito tempo aqui dentro , e como eu particpei do PET eu vinha por conta das reuniões, e não deixei de vir porque depois que eu sai do PET entrei no cursinho, então eu vinha pras reuniões ou pras aulas. ”
ALUNA C 27	“Eu não gosto de chegar muito tempo antes da aula não, já chego para entrar na sala de aula , participo da aula, não gosto de faltar, se tem intervalo fico ali um pouco conversando com algumas pessoas , às vezes a aula não tem intervalo, semanas que tem trabalhos, provas, eu gosto de vir mais cedo pra estudar na biblioteca , mais sozinha, não me dou muito bem em estudar com pessoas , e acho que é basicamente isso.”
ALUNO C 28	“Eu tenho até um relacionamento bastante próximo com muita gente , não faço uma seleção, vamos dizer assim, mas geralmente sempre tem aqueles mesmos grupos de trabalho , porque a gente tem um modo de trabalhar que é bacana e a gente consegue isso melhor, então tem hora que eu estou junto com aquela turminha que é dos caras, tem hora que eu estou dialogando com a turminha da comunidade LGBT, tem hora que eu estou ali com as meninas. ”

Ao relatar um dia típico os estudantes foram bem descritivos destacando como utilizam **o tempo e o espaço** no âmbito universitário, quase todos os entrevistados utilizam ou já utilizaram o **RU para jantar**, a **biblioteca e o LIG** tiveram destaques como locais **para estudar**. Alguns sinalizaram **as interações** que ocorrem no dia a dia, os grupos que apresentam mais afinidade, as conversas **ocorrem geralmente durante o intervalo**, momentos que proporcionam diálogos e a **veiculação das informações**. Também relataram as **práticas** que realizam, como por exemplo, ir ao laboratório para participar do grupo PET, reuniões do cursinho e grupo de estudos, os estudantes que **participam de algum tipo de projeto** são os alunos que passam o maior tempo na universidade.

A escola não pode ser considerada como um espaço neutro. As normas e práticas internas da escola, os agentes sociais, os dispositivos de poder, assim como a disciplina formal e os conhecimentos e saberes que aí circulam circunscrevem os espaços e os tempos da escola, distinguindo-a de outros contextos institucionais e determinando regimes próprios de regulação da conduta. (CAMPOLINA; OLIVEIRA, 2009, p.378)

A maioria dos alunos utilizam **a biblioteca e o LIG** para estudar. São **espaços** que instigam a concentração dos alunos, além de possuírem diversos recursos que auxiliam no estudo, por exemplo, livros, mesas para estudo individual, e salas para estudo em grupo na biblioteca, e recursos multimídias e sites para pesquisas bibliográficas no LIG.

“Estudar na biblioteca acho mais produtivo, sempre que eu venho pra cá eu nunca me arrependo, quando eu fico pra fazer as coisas em casa eu sempre me arrependo.[...] (ALUNO C 21).

“eu fico muito no LIG porque tem uma mesa, tem tanto os computadores como a mesa que não tem nada, então a gente pode ficar ali, tipo aquela mesa de notebook, eu fico entre uma e outra, eu estudo na mesa que não tem computador e faço uma pesquisa naquela que tem. [...] (ALUNA I 20).

Além de estudarem na biblioteca e no LIG, para outros fins os alunos utilizam os **demais espaços** da universidade, como **laboratórios** nas aulas práticas e atividades do grupo PET; **laboratórios de ensino** nas reuniões do PIBID, atividades do cursinho e oficinas temáticas; **Diretório acadêmico do CCA (Dacca)** em eventos culturais e ensaios da bateria; **Quadras** no campeonato de jogos entre repúblicas; salas de aulas; **laboratório de iniciação científica**, entre outros espaços.

Alguns **estudantes que moram em outras cidades e trabalham** durante o dia **não conseguem aproveitar todos os espaços da universidade**, e muitas vezes nem sabem que existe tantos locais e atividades fora do contexto das aulas curriculares, como mostra o depoimento abaixo.

“Laboratórios já fui, o LIFE não sei nem o que é, laboratórios de iniciação científica nunca fui também. [...] As quadras e o Dacca eu lembro que eu fui uma vez só conhecer com meu colega de bicicleta, que você deixa o RG, aí a gente só deu uma volta lá embaixo no bloco C que eu nunca tinha ido também e aí a gente subiu, era de dia mais eu não sei dizer qual era o prédio e o que era o que.” (ALUNA I 20).

Poucos estudantes conhecem ou já frequentaram o laboratório de iniciação científica, os comentários sobre o local ficaram restritos a alunos que já realizaram algum projeto no local, uma estudante relata não sentir-se a vontade neste ambiente.

“[...] o laboratório de iniciação eu conheço porque já tive alguns amigos que faziam, mais eu nunca tive uma boa relação com o local, eu sempre tive receio dos professores que ficam ali, por conta dessa diferença que fazem pelo rendimento do aluno, eu acho que me sentia muito imbecil lá dentro, nunca me senti a vontade, era um ambiente que sempre gritava pra mim que eu nunca iria conseguir estar ali dentro, então eu só passava mesmo, não é um ambiente que me deixa feliz.” (ALUNA C 27).

Os relatos sobre um dia típico na universidade mostrou como o dia a dia dos estudantes se tornam diferentes durante os semestres, dependendo das disciplinas, empolgação do estudante, e projetos que estão desenvolvendo no momento.

Muitos são os fatores, que interferem **sobre o tempo que ficam na universidade, alunos que moram** na cidade de Araras e **participam de projetos passam mais tempo na universidade**, e em diferentes períodos, fato que **facilita o contato com outros estudantes**, alunos de outros cursos também. Já os **estudantes que moram em outras cidades** da região, ou que trabalham durante o dia, só conseguem frequentar a universidade no período das aulas, **diminuindo o contato com as práticas e interações** provenientes do convívio universitário.

3.1.2 O que os estudantes mais e menos gostam na universidade.

Os estudantes foram questionados sobre o que mais gostam e menos gostam na universidade, a fim de observar de que forma enxergam o ambiente universitário, “no contexto das atividades sociais, as experiências dos sujeitos se entrelaçam à produção da ordem social e cultural, tanto originando as experiências singulares da pessoa, como também contribuindo para a produção e transformação social”. (CAMPOLINA; OLIVEIRA, 2009, p. 371).

Os alunos relataram **gostar de** diversos aspectos da universidade, seus relatos sobre o que mais gostam foram divididos em quatro categorias: **A relação com outros estudantes; relação com os professores; disciplinas; os programas e projetos** oferecidos pela universidade, descritas abaixo.

Gostar da relação com outros estudantes

Neste aspecto os estudantes relataram **gostar da relação que estabelecem com outros estudantes**, outras formas de cultura. Na Universidade os alunos conhecem pessoas de diferentes regiões, com diferentes trajetórias e conhecimentos, essa relação de troca de experiências é crucial para que ocorra a **veiculação da cultura escolar**, pois são nestes

momentos de diálogo que os estudantes conversam sobre os aspectos da universidade e da docência.

*“[...] o **contato com outras pessoas** [...]” (ALUNA C 21)*

*“ter morado na rep alguns meses, mudou eu muito isso, e é muito bom porque ainda tenho esse convívio, então é uma **troca de conhecimentos, de culturas** e tudo mais” (ALUNA I 19).*

*“[...] acho que é o **contato com muitas pessoas diferentes** sabe, tipo como eu vim de escola particular eu nunca conheci gente de escola pública, não fazia ideia de como era outro contexto social fora do meu, aqui eu conheci tanto gente da alta como gente da baixa, pessoal de um monte de região do país, de São Paulo, e é esse contato que a gente consegue ter na faculdade, pessoas aqui da UFSCar mesmo, das outras universidades, cursos e coisas assim, eu acho que é um universo todo diferente, eu acho que isso é o mais interessante.” (ALUNO C 21).*

*“Eu gosto de praticamente tudo, porque como eu sempre gostei do ambiente escolar eu também gosto do ambiente universitário, **gosto das pessoas que eu conhecia aqui na universidade**, conheci muitas pessoas diferentes de mim, que eu estava acostumado a conviver anteriormente [...]” (ALUNO C 25).*

*“[...] eu gosto muito **das relações que eu tenho com outros colegas, com os professores e funcionários** daqui, então essa questão do dinamismo do ambiente universitário me conquista.” (ALUNA C 27).*

Gostar da relação com os professores

Nas **relações** que desenvolvem **com os professores**, também ocorre à **veiculação da cultura escolar**, a proximidade com os docentes facilita o acesso às informações sobre o âmbito universitário, os estudantes destacam gostar da facilidade de acesso aos professores, além do cuidado que possuem por entender que estão formando futuros professores.

*“O que eu mais gosto daqui é que os professores eles **sabem que estão formando outros professores**, então eles tem um cuidado muito grande com isso, eu acho isso bem legal, não é nem perto do que eu passei.” (ALUNA I 20).*

*“[...] a **acessibilidade com o professor**, de você conseguir tirar uma dúvida com um professor, tão próximo a você, a questão de ser uma universidade pública já é algo muito forte principalmente no seu currículo, quando você mostra que você entra em uma faculdade federal é algo muito conceituado inclusive, os **professores são muito atenciosos**, os alunos todo mundo se dá muito bem, a questão da biblioteca, você estudar aqui, sinceramente é excelente.” (ALUNA C 22).*

Gostar de programas e projetos oferecidos pela universidade

A oportunidade de aprimorar o conhecimento através de **programas e projetos**, foi um ponto destacado pelos estudantes, como algo que mais gostam na universidade, sinalizando a importância e o interesse dos alunos em vivenciar as **práticas** oferecidas pela universidade.

“O que eu **mais gosto** são as oportunidades, os **programas PET, PIBID**, que eu tenho que fazer que vai **agregar conhecimento, iniciação científica**, é o que eu mais gosto.” (ALUNO I 18).

“[...] os **programas que tem de iniciação, PIBID**, acho que isso é **muito importante** na universidade [...]” (ALUNA C 21).

Gostar de disciplinas

As **disciplinas** também foram consideradas algo que os estudantes mais gostam na universidade, são **práticas** importantes e que fazem parte do currículo.

“Tem as matérias, que em **alguma matéria** ou outra **a gente sempre encontra o que gosta do curso** [...]” (ALUNA C 27).

“Eu **gosto muito das disciplinas de licenciatura**, eu gosto bastante, porque por mais que eu tenha dificuldade eu consigo sentar ler e ler de novo e entender e eu quero entender aquilo, então fica mais fácil pra mim.” (ALUNA C 24).

Quando questionados sobre os aspectos que **menos gostam** na universidade, nos relatos dos estudantes, surgiram quatro aspectos citados: **Rendimento acadêmico; divergências de opiniões; estrutura e funcionamento da universidade; disciplinas.**

Não gostar do rendimento acadêmico

O ritmo acelerado e a **exigência nas práticas** escolares foram considerados, pelos estudantes, características que **menos gostam na universidade**, porém são necessárias no processo de formação do estudante.

“[...] essa questão do **rendimento acadêmico**, um aluno que tem um bom rendimento acadêmico ter toda a atenção do professor, e o aluno que tem um mau rendimento ser descartado e ter que batalhar mil vezes mais pra conseguir aprender uma matéria[...].” (ALUNA C 27).

“O que eu **menos gosto são os prazos apertados**, aquela **busca pela excelência**, que os professores querem que a gente tenha excelência por conta própria, não é, o pessoal da específica que não tem a capacidade de explicar uma aula decente mais vai lá te **cobrar conhecimento** que se bobear nem esse professor tem, acho que essa pressão de trabalho, prova e tudo junto, tudo apertado e tudo rápido, acho que desnecessário, não sei.” (ALUNO C 21).

“**Dos trabalhos**, eles são muito pesados os trabalhos daqui, precisa correr muito atrás das coisas, **das provas**, é mais essa parte que exige, tem que cumprir **as obrigações**, não é tão ruim, precisa, é necessário, mais é uma coisa que desgasta.” (ALUNA C 21).

Não gostar da divergências de opiniões, posicionamento e política

Nas relações que se estabelecem dentro da cultura escolar surgem **diálogos** com diversos pontos de vistas, são os **choques de ideias entrando em conflito**, e neste sentido os estudantes disseram se incomodar com as discussões oriundas das divergências de ideias.

*“Talvez um pouco de **determinadas rixas**, tanto no sentido teórico, vai chegando no final do curso **a gente escolhe algum posicionamento**, alguma visão, mas entre as vezes no nosso contato aí, a gente acaba não levando isso, a gente leva isso claro pra discussão mais produtiva, mais as vezes fica aquela coisa de rixa, minha teoria é isso, a isso teoria daquilo, e as vezes eu não sei **o quanto isso afasta ou realmente promove as pessoas**, então é aquela coisa né, sempre tem que ver que isso também faz parte do processo de identidade, e isso também esta nas nossas diferenças de ver o mundo, e não tem realmente que nos dividir, nós só temos que compreender melhor esse processo.”* (ALUNO C 28).

*“Aí não, acho que quando o pessoal **começa a falar muito de política eu não gosto**, fica meio cansativo.”* (ALUNA C 23).

*“**não gosto também da parte social da faculdade**, questão desses grupos que pregam coisas e não fazem, **a militância da faculdade**.”* (ALUNA C 24).

Não gostar da estrutura e funcionamento da universidade

Sobre o **espaço e a gestão universitária** algumas **críticas** foram relatadas, sobre descaso com os cursos noturnos.

*“Acho que não tem algo específico que eu menos goste, tenho **críticas** quanto a questão que a **gestão universitária tem sobre nossos cursos de licenciatura** que sempre são os mais **prejudicados do campus**, é mais **questões estruturais e políticas dentro da universidade**, não algo que eu não goste, que eu deteste.”* (ALUNO C 25).

*“O que eu menos gosto é o **descaso que tem com o noturno**, que muitas coisas só funcionam durante o dia, enfermagem e a falta de iluminação, eu acho que precisa passar um pouco mais de segurança pro noturno, falar “você são daqui”.* (ALUNO I 18).

“São umas coisas que ainda estão sendo mudadas, inclusive a questão da biblioteca que parece que vai funcionar mais períodos, não sei eu ouvi falar que vai funcionar até um pouco mais tarde, porque pra quem trabalha e não pode vir de manhã acho que é um pouco mais difícil, e algumas coisas ainda de alguns professores que acho que vão começar se adaptar a algumas coisas.” (ALUNA C 22).

Não gostar das disciplinas

Apenas uma aluna concluinte considerou como algo que **menos gosta** na universidade as **matérias específicas**, pois não se identificou com a área de química.

“Das matérias específicas eu não gosto[...].” (ALUNA C 24).

É importante ressaltar que os aspectos, que surgiram no relato dos sujeitos em relação ao pensamento deles sobre o que mais gosta e menos gosta, serão tratados com mais detalhes no decorrer desta pesquisa.

3.2 Cultura Escolar

Ao comentarmos sobre as vivências da universidade os **aspectos da cultura escolar** vão surgindo, se destacando, mesmo sem os estudantes notarem. Ao decorrer da entrevista comentaram sobre diversos pontos relacionados ao **ambiente escolar**, porém quando foram questionados sobre a forma com que aprenderam as **normas, regras, práticas necessárias, rituais, valores, hierarquia**, enfim, viver o ambiente escolar, não conseguiram responder, demoraram para pensar nas respostas, não entendiam a pergunta, não associavam esses aspectos ao seu dia a dia. Foi necessário focar no estudo das práticas cotidianas para a assimilação da cultura escolar, para “um melhor entendimento das relações que definirão que cultura escolar aí se constitui” (VIEIRA, 2013, p.104)

3.2.1 De que forma os entrevistados aprendem sobre as regras da universidade, as práticas necessárias, os rituais, os valores, hierarquias, ou seja, sobre o ambiente escolar.

QUADRO II. Relatos de como os entrevistados aprendem aspectos da cultura escolar.

De que forma você aprendeu, ou esta aprendendo, as regras da universidade, as práticas necessárias, os rituais, os valores, hierarquias, ou seja, sobre o ambiente escolar?	
Identificação dos alunos	Relatos
ALUNO I 18	“vai passando os dias e você vai descobrindo, e conversando com veteranos, eles vão auxiliando [...] conversando com quem já passou por isso. ”
ALUNA I 19	“Eu tinha uma fraca ideia de como seria, aí quando eu cheguei aqui que eu vi [...] a hierarquia é bem respeitada , bem forte, e eu acho isso bem legal. E as regras da universidade , que é diferente do ensino básico , você não precisa ficar pedindo licença pra ir no banheiro, usar celular em sala de aula, é aí vai aquela coisa, cada cabeça sua sentença, então se você quer ter uma boa formação, cabe a você buscar isso, não é nenhum professor que vai ficar no seu pé, olha presta atenção, olha não fica saindo da sala. [...] minha mãe sempre me falou isso então eu sempre tive isso em mente, que o professor da faculdade não esta nem aí pra você, e não é um caso geral também, tem professor que da umas chamadas assim, mas é exceção.”
ALUNA I 20	“Por exemplos de colegas , por algum motivo, ou até vivenciando , no dia a dia, a gente sempre acaba sabendo de mais alguma coisa na pratica.”

QUADRO II. Relatos de como os entrevistados aprendem aspectos da cultura escolar.

(continuação)

ALUNA C21	“ Na prática mesmo, perguntando, porque ninguém chega e fala as coisas pra gente, no primeiro ano eu fiquei completamente perdida, não sabia com quem falar, acho que é bem na pratica mesmo, você vai até a secretaria e pergunta de fulano, ai você vai até fulano ai você vai conhecendo as regras e essa parte de hierarquia , uma coisa bem boba que é bem diferente da escola é você sair a hora que você quiser da sala, eu sabia que existia, sabia que era assim, mais viver isso foi muito legal, uma coisa bem boba mais que já mostrou o quanto os ambientes são diferentes.”
ALUNO C 21	“Acho que vai do convívio né, você vai vendo, tipo aquela tradição, é que nem aprender como é a prova de tal professor, você vai perguntando pra quem já fez aquela matéria, o professor é assim, você não pode fazer isso na aula dele, por que se não acontece tal coisa, ai você vai meio que gravando essas coisas, com o convívio dos outros.”
ALUNA C 22	“Eu acho que ao longo da convivência , no primeiro ano você chega ainda não sabendo muito das coisas, ao longo da convivência, ao longo dos anos você vai aprendendo, como eu sou daqui de Araras eu não tive contato com uma república, então eu não tive essa inserção dentro de uma comunidade, vamos dizer assim, eu acho que quando você é daqui você chega meio deslocada porque você não entra dentro de uma republica que você tem mais contato, ai eu fui me adaptando e a gente vai convivendo ao longo do tempo, a gente vai aprendendo o que é uma república por exemplo, porque eu não sabia, o que são diversos tipos de pessoas, a gente vai convivendo, e eu acho que eu fui aprendendo ao longo dos anos, inclusive eu acho que esse ano eu já sei de tudo, quais as regras que você tem que obedecer , quais as coisas que você tem que estar fazendo, como se portar no e-mail com professor por exemplo.”
ALUNA C 23	“Assim por eu já fazer um curso técnico eu já tinha um pouco desse negócio, como era uma mistura de pessoal mais velho com pessoal mais novo, o primeiro curso técnico que eu fiz só tinha eu e mais três de alunas que eram menores de idade, o resto eram todos adultos, então não tinha esse negócio de sinal, fazer trabalho, já era um pouco mais pesado, já era diferente do ensino médio, então eu acho que já fui pegando, já tinha uma ideia , já fui pegando um pouco assim [...] do ensino técnico as obrigações eram quase iguais da faculdade só que os professores ainda eram meio que do ensino médio.”

QUADRO II. Relatos de como os entrevistados aprendem aspectos da cultura escolar.

(continuação)

ALUNA C 24	“Quando eu entrei na faculdade eu não sabia direito como seria, ainda mais um curso noturno, nunca estudei de noite, e eu pensava nossa como será, será que eu vou gostar, será que eu vou me arrumar pra ir à faculdade, como vai ser, aí no primeiro ano a gente se arruma e vai, toma banho, agora eu só vou, aí eu via as pessoas , por exemplo, tinha uma menina em casa que ela era da química, igual eu estou agora, eu era ingressante e ela já estava no curso, então ela tinha DP que ela pagava comigo, então eu gostava de ter pessoas na sala que eu ouvia, e agora é o intervalo, e agora, eu posso levantar pra ir no banheiro, aí eu via todo mundo e ia também, agora nossa eu vou super. Eu achei a hierarquia da universidade bem parecida mesmo com a da escola , porque é um presidente, uma direção, uma coordenação, os professores e depois os alunos, não era diferente.”
ALUNO C 25	“Eu acho que é na relação que eu vou estabelecendo com os alunos mais velhos , sempre que eu tive alguma dúvida eu consegui recorrer a alguém, fosse no PET, fosse no cursinho, então essa dinâmica eu consegui entender ela nesse momento, e com a vivência em outros ambientes da universidade também, o PET, Grupo de estudos, cursinho, as palestras, as mesas redondas, as discussões , a convivência com outros alunos na universidade, e até mesmo alguns professores , mesmo que seja um contato mais acadêmico ele acaba influenciando também diretamente na nossa vivência dentro da universidade.”
ALUNA C 27	“ Foi na raça , eu lembro quando eu entrei eu tinha um conhecimento ou outro mais o ambiente universitário é muito assustador, começando pela questão de achar os lugares, eu lembro que eu tive dificuldades em achar as salas de aula, porque eu cheguei, desci do ônibus e não sabia onde encontrar salas de aula precisei procurar sozinha mesmo, pedindo informação pra um ou outro, mais foi difícil até que a gente descobre a sequência, o que me ajudou muito foi quando eu fui morar em uma república , lá eu tive convívio com outras pessoas e elas me ensinaram.”
ALUNO C 28	“Olha, como eu já tinha tido uma formação em uma outra faculdade eu já entrei aqui um pouco sabendo[...] até então eu não via sentido em passar por alguns rituais, como por exemplo o trote, é uma coisa que nunca fez sentido, e logo de cara quando eu entrei brequei essas oportunidades, eu não participei, fui morar em uma república mais eu precisava trabalhar, e a república e a universidade são coisas do próprio viver da universidade se for pensar, como eu tinha que trabalhar eu acabei voltando pra minha cidade que eu já tinha conseguido um emprego lá, acabei retornando para a casa dos meus pais e fiquei, então esse contato também foi diminuído por isso, porque eu não vivi, não participo muito dessa cultura de república, não participei, [...] eu vou levando e tentando entender como que esse processo é, mais me desconforta muito essa competitividade entre o que um desenvolve e o que o outro desenvolve, enfim, isso pra mim é algo complicado, más em contra partida conheci muitas pessoas, possibilidades de acesso a vários tipos de conhecimento, então vamos dizer que é um exercício que a gente precisa passar, mais eu não sei se realmente eu vivo a cultura universitária, mais de certo modo estou aqui.”

As respostas obtidas, e dispostas no QUADRO II, mostram que é **necessário vivenciar a cultura para apropriar-se dela**, que se aprende de fato no dia a dia, nas relações que se estabelecem, na veiculação das informações, na prática, no viver a universidade.

A convivência e a socialização nesse espaço deve propiciar aos alunos a apropriação de um certo ‘*modus vivendi*’, que é constituidor de identidades. Tal modo expressa-se nos recortes

de espaços, na avaliação de determinados aspectos, na cobrança de resultados, nas expectativas que se generalizam e nos padrões que se impregnaram fortemente no imaginário educacional, referendando posições, legitimando segmentações, conferindo poder a certas denominações e fazendo prevalecer um determinado 'habitus'. (DE PAULA, 2009, p.411)

Embora os estudantes já possuíssem algumas vivências em outras culturas escolares, é importante mencionar que cada instituição constitui um sistema cultural com características próprias, construídas de forma sociocultural e instituídas historicamente. (CAMPOLINA, 2009)

3.2.2 Expectativas, satisfação e exigências.

A fim de explorar os sentimentos dos entrevistados acerca das **expectativas** antes do ingresso à universidade, e a **satisfação** pelo curso até o momento, o QUADRO III foi elaborado, tendo em vista que “o conjunto de crenças, valores, hábitos e normas dominantes que determinam o que este grupo social considera valioso em seu contexto” (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p. 164)

QUADRO III. Comentários dos alunos sobre as expectativas e satisfações em relação à universidade

Identificação do sujeito	Em relação à universidade...	
	Quais eram as expectativas?	Se sente satisfeito até o momento?
ALUNO I 18	“[...] o que eu mais quero mesmo é me formar, fazer um mestrado, doutorado e dar aula em uma universidade, que nem dar aula aqui, é o meu sonho.”	“Eu me sinto, porque eu vejo que é o que eu quero mesmo pra minha vida, e que as matérias que eu vou fazendo elas são essências, não tem nenhum matéria que eu acho que ela completa grade, todas eu acho que tem alguma função, algum papel.”

QUADRO III. Comentários dos alunos sobre as expectativas e satisfações em relação à universidade

(continuação)

ALUNA I 19	“Eu não queria tanto a parte de educação, as pessoas sempre falavam que eu me daria bem com isso, e eu não via assim, agora tendo algumas aulas, e eu conseguindo falar um pouco melhor, tipo ter esse dialogo aqui, eu não conseguiria ter há alguns anos atrás e agora eu consigo, e isso mudou.”	“Ah eu estou feliz sim, eu quero terminar, porque eu vi que é isso mesmo que eu quero, é isso que eu me dou bem, embora algumas coisas sejam bem difíceis, a gente tem que passar pelo difícil e pelo chato.”
ALUNA I 20	“Nossa, que fosse maravilhoso, que fosse outro mundo a faculdade, mais eu vejo assim que é normal, só um pouco mais difícil.”	“Ainda estou tentando aceitar, porque eu, como eu trabalho e não consigo participar muito, fico com duvida, eu fico em uma situação um pouco complicada, porque eu não moro aqui, fico viajando o tempo inteiro pra cá, ai eu não consigo participar legal, porque até agora eu não fiz um PIBID, alguma coisa assim que eu vou até uma sala de aula pra ver como é, porque você explicar para os amigos é simples né, o difícil é você ir até uma sala de aula com pessoas diferentes, pessoas que você nunca viu, dar uma coisa que você nunca pensou que iria ensinar, então ainda estou com um pouco de receio, quem sabe mais pra gente.”
ALUNA C 21	“Mudar, transferir, a minha expectativa maior era ir para o bacharel.”	“Mais ou menos, apesar de gostar um pouco da parte pedagógica eu acho que falta um pouco da química pra gente aqui[...].”

QUADRO III. Comentários dos alunos sobre as expectativas e satisfações em relação à universidade

(continuação)

ALUNO C 21	“[...] eu espera o contrario, eu achava que a parte da química seria muito boa e achava que a parte de educação seria “blauh, educação que coisa chata”, até porque eu queria bacharelado na época, então eu imaginei que seria muito diferente da escola, mais assim, é tudo a mesma coisa sabe, achei que os professores dariam uma aula por grade, aquela coisa assim, vou estudar qual eu gosto, ai chega em fisico química você fica “que?”, é eu acho que eu considerava que eu iria gostar mais da química, e menos da educação e no fim reverti, e eu acho que tem muita influencia dos professores nisso.”	“Já que eu estou focando para a área de educação eu acho que sim, más se fosse pra considerar os dois lados da moeda eu acho que não, acho que teria que mudar algumas coisas, eu acho que os nossos professores da área da química tinham que fazer as disciplinas de educação com a gente porque não dá.”
ALUNA C 22	“Era me formar, começar a trabalhar em uma indústria ganhando muito bem e nunca ir pra carreira docente, era essa a minha expectativa. Eu comecei a enxergar, eu estou entrando em um curso de licenciatura em química e eu consegui entender o por que eu entrei nisso, que é isso que eu quero, eu quero ser professora, não quero trabalhar em uma indústria ficar naquela parte metódica na bancada[...].”	“Sim, porque parece que de quando eu entrei pra hoje eu mudei como pessoa, no conhecimento, e a gente muda na forma de como vai ver a vida, porque são cinco anos e todos os anos tem uma fase que passa pela cabeça, eu hoje não sou a mesma que entrei, eu ainda não tinha tanta maturidade, eu não enfrenta meus medos, sempre fui muito vergonhosa, falar publico eu nunca gostei, e quando eu entrei pra dar aula [...] eu estava dando aula sozinha, e isso já mudou completamente, já amadureci naquele momento, acho que tudo isso me modificou.”
ALUNA C 23	“Não sei.”	“Olha, o curso é muito bom, más na parte para professora eu acho que não me sinto preparada como pessoa sabe, por mim mesmo, eu não me identifico.”

QUADRO III. Comentários dos alunos sobre as expectativas e satisfações em relação à universidade

(continuação)

ALUNA C 24	“[...] eu achei que a gente ia ficar dentro do laboratório, ia ver química isso e química aquilo, que nem meus amigos falavam do técnico, eu achei que seria tipo isso e não a gente senta e tem que entender, e a lei de não sei quem, não sei quem falou isso, e aquilo você precisa fazer, e essa conta, e técnica, e essa fórmula, e eu fiquei nossa eu não esperava isso, eu esperava aquela química do ensino médio, hidrocarbonetos e misturas.”	“Sinto, até então eu sinto, não era o que eu estava esperando então é uma coisa que eu falei agora é um desafio e eu vou fazer, um professor falou assim “não é o que você queria e você vai fazer, então mete a cara, estuda e faz, porque quanto mais enrolar e empurrar porque você não gosta, mais você vai ficar, e se você já colocou na cabeça que vai terminar, faça”, então eu estou assim estudando, não pego um monte de matéria porque eu já sei que vou procrastinar, que eu não vou fazer, não vou estudar, então eu já pego menos, faço estudo e me dedico e vai.”
ALUNO C 25	“Eu sempre quis ser professor, a única coisa que eu tinha dúvida era qual área acadêmica eu queria se era específica ou pedagógica, aí durante o decorrer do curso eu acabei preferindo a pedagógica, eu não sei por que, a minha visão sobre a docência ela mudou tanto desde que eu entrei aqui, que eu nem lembro, eu acredito que as experiências que tive aqui elas foram bastante transformadoras, qualquer expectativa que eu tivesse foi superada só por causa disso.”	“De certo modo sim, eu tenho algumas ressalvas quanto à estrutura do curso, a disposição das disciplinas, eu acredito que a gente poderia ter uma organização melhor [...]eu acredito que mesmo com esses percalços de um curso no início da sua abertura eu acredito que os professores eles conseguiram planejar muito bem pra conseguir cumprir com os seus objetivos, para que a nossa formação não saísse prejudicada.”

QUADRO III. Comentários dos alunos sobre as expectativas e satisfações em relação à universidade

(continuação)

ALUNA C 27	“Continua sendo de entrar na faculdade e um dia sair dela, me formar e exercer a profissão, eu nunca almejei aqui dentro fazer iniciação, sair com varias coisas, na verdade eu só queria passar pela faculdade pra pegar um diploma, sempre foi minha ganancia.”	“Satisfeita plenamente não, eu poderia ter sido muito melhor na graduação, mais por diversas circunstancias eu não tive o rendimento que esperava ter, por isso que acho mais a insatisfação, eu acho que escolhi uma área muito dificil pra estudar, porque química na faculdade eu vi o quanto complexa é, o quão dificil de aprender e ensinar, no estagio eu vi que não é tão dificil de aprender, mais muito dificil de ensinar, eu acho que é uma insatisfação mais pessoal, não culpo ninguém por isso, é uma coisa mais minha.”
ALUNO C 28	“Quando eu iniciei eu achei que seria que nem uma outra faculdade, um monte de conhecimentos que eu tinha que estudar pra passar em uma prova e pegar o diploma, quando eu entrei aqui fui ver que a universidade vai muito além disso, claro que tem essa relação também tem que estudar.”	“Sim, me sinto satisfeito sim, talvez não sei dizer preparado, tem hora que eu me pego assim, más é um curso que a gente tem que reconhecer a qualidade dele, assim eu acredito até que pode melhorar, é claro, mais eu acho que a gente tem muita possibilidade aqui dentro, dentro do curso.”

As **expectativas** dos estudantes baseavam-se apenas em adquirir um diploma, transferir para um curso bacharelado e em concepções negativas a acerca das disciplinas, os estudantes não consideravam a gama de possibilidades e oportunidades que teriam na universidade.

a escola é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre as determinações externas a ela e as suas tradições, as quais se refletem na sua organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmentado, fracionado ou não. (SILVA, 2006 p.206)

No que se refere à **satisfação**, a maior parte sentem-se satisfeito, porém fazem algumas ressalvas, consideram que poderiam ter se empenhado mais no curso, que apenas a parte pedagógica foi satisfatória e não se sentem preparados para atuar na profissão.

Há diferentes trajetórias no decorrer da vivência universitária, ambições distintas, o desenvolvimento dos alunos ao mesmo tempo em que traduzem os valores da cultura, diferenciam-se delas, desta forma não é possível encontrar um único sentido para os diferentes processos de desenvolvimento. (CAMPOLINA; OLIVEIRA, 2009).

As obrigações da universidade vão além de manter um bom rendimento acadêmico, também é necessário manter um ritmo de produtividade acelerado, como relatado pelos estudantes sendo a principal **exigência da universidade**.

*“Trabalho talvez, eles exigem que a gente faça bastante **trabalho, participar de iniciação científica, fazer artigo, fazer artigo em inglês, essa questão de produzir mesmo.**” (ALUNA C 21).*

*“você **tem que produzir**, tem que, falando de **iniciação**, você tem que **fazer a pesquisa**, tem que entregar daquele jeito, tem que **fazer rápido** e o orientador quer que você esteja lá tipo, 40 horas na semana, sendo que no edital diz que você tem que ir 20, alguns diz 30, mas ele quer mais, e aí você tem que fazer junto com a universidade, tem aquele monte de **disciplinas**, que parece que as disciplinas não conversam entre si, que tem muita disciplina que pode juntar, falam um muito de interdisciplinaridade e sei lá o que, mais na verdade nenhuma das disciplinas conversam entre si então, aí fica o professor com um monte de **avaliação, projeto**, e aí fica aquele faz, faz, faz, faz... faz rápido, faz tudo rápido, e acho que isso é a pior coisa, uma pressa pra formar a gente.” (ALUNO C 21).*

Conjuntamente **diversos tipos de conhecimentos** são necessários e exigidos durante a trajetória acadêmica.

*“**Exige uma coisa sobre humana que é o saber tudo**, saber tudo sobre tudo, não apenas saber sobre o seu curso e as matérias que você está cursando, tem que saber tudo sobre a dinâmica da faculdade, sobre a política da faculdade, sobre as atualidades que acontecem no mundo, sobre as coisas que estão acontecendo em áreas que você não tem proximidade, isso eu acho que exige demais, de você entrar na universidade e ser um sujeito pronto, isso eu acho que é uma exigência muito grande.” (ALUNA C 27)*

Os estudantes precisam acompanhar o processo que se transforma e atualiza ao seu redor, apropriar-se da cultura que se estabelece no ambiente inserido.

“No exercício de entendimento das significações construídas no cotidiano escolar, estabelece-se também a articulação entre as relações dos sujeitos com os diversos saberes, visto que essa relação será primordial para a definição dos papéis mobilizados pelos sujeitos no processo educativo e que podem definir também seu lugar no social”. (VIEIRA, 2013 p.104-105)

3.3 Disciplinas

As **disciplinas escolares**, que fazem parte das **práticas** educacionais, têm relevância na discussão para compreender como o desenvolvimento é produzido, pode-se “afirmar que toda história das disciplinas escolares deve, em um mesmo movimento, levar em conta as finalidades óbvias e implícitas perseguidas, os conteúdos de ensino e a apropriação realizada pelos alunos.” (JULIA, 2000, p. 60).

Neste sentido, foram expostos, no QUADRO IV, a opinião dos estudantes acerca das disciplinas que já realizaram até o momento.

QUADRO IV. Comentários dos estudantes sobre as disciplinas do curso.

Identificação dos estudante	Disciplinas que gostam?	Disciplinas que não gostam?	O que faz gostar?
ALUNO I 18	Acho que até agora não	Química orgânica, eu gosto assim muito de formula, conta, agora química orgânica cada exercício é de um jeito então eu não gosto muito.	Eu acho que tem a influência do professor , do jeito que ele ensina, e também a afinidade , no caso eu gosto de conta, se a matéria já tiver uma formula possivelmente eu vou gostar mais do que química orgânica.
ALUNA I 19	Difícil, eu me identifiquei mais com experimental, por ser laboratório	Orgânica é meio chato, eu não sei, não sou muito fã.	[...] eu tive aula com o um professor em experimental 1 e ele é excelente, e agora eu estou tendo aula com outro professor em experimental 2, e eu já fico assim, meu da experimento e ele fica na sala. E ai eu acho que o professor sempre influencia.
ALUNA I 20	Psicologia de aprendizagem, mais precisamente pelo Piaget, o Piaget é legal, porque quando estou explicando pra alguém eu faço pergunta, eu percebi quando a professora falou isso que o Piaget, ele desequilibra a pessoa, ele fica perguntando até você conseguir achar a resposta certa, ai que eu percebi que eu faço isso, ai eu achei muito legal.	Eu acho que a introdução as licenciaturas eu achei muito vago, que é bem no primeiro ano quando junta química, física e biologia, eu achei um pouco vago, não sei se eu achei necessário o tema, poderia ter sido de uma outra forma.	O professor , porque muito das coisas que a gente esta tendo aqui, a gente pode ter até aprendido no ensino médio mais bem pincelado, eu acho que o professor ele que te introduz na matéria, ele que faz você gostar da matéria.

QUADRO IV. Comentários dos estudantes sobre as disciplinas do curso.

(continuação)

<p>ALUNA C 21</p>	<p>Eu adoro orgânica, apesar de ter sido como foi, eu gostei bastante de metodologia de ensino 2, a 1 não muito mais a 2 eu gostei bastante, gostei de físico química 2 porque eu tive que estudar muito, e estagio estou gostando muito[...]</p>	<p>Ambientais, é muita ladainha, tem muitas, eu estou fazendo nesse semestre Meio ambiente e Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental e esta sem sentido, a de Meio ambiente e Desenvolvimento Sustentável eu estou gostando um pouquinho mais já teve outras também, acho que invés deles picotarem tudo e fazer um monte devia ter algumas mais concentradas para envolver as questões ambientais de forma mais direta.</p>	<p>A forma que ela é dada, questão da pratica do professor, o jeito que o professor ensina, [...] acho que é mais o jeito que ela é dada.</p>
<p>ALUNO C 21</p>	<p>Eu não sei se consigo responder, porque eu acho que cada disciplina tem a sua peculiaridade sabe, cada uma meche com a gente de um jeito diferente, eu não sei se eu consigo responder isso[...] se fosse dividir por área educação com certeza.</p>	<p>De maneira geral a maioria da parte da química, eu acho que os professores deixam muito a desejar</p>	<p>É mais pela forma como os professores ministram [...]é a forma como ele passa a matéria. Pode ser a matéria mais chata do mundo, más se o professor souber dar uma razão para aquela matéria existir muda tudo sabe.</p>

QUADRO IV. Comentários dos estudantes sobre as disciplinas do curso.

(continuação)

<p>ALUNA C 22</p>	<p>Todas da educação, formação de professores foi uma optativa, LIBRAS eu achei uma disciplina maravilhosa, as específicas eu gostei de radioatividade, calculo eu estou gostando bastante [...]eu gostei das disciplinas que o de um professor muito bom deu também, ele é um professor assim que é tão novo e consegue dar uma disciplina tão leve, o conteúdo é difícil, mais ele consegue fazer ser leve do jeito que ele é, mais ele é questão de ter regras na matéria dele, por exemplo, antes de ter aula no laboratório você colocava tudo o que ia acontecer em um caderno, toda a parte experimental com um fluxograma, ele gostava de desenho também, se tivesse desenho melhor ainda, ele vai pegar o seu caderno antes de começar a aula e corrigir, pra ver se você fez com calma, corrigir os conceitos pra depois começar a aula de laboratório[...]</p>	<p>Que eu não gostei, porque eu não fui bem, que eu reprovei de quantitativa.</p>	<p>Sempre a questão do foco é o professor, o professor que da aula, mais também não é isso, eu não ter ido bem na disciplina foi também minha culpa que eu também não estudei, acho que a questão de não gostar da disciplina e as vezes não ter me dedicado pra ela, porque muitas vezes é falta de tempo, então a culpa de não gostar dela talvez sou eu mesma.</p>
-------------------	---	---	---

QUADRO IV. Comentários dos estudantes sobre as disciplinas do curso.

(continuação)

ALUNA C 23	Olha as que eu mais gostei foi experimentais, e psicologia eu gostei bastante	acho que inorgânica é um pouquinho complicado	Eu acho que o professor , o jeito que ele da aula, que ele interage, se o professor é meio vai jogando assim vai, não é tão aberto pra tirar duvida, eu acho que fica você fica um pouco mais apreensivo e você deixa de aprender.
ALUNA C 24	Eu gostei muito de pedagogias progressistas gostei bastante, eu gostei muito de psicologia da aprendizagem, psicologia da adolescência eu também gostei muito dessa matéria, eu lembro, tudo o que eu pego de texto eu preciso ler pra dar um relembra, ai eu leio e fico animada.	Eu odeio, nossa eu odeio, olha agora que mudou de professor de uma disciplina eu não posso dizer que eu odeio tanto ela porque agora eu aprendi. [...]Eu não gosto de orgânica 2 que eu vou fazer pela terceira vez porque eu não entendo, não adianta, e eu não gosto também de físico química não da pra mim aquilo.	O professor ajuda muito, porque eu fiz duas vezes a mesma matéria com um professor e quando chegou outro de repente, e não foi falta de eu não estudar, foi ele, ou que eu seja ruim porque a sala inteira passava e eu ficava então foi eu que não identifiquei, eu não gosto de exatas, então se você não é apaixonado por aquilo [...]eu olho aquilo e não vejo um sentido pra mim, não que eu ache sem sentido eu acho legal, mais eu fico meu deus.
ALUNO C 25	Das disciplinas específicas eu gostei mais de química orgânica e química geral, [...] das disciplinas pedagógicas as que eu mais gostei de fazer foram as duas psicologias, estrutura e funcionamento da educação e duas optativas educação inclusiva e teorias progressistas, elas foram as disciplinas que ao decorrer do curso eu mais gostei de fazer.	As disciplinas que eu menos gostava eram da área ambiental, porque eu acho que a distribuição das disciplinas não correspondiam diretamente com a ementa de como elas foram planejadas, então a maioria delas acabavam se tornando repetitivas[...]	A identificação que a gente tem, a disciplina cobrir uma área que a gente gosta mais, no nosso processo de construção, a nossa consciência, nossa realidade a gente vai se identificando com determinadas áreas [...] Já as disciplinas pedagógicas foi dentro da universidade mesmo, tanto pelos professores quanto pelo conteúdo que são abordados na disciplinas e o quanto eles me influenciaram e transformaram, o quanto eles mudaram a minha visão sobre o mundo, eles tiveram uma influencia muito grande em mudar minha visão de como é o papel do professor, da docência, da escola.

QUADRO IV. Comentários dos estudantes sobre as disciplinas do curso.

(continuação)

<p>ALUNA C 27</p>	<p>Na parte específica eu me identifiquei com matérias que falavam da questão da química, fotoquímica, radioatividade, matérias que envolviam essa parte química, eu gostei muito mesmo, algumas matérias ligadas a bioquímica também [...] são matérias que me ajudam a ver a química das coisas, são menos abstratas, as matérias pedagógicas eu gostei de todas, todas me ajudaram muito a ser um dia uma boa professora [...]</p>	<p>As analíticas, eu acho uma matéria muito abstrata, num todo, eu não consigo entender o objetivo dos cálculos, eu não consigo entender da onde está saindo, pra onde está chegando, pra mim é tudo muito abstrato então não faz sentido.</p>	<p>A proximidade que a gente tem com a própria área, nem sempre é a postura do professor, é claro que quando o professor ensina a matéria fica mais fácil de você aprender, mais eu tive professor, por exemplo, dessa parte de química que nem sempre foram bons professores para ensinar mais eu gostei do conteúdo, eu entendi legal, agora teve algumas que nem o professor ajudou, muito menos a matéria, então eu não gostei.</p>
<p>ALUNO C 28</p>	<p>[...] dentro do curso eu gosto muito da parte de inorgânica, e em questão das disciplinas pedagógicas, teorias progressistas foi uma optativa que eu fiz, que eu gostei bastante, mas acho que o que eu mais gostei foi psicologia da adolescência.</p>	<p>Introdução as licenciaturas, até hoje não sei porque, algumas matérias de meio ambiente, não que elas não sejam importantes, são, mais parece que elas martelam sempre no mesmo ponto, então fica muito cansativo porque a gente acaba discutindo sobre os mesmos temas e as mesmas problemáticas.</p>	<p>Eu acredito que quem da voz ao conteúdo né, eu acho que tem um pouco sim, eu acho que o professor ele é pelo menos 50% dessa experiência, talvez os outros 50%, claro que você não pode ser quantitativo assim é só um exemplo, mas é nos também, de como a gente se identifica com aquele conteúdo, tem coisa que a gente gosta de estudar, tem coisa que a gente tem mais dificuldade.</p>

CHERVEL (1990) aponta que o estudo das disciplinas expõe claramente o caráter eminentemente criativo do sistema escolar e merecem o máximo interesse, precisamente porque são criações espontâneas e originais do sistema escolar. O papel subestimado, mas considerável, que as disciplinas desempenham na história do ensino e na história da cultura, deve ser explorada, em qualquer campo que a encontrar, as disciplinas podem ser definidas como um modo de disciplinar o indivíduo, de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento, da arte.

Sobre o que faz os estudantes gostarem ou não de uma disciplina, o professor foi o objeto central, destacado na resposta de todos os 11 entrevistados, para os estudantes a postura e os métodos utilizados pelo professor influenciam na compreensão do conteúdo.

As disciplinas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. (JULIA, 2001, p. 10-11).

A identificação com a área do conhecimento, também apareceu nas respostas dos estudantes, quando se tem uma afinidade com o conteúdo abordado, o interesse pela disciplina aumenta.

3.4 Programas e Projetos

Tabela V. Participação dos entrevistados em projetos e programas.

Tipo de Projeto	Quantidade de alunos	
	Ingressantes	Concluintes
PET	02	02
PIBID		05
INICIAÇÃO CIENTIFICA		03
UFSCurso		02
GRUPO DE ESTUDOS		01

Programa de Educação Tutorial - PET

O Programa de Educação Tutorial, conhecido como PET, é constituído por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, engloba ensino, pesquisa e extensão.

Quatro entrevistados participaram do grupo PET, dois alunos concluintes atuaram no programa há alguns anos, com um antigo docente que não atua mais como coordenador, e atualmente dois alunos ingressantes participam do programa com o novo coordenador, as atividades ganharam um novo formato.

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID

O PIBID é um programa que oferece bolsas de iniciação à docência à alunos do curso de licenciatura, inserindo os futuros professores nas salas de aula de escolas da rede pública, articulando as licenciaturas da educação superior, a escola e os sistemas estaduais e municipais.

Cinco alunos, entre os entrevistados, já participaram ou participam do programa, todos são alunos concluintes.

Iniciação Científica – IC

A iniciação científica oferece aos estudantes o contato a pesquisa, aprendizagem de técnicas e métodos científicos com a orientação de um pesquisador experiente.

Três entrevistados, considerados concluintes, realizaram ou realizam iniciação científica, um deles com projeto na área de educação e outros dois com projetos na área específica de química.

UFSCurso

A UFSCar/Araras oferece um curso pré-vestibular, intitulado UFSCurso, destinado às pessoas que não têm condições de pagar um cursinho da iniciativa privada. Professores e alunos da Universidade que promovem seu funcionamento, os estudantes de todos os cursos do campus podem trabalhar, recebendo bolsas ou de forma voluntária, como professores do UFSCurso.

Dois entrevistados, considerado concluintes, participaram do UFSCurso, um aluno iniciou com bolsa como professor, e a outra aluna iniciou com a bolsa PROEX trabalhando na parte administrativa e depois atuou como professora voluntária.

Grupo de Estudos

São grupos, formados por estudantes e um professor tutor, que se encontram a fim de discutir e se aprofundar um determinado assunto em comum, podendo desenvolver trabalhos e pesquisas sobre o tema.

Apenas um estudante entrevistado, considerado concluinte, que participou de um grupo de estudos.

Grupo de Estudos e Pesquisas em Trabalho, Agroindústria e Políticas Públicas - GETAP

O GETAP é um grupo que desenvolve estudos e pesquisas voltadas à análise e promoção do Desenvolvimento Sustentável local e regional, em suas dimensões Econômica, Ambiental, Social e Política.

Apenas uma estudante concluinte participou do GETAP.

“[...] participei do GETAP também, foi a única coisa que eu achei mais diferente, porque GETAP é aqueles que tem as vaquinhas, que a gente faz análise da forragem, análise de leite, naquela época pegavam pra bolsa PROEX[...]” (ALUNA C 22).

No intuito de verificar de que forma acontece à **veiculação das informações** sobre os **projetos e programas** oferecidos pela universidade, os estudantes foram questionados sobre como souberam da existência dos projetos e programas que participaram.

A maior parte dos estudantes destaca que **souberam** da existência dos programas **através de amigos** com quem moram nas repúblicas:

“Uma moradora da república ela é do PET, aí ela me explicou sobre o programa, foi onde eu me interessei.” (ALUNO I 18).

“As meninas da república faziam PIBID.” (ALUNA C 24).

“[...]PIBIC que eu peguei lá no IAC eu descobri porque eu morava com uma moça que fazia doutorado lá, ela comentou comigo que abriu vaga para inscrição etc e tal, aí eu fui fazer[...]”(ALUNO C 21).

“o UFSCurso eu fiquei sabendo porque eu morava com dois amigos que eram professores do cursinho, eles falavam do cursinho pra mim e acabei entrando no cursinho por meio deles”(ALUNO C25).

“[...] uma menina da república que morei me indicou o PET e a menina que mora atualmente comigo também me indicou o PET[...]” (ALUNA 19).

Ou através de amigos que moravam em repúblicas:

“O grupo PET eu descobri por causa de uma amiga minha, ela morava com uma petiana, ela falou pra mim que tinha esse grupo, que ela pretendia entrar também mais como ela passou no programa dos jovens talentos ela deu prioridade pros jovens talentos, aí abriu a inscrição eu me inscrevi e acabei entrando[...]” (ALUNO C 25).

Uma aluna destaca que conheceu alguns projetos por seus amigos de sala, e além dos projetos diz que eles possuem muitas informações interessantes sobre a universidade.

“Pelas pessoas da minha classe, eles sabem muita coisa, uma coisa simples é aqui da biblioteca mesmo, que você pode pedir livros da biblioteca de São Carlos, por exemplo, fiquei sabendo esses dias que você tem como entrar pelo computador na sua casa pra fazer isso e a gente não sabe né, e os programas eu fiquei sabendo por causa das pessoas, eles conversavam entre eles e eu ia pegando” (ALUNA C 21).

Quando se cria um vínculo de amizade com alunos que realizam projetos e atividades, os estudantes começam a perceber de que modo isso interfere na vida de seus colegas, e em vista disso surge o interesse em envolver-se com essas atividades.

“[...] de alguns colegas já estarem desenvolvendo alguma coisa, então via que isso era algo que realmente te abre possibilidades aqui dentro[...] e tanto pra formação

também, quando você começa a desenvolver um projeto de pesquisa, você começa a ter contato com esse processo de desenvolvimento da pessoa, desde o levantamento bibliográfico, como desenvolver isso”. (ALUNO C 28).

“o grupo de estudos foi por causa da minha amiga, foi mais ou menos no terceiro ano quando eu comecei realmente a definir que área eu queria seguir, na área específica ou na pedagógica que eu estava em dúvida, foi na disciplina de estrutura que a minha amiga já tinha conversado com a professora e já tinha entrando no grupo de estudos dela, aí comentou comigo e eu fui junto perguntar se podia participar também[...].” (ALUNO C 25).

Os **professores** também são ótimos meio de **veiculação das informações** para os alunos, dentro das salas de aula as interações ocorrem de forma direta e são importantes, no início da universidade alguns alunos ainda não criaram vínculos de amizade e podem ver os professores como o único meio de descobrir informações.

*“meu primeiro ano de faculdade eu lembro que teve uma **fala de alguma professora** nas primeiras matérias falando **sobre o PIBID**, em um primeiro momento eu gostei muito da ideia só que eu achava que não daria conta, porque já estava sendo difícil acompanhar as matérias, depois de um tempo teve uma oportunidade e eu me inscrevi, mais soube através da sala de aula dos professores.” (ALUNA C 27).*

A Universidade fornece uma **disciplina** intitulada “introdução às licenciaturas” onde **fornecem algumas informações** aos estudantes, como por exemplo, trazer estudantes que participam dos projetos para conversar com os calouros.

*“Na **disciplina** de introduções a licenciaturas eles vieram falar também, o pessoal veio **falar dos programas da universidade**.” (ALUNA C 23).*

Apesar da existência de uma disciplina no início do curso para abordar esses assuntos, é importante que os professores e estudantes façam uma divulgação ampla de seus projetos.

“[...]extensão eu fiquei sabendo pela divulgação dela mesmo, eu não entrei no começo do projeto, eu entrei com o projeto em andamento e eu fiquei sabendo pela divulgação mesmo que a professora fez.” (ALUNA C 21)

A **recepção dos estudantes** também é importante para **fornecer informações** sobre o curso e os projetos, uma vez que é o primeiro contato do estudante com a universidade e deve-se aproveitar da curiosidade do aluno.

*“O **PET** eu soube do nada, acho que foi no meio da **calourada** alguém comentou do **PET**, aí no dia seguinte eu acho que eu vi tipo “inscrições abertas o **PET**”, tanto que eu nem sabia o que era e entrei, e fui descobrindo no meio das atividades, e acho que isso é meio prejudicial entrar sem saber o que esta fazendo[...].” (ALUNO C 21)*

Embora que a recepção dos estudantes e as primeiras disciplinas forneçam algumas informações, foi evidente a importância que os professores e os próprios estudantes tiveram sobre os informes relacionados a projetos e programas. Quando ocorre o ingresso na

Universidade tudo é novidade, são muitas informações e às vezes os estudantes não conseguem ingerir tudo em um primeiro momento, por isso é grande a importância de manter um contínuo processo de divulgação das informações relacionadas ao interesse dos estudantes.

Todos os entrevistados relataram como os **projetos e programas auxiliaram e auxiliam de forma positiva na sua formação**. Alguns programas e projetos realizam atividades em laboratório, desta forma os alunos conseguem assimilar melhor o ambiente e aprender todos os processos que envolvem uma análise química, já que durante as disciplinas que envolvem experimentos, muitas vezes não há tempo suficiente para tanta descrição.

*“Com certeza, principalmente na parte laboratorial, que eu **aprendi muito de laboratório no PET**, e isso é muito bom, porque além de quando eu me formar eu querer trabalhar na parte de ensino, eu também tenho vontade de trabalhar na parte de laboratório, então o que eu acabo conhecendo no PET, é um bom ponto.”* (ALUNA I 19).

*“O que a gente tem de aula em laboratório é muito ruim, muito bagunçada as aulas, a gente não aprende de verdade, e no laboratório quando eu **participei do LAST** foi que eu aprendi a fazer solução, foi que eu aprendi a mexer nas vidrarias, mexer com capela, ácido na capela, **tudo eu aprendi no laboratório**, porque não tem recursos nas aulas e a gente não aprende muito, então me ajudou bastante”* (ALUNA C 21).

*“[...] foi uma experiência maravilhosa porque eu nunca tinha tido **uma experiência dentro de um laboratório de verdade**, trabalhando na rotina, eu gostei bastante do **GETAP** [...]”* (ALUNA C 22).

Um estudante iniciante destacou sentir-se mais preparado para as **disciplinas**, em razão de aprender conceitos durante o programa que são abordados novamente nas matérias.

*“Sim, muita coisa que faz no **PET ajuda nas matérias**, então acaba tendo uma facilidade quando eu chego na aula, eu falo “nossa eu já vi isso no PET” e acaba ajudando.”* (ALUNO I 18).

Além do auxílio na formação dos estudantes, os programas também facilitam a **proximidade com os docentes** e professores da escola.

*“O **PIBID** eu fiz o específico de química, foram três anos, foi bastante, adorei, foi uma experiência única com professores bons, supervisores maravilhosos.”* (ALUNCA C 22)

Uma estudante discorre que sua participação no PIBID favoreceu sua relação com os professores da universidade, considera que no programa não fazem diferenciação dos estudantes por seu rendimento acadêmico, como ocorre nas disciplinas.

*“Ajudou, eu falo principalmente dessa **aproximação com o professor com os professores da universidade**, com o ambiente escolar até que não foi surpreendente, agora nessa questão de ter uma proximidade com professores da universidade que querem dialogar e querem ensinar, e acho que o mais bacana do PIBID é que dentro*

do programa não tem essa diferença de rendimento, todo mundo está ali dentro independente do seu rendimento acadêmico, e você tem oportunidade de aprender do mesmo jeito.” (ALUNA C 27)

Através da proximidade com os docentes, um estudante considerou as atitudes dos professores como exemplos, sejam eles bons ou ruins, incorporando esses modelos para reproduzir ou modifica-los em sua futura profissão.

*“a parte das **iniciações científicas** eu acho que sim, porque como a gente tem um contato mais íntimo com os **professores**, não íntimo, não foi a palavra certa, mais próximo, a gente acaba conhecendo, aí a gente acaba tendo aquele **exemplo de quero ser assim ou não quero ser assim**, ou tipo eu quero ter esses pontos quando for professor e não quero ter esses pontos, a gente ter a questão do conhecimento, ele expande né, quando trabalha com pesquisa.” (ALUNO C 21)*

Um aluno concluinte considerou que as exigências do tutor no grupo PET foram fundamentais para melhora na sua formação.

*“Nossa muito, o **PET** eu acho que o **professor**, que na época era responsável pelo programa, ele **foi bastante importante** no começo da minha formação, na cobrança que ele tinha, exigindo que sempre fizesse o melhor pudéssemos, uma apresentação impecável, buscar referências teóricas que fossem coerentes[...]” (ALUNO C 25)*

Um aluno concluinte que está realizando um projeto de iniciação científica, expressa as dificuldades encontradas durante sua pesquisa na área da educação, aconselha que todos os estudantes devam passar por este processo, para que possam entender a importância que a pesquisa atribui à educação.

“Eu acredito que sim, acho que todos deveriam ter contato com pesquisa na área de educação, primeiro porque quando a gente desenvolve uma pesquisa é frustrante, principalmente se ela envolve pessoas, questionários, porque assim, claro que todo mundo tem seus compromissos, todo mundo está apertado, por exemplo, a minha experiência com pesquisa foi frustrante no sentido de que você tem N questionários para poder recolher seus dados, [...] volta muito pouco, então às vezes a pessoa pega o questionário e desanima na hora de responder [...] é uma área que merece que realmente a gente sente e dedique um tempo, e as pessoas acabam desistindo no meio do caminho, então essa foi minha frustração, mas entender esse processo é algo que ajuda, porque se você se formar professor nada mais justo que você valorize aquilo que é da sua formação, então isso que você tem que valorizar a pesquisa em educação, você tem que ter contato com o que é produzido dentro desta área.” (ALUNO C 28).

Uma estudante comenta sobre sua atuação no PIBID, participou no projeto de duas professoras diferentes, expõe que na primeira situação precisava relacionar as atividades com o currículo, e na segunda situação apenas realizava atividades diversas fora do período das disciplinas curriculares. A estudante dissocia a realização de atividades com o fato de ensinar,

não consegue perceber que as atividades estão relacionadas diretamente com a transmissão de um conhecimento, e desta maneira com a prática de ensinar.

*“Foi muito bom, mais assim eu fiz PIBID com dois professores diferentes, a organização das suas são totalmente diferentes, uma tinha que pegar o currículo do governo e tal, mais eu não sei se é porque era encaixada com uma matéria, uma disciplina da escola. A outra era escola de período integral, a gente ia atarde, então **não era assim aquela coisa mais obrigada a ensinar** e tal, era mais uma atividadezinha.” (ALUNA C 23).*

O grupo de estudos, oportuna o aprofundamento das questões relacionadas à formação docente, explorando diversas opiniões e pontos de vistas sobre a tutoria de um professor, conseguindo dialogar sobre temas que não fazem parte da grade curricular do estudante.

*“o **grupo de estudos** também eu acho que foi indispensável para minha formação, porque consegui profundar muito mais a **questão da formação docente**, complementa aquilo que às vezes não tinha tempo de ter em sala de aula, porque a carga pedagógica que a gente tem aqui ainda é pequena” (ALUNO C 25).*

Em relação à formação docente, um estudante ingressante, não considera que o programa tem auxiliado, porém já está em planejamento uma atividade que colocará os alunos do PET em contato direto com a escola, desta forma acredita que o programa vai auxiliar futuramente para a formação docente.

*“**Pra docente até o momento não**, só que em fevereiro a gente vai fazer uma viagem, e a gente vai dar aula pra outra escola, começamos as preparações agora, então vai ajudar.” (ALUNO I 18).*

Em contrapartida a outra aluna ingressante que também faz parte do programa acredita que o grupo tem auxiliado em sua formação docente, pois relata que os alunos do PET ficam disponíveis para ajudar e tirar dúvida e ajudar os demais alunos, porém não entrou em detalhes sobre a forma que se dá esse processo.

“quando tem prova, assim a gente fica disponível para tirar dúvida dos alunos, e ajudar os alunos.” (ALUNA I 19).

Um estudante concluinte, que participou do grupo PET com o antigo tutor, relata que o grupo auxiliou na sua formação docente, pois promovia o contato direto com estudantes do ensino médio das escolas públicas de Araras, através de uma atividade intitulada “PET nas escolas”, em que diversas atividades, com caráter experimental, eram realizadas pelos petianos.

*“[...]o **PET** a gente tinha **contato com escola**, e a gente fazia uma série de atividades” (ALUNO C 21).*

Ser professor no UFSCurso promove ao estudante vivenciar de fato a profissão de professor.

*“o cursinho também **essencial na minha formação quanto professor**, professor dentro da sala de aula ter essa consciência dessa rotina de elaborar uma aula, essa **rotina docente**.” (ALUNO C 25).*

O PIBID insere o estudante no convívio com realidade das escolas públicas de Araras, com a supervisão de um professor, que mostrará como é o seu dia a dia na profissão docente, além disso, os bolsistas realizam atividades com o intuito de abordar conhecimentos estudados na sala de aula, ou temas sociais, de uma maneira mais descontraída e lúdica. Por promover uma alta carga horária de atividades, proporcionar que os estudantes possam ingressar no projeto nos primeiros anos de faculdade e uma liberdade para usar a criatividade nas atividades, o PIBID proporciona momentos diferentes do estágio, auxiliando ainda mais na formação docente, uma estudante destaca.

“Sim, auxiliou super, as experiências que eu não tive no estágio eu tive no PIBID e vice e versa.” (ALUNA C 24).

O programa também instiga a vontade de adquirir um maior conhecimento sobre a área da educação, com o interesse de aprimorar seus saberes da docência e contribuir, através da pesquisa, na melhora do ensino.

*“[...] principalmente assim eu entrei na faculdade querendo ser professora mais eu não via necessidade de **estudar algo dentro da formação docente**, e o PIBID me mostrou isso, a necessidade de encontrar uma área de pesquisa, uma linha e se dedicar a ela, porque aí a gente **contribuí pra melhoria do ensino**.” (ALUNA C 27)*

A inserção no cotidiano escolar também demonstra aos estudantes de licenciatura as dificuldades da profissão, e em vista disso uma aluna concluinte expõe que sua experiência no PIBID a fez **repensar sobre sua escolha pela profissão**.

*“Auxiliou, tanto que eu **não sei se eu quero ser professora**, eu já pensava em ser professora, pensava assim deve ser legal, mais você chega à escola, começa a ter aquela interação, você esta explicando a atividade, o aluno esta conversando, o outro sabe, nem aí, então você começa a pensar, eu acho que não quero.” (ALUNA C 23).*

Outra estudante concluinte, que também se deparou com uma dificuldade no UFSCurso, preferiu enfrentá-la e buscou alternativas para driblar o problema, compreendendo a situação como um **aprendizado muito importante para sua formação docente**, como relata em seu significativo depoimento:

“senti dificuldade porque eu dei aula pra uma aluna surda, eu estava no segundo ano não tinha tido contato nenhum com LIBRAS naquela época[...] e quando eu

peguei essa aluna, eu lembro que a gente teve um apoio da professora de LIBRAS, ela ajudou com algumas coisas fez algumas oficinas, eu não tinha domínio nenhum, não sabia nem falar oi, eu tinha um amigo que era ótimo em libras, ele é maravilhoso, ele começou a fazer os sinais com ela, ela começou a compreender, mais a primeira vez que eu elaborei a minha aula era tudo slide escrito[...] pra um surdo sem muitas imagens foi difícil, depois eu comecei a me comunicar com ela por whatsapp, comecei a tirar as dúvidas dela, conversar com ela e a gente começou a contornar a situação, mais foi uma das piores coisas[...] foi bom porque me ensinou como pessoa, não é só ficar naquele mundo, só preparar aulas para aqueles alunos, porque tantas pessoas podem estar naquela aula no cursinho, eu preparei aquela aula e não era pra um aluno surda e eu me deparei com uma situação dessa, e quando eu for dar aula no estado por exemplo eu tenho que saber que vou dar aula pra diversas pessoas, então a gente tem que sempre que estar preparado para essas questões.” (ALUNA C 22)

No relato dos entrevistados, quando questionados à **participação de atividades que oferecem informações, debates e discussões sobre a formação docente**, a maior parte comentou participar durante a Semana da Química, que oferece palestras, apresentação de trabalhos e mesas redondas relacionadas à área de educação. Os alunos ingressantes e duas alunas concluintes participaram apenas na Semana da Química.

“Participei de uma que teve na semana da química.” (ALUNA I 19).

“A Semana mesmo que a gente fez de licenciatura”. (ALUNA I 20).

“Já, já sim, principalmente na semana da química, que é uma semana que proporciona você ter tudo isso em uma única semana, mesa redonda, palestras, participação de pôster essas coisas, então foram nesses períodos que eu tive mais convívio com mesas redondas.” (ALUNA C 22).

“Eu participei na primeira, assim participar de assistir, eu participei na primeira semana da química que eu fiz em 2014 teve uma palestra de educação, esse ano também teve mais eu acabei não vindo no dia.” (ALUNA C 23).

Outros estudantes considerados concluintes, além da semana da química, já expandiram a participação em eventos na área de educação indo a outras regiões e **participando de diferentes atividades relacionadas à formação docente**.

“Sim, fui em alguns congressos, a semana da química aqui da faculdade também, e na minha cidade todo começo do ano tem uma semana para os professores da rede municipal, que sempre vai um palestrante ou outro e eu sempre tento participar, é ouvinte mais eu gosto, é uma maneira de ver ex professores e palestrantes legais.” (ALUNA C 27)

“Eu participo, quando tem na faculdade eu participo, [...]eu fui no CONEGRADÉ, fui apresentar trabalho, já estava lá, mais quando tem na faculdade eu sempre vou.” (ALUNA C 24)

“[...] algumas conferências também, geralmente aqui quando tem a semana da química.” (ALUNO C 28)

“Sim, na semana da química, eu já fui em congresso sobre docência, FVEQ.” (ALUNA C 21)

E um estudante comenta que gostaria de realizar cursos de verão na área de educação, porém não consegue encontrar universidades que ofereçam cursos com temas relacionados à docência.

“Na verdade eu tento participar, na verdade eu estou até procurando assim, justamente pra ter mais conhecimento sobre isso cursos de verão, porque eu não consigo encontrar cursos de verão sobre temas de educação como você encontra cursos de verão, por exemplo, de química, tem a escola de verão de química, tem cursos de verão de química, não digo só cursos de verão aqui da universidade sabe, quando abre nesse período, eu digo cursos de verão que todas as universidades abrem, por exemplo, curso de verão de bioquímica da USP se inscreva, tipo cursos assim, e aqui no campus quando tem eu tento me inscrever.” (ALUNO C 21)

3.5 Atuação dos professores

Os **professores** são essenciais para a formação do estudante, são os responsáveis pela **veiculação dos saberes** no contexto das disciplinas. No curso de licenciatura, o corpo docente não forma apenas estudantes, forma também futuros professores, e nesta perspectiva é necessário que o docente consiga articular o processo de transmissão do conhecimento de forma que o aluno consiga transmiti-lo futuramente a outros estudantes.

“Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.” (JULIA, 2001, p. 11)

Os aspectos positivos e negativos sobre a atuação dos professores da UFSCar/Araras, na visão dos estudantes, foram relatadas e dispostas no QUADRO V.

QUADRO V. Comentários dos estudantes sobre aspectos positivos e negativos relacionados aos docentes.

Identificação do estudante	Aspectos positivos	Aspectos negativos
ALUNO I 18	“[...] eu me surpreendi positivamente, porque eu achava que era assim, o professor só jogava a matéria e cada um procurava um jeito de entender, mais eu vi que não é bem assim, então foi bem positivo, os professores tem um tempo livre depois pra ensinar [...]Eu acho bacana o modo do professor de matemática dar aula , que mesmo quem não gosta de calculo, que é a maioria, acaba entendendo[...]	Negativo, por enquanto não.
ALUNA I 19	Então acho que o professor tem que fazer isso, tipo pegar enunciado de exercício e resolver na sala .	[...] aula em slide , eu não daria aula de slide, por exemplo, aulas de matemática e calculo, não daria aulas em slide, só a lousa. Porque eu acho que uma coisa é você pegar uma coisa já pronta e explicar em cima disso e outra coisa é você pegar essa coisa e desenvolver na sala, por que se não seria muito mais fácil pegar um livro e ler do livro, porque o professor lê do livro, porque que eu não consigo ler do livro.
ALUNA I 20	A lousa, o uso da lousa , eu acho melhor.	Só slide eu acho que atrapalha , porque como o professor já sabe o que esta ali ela passa muito rápido, então você que esta vendo pela primeira vez é difícil de você acompanhar, na lousa eu acho que fica mais simples, é errado falar mais eu acho que fica mais didático.

QUADRO V. Comentários dos estudantes sobre aspectos positivos e negativos relacionados aos docentes.

(continuação)

ALUNA C 21	Tem bastante professor aqui que é legal, vou colocar aqui uma pessoa que me aceitou para trabalhar junto com dela , quando eu fui falar com ela que queria fazer iniciação ela me acolheu.	Um não na cara quando eu cheguei na faculdade, nos primeiros anos eu era muito perdida, não sabia muito bem sobre os programas que tinham, ai foi no segundo semestre que eu consegui ter esse conhecimento, que tinha iniciação com bolsa e tudo mais, e eu fui atrás de uma professora pra ver se ela poderia me acolher , e ela fez eu vir até aqui e falou que não [...]foi uma coisa que me marcou bastante, que foi no primeiro ano, eu fiquei chateada, tentei entrar no PIBID também e não consegui porque tinha uma vaga só e o menino que estava concorrendo comigo ele era mais velho e ele teve preferencia pela vaga, ai eu também não consegui entrar no PIBID no começo, ai fiquei mais chateada ainda.
ALUNO C 21	“[...] eu quero fazer um mestrado em educação aqui porque os nossos professores de educação são espetaculares [...] eu acho que os nossos professores da parte de educação são muitos bons [...] eu fiquei muito impressionado quando eu tive didática, foi praticamente a primeira matéria que a gente tem na parte de educação, a gente vai aprendendo aquelas questões que envolvem a sala de aula, e acho que também o fato dele trabalhar com multiculturalidade, tanto que eu estou indo atrás dele para ele ser o meu orientador do TCC, acho que me identifico com ele.”	A acho que entra naquela questão do estereótipo do professor ruim que a gente vê aqui no curso, ai se for falar de um professor vou generalizar um monte. [...] os professores da área especifica confesso que muitos estão aqui só para fazer pesquisa , eles não conseguem compreender que eles também tem que dar uma aula, e não é dar qualquer aula, é dar uma aula que faça sentido.

QUADRO V. Comentários dos estudantes sobre aspectos positivos e negativos relacionados aos docentes.

(continuação)

<p>ALUNA C 22</p>	<p>“minha orientadora é um bom exemplo [...] ela te dá métodos de você fazer mais não te dá feito, [...] tem outra professora de educação que também é uma professora bem assim, ela vem buscar você a desenvolver alguma coisa [...] o professor de matemática, ele é um amor, ele é diferente de todos os professores de matemática, ele consegue pegar aquele exercício e consegue mostrar pra você como chegar, simplesmente não coloca um slide e vai passando, e se você não entendeu ele coloca aquilo na lousa e vai explicando passo a passo, e se você não entendeu ele volta de novo e faz o mesmo, e vai mudando a metodologia, acho que são bons exemplos de professores aqui, de atitudes inclusive, porque o professor mudar o método é muito difícil, porque você aprendeu daquele jeito, você vai ensinar porque você acha que aquele jeito da certo, é muito difícil você mudar o seu método de ensino.”</p>	<p>[...] tem professores que muitas vezes eu não compreendia algumas coisas que ele estava explicando, mais assim ele não é um professor ruim, ele é um professor com uma bagagem excelente inclusive, um professor que sabe muito pra ele, porem na hora de ensinar muitos não compreendem, inclusive esta todo mundo com DP, tem um pessoal da minha sala que esta fazendo DP dele ainda no quinto ano, e tem outra professora que é muito inteligente mais na hora de passar eu não consigo entender. Os pontos negativos eu acho não tem tantos, alguns professores ainda não se adaptaram a algumas coisas, tem uns que já modificam a metodologia, tem outros que nunca vão modificar, vão continuar dando aquela aula mesmo ninguém entendendo.</p>
<p>ALUNA C 23</p>	<p>Gosto bastante de dois professores da professora de físico química e do professor de experimental, eu acho que eles são bons, o jeito que eles ensinam, eles ensinam super bem.</p>	<p>Tem professores que desmotivam bastante, tipo comentários de “vocês não vão passar nessa matéria, não adianta nem estudar”, ou tem professor que você vai entregar um trabalho e já olha pra você com aquela cara de que não esta gostando.</p>

QUADRO V. Comentários dos estudantes sobre aspectos positivos e negativos relacionados aos docentes.

(continuação)

<p>ALUNA C 24</p>	<p>Os professores aqui são outra coisa, não é mais meu aluno, meu filho, é tipo meu aluno, meu aluno, eu gosto que tem professor que eles respeitam muito a matéria que eles dão em sala em relação ao que cai na prova, [...]eu gosto mais desse professor que se envolve com o aluno, ajuda e passa realmente o que vai cair.[...] Cada professor tem um jeito e como eu estou na faculdade faz um bom tempo, eu já peguei dois professores dando a mesma disciplina, porque eles revezam, eu gosto muito da lousa[...] tem um professor que ele coloca a matéria na lousa você copia e ele explica, porque é bom a gente ter no caderno pra poder estudar[...] ele explica, ai tem um exercício de exemplo [...]ele sabe se programar na aula, minha aula tem 50 minutos e é nesse 50 minutos que eu vou fazer, os professores da licenciatura eles estão mil vezes mais esclarecidos, por exemplo tem professor que chega e vai explicar uma coisa e eu li três vezes esse texto e não tinha entendido que era isso, então eu gosto bastante.</p>	<p>[..]eu vou confessar que eu não gosto de slide, [...]um exercício de exemplo, porque não mata, não cai a mão do professor colocar um exercício de exemplo pra gente entender como é aquilo, ai a gente faz um exercício, também não estou dizendo que é pra ele ficar passando lista[...]</p>
<p>ALUNO C 25</p>	<p>Aqui na faculdade as experiências já foram maiores, eu diria principalmente dos professores da área de educação, com todos os que eu tive contato, são todos mais atenciosos, mais preocupados, percebia que tinha preocupação com o preparo da aula e tudo mais, até mesmo os professores da área disciplinar eles tinham preocupação mesmo que tivessem falhas, dava pra perceber que pelo menos eles se preocupavam de algum modo.</p>	<p>Não me lembro.</p>

QUADRO V. Comentários dos estudantes sobre aspectos positivos e negativos relacionados aos docentes.

(continuação)

ALUNA C 27	<p>“me recordo que eu fiz matéria com um professor, e é um professor até do departamento de física[...] uma semana que minha Vó faleceu, então eu fiquei muito ruim e mandei um e-mail pra ele dizendo que eu não tinha [...] ele respondeu o e-mail me dispensando da prova aquela semana, porque daria tempo de voltar do velório e ir fazer a prova, mas ele me dispensou da prova e disse que eu poderia fazer quando eu tivesse bem, ele não tinha obrigação, não tinha a necessidade de fazer isso mais ele fez e eu achei uma atitude muito humana da parte dele, muito positiva.[...] Já encontrei professores que ensinam de uma maneira muito legal, principalmente usando o senso de humor, eu acho que isso é muito engraçado, é muito bom quando você esta em uma sala de aula e vê que o clima esta alegre, todo mundo ensinando [...]”</p>	<p>Teve um professor que eu tive uma sequencia de notas ruins com ele e ele me chamou no canto um dia na sala e falou pra mim que eu tinha que realmente pensar a escolha do curso, que esse curso não era pra mim, que eu tinha um rendimento muito abaixo da media, e com ele eu não iria passar nunca, e se eu não tivesse entendendo eu teria que trancar a matéria, eu fiquei muito mal naquele ano [...] já tinha muito tempo que não estudava voltei pra faculdade depois de cinco anos que eu fiz ensino médio então fiquei tensa naquela época, mais ele foi muito rude, foi bem tenso. [...] são professores que entendem que você entende o que eles estão falando, e se você não entende o problema esta com você[...] é a postura de um professor que faz diferença com s alunos em sala de aula, a questão do rendimento todos os professores valorizam isso[...]”</p>
ALUNO C 28	<p>Tem uma professora de psicologia, uma concepção de mundo que ela abordou, que ela aborda, que ela tem, quando eu comecei a ter contato com esses trabalhos, com esses estudos, eu comecei a ver que eu me identificava também com essa visão[...] comecei a estudar mais, me identificar e as aulas dela foram, questão da gente abrir a cabeça mesmo, sair da caixinha e também pensar nas coisas que são tão diferentes da gente [...]uma questão que eu acho muito positiva, isso pode se estender a todos os professores na área da educação, é exatamente essa abertura pro que é diverso mesmo, pra diversidade.</p>	<p>O entrevistado não comentou sobre esse aspecto.</p>

Os **professores da área de educação** foram os mais elogiados, por demonstrar clareza no **conhecimento do conteúdo que ministram, e um preparo de aula**. O **atendimento** que os professores oferecem **fora do período das aulas** foi é considerado um aspecto bastante positivo pelos estudantes, pois nestes momentos, conseguem **esclarecer melhor dúvidas** que surgem após as aulas ou durante os estudos para uma prova. Além disso, alguns elementos da

prática dos professores, também foram comentados como aspectos positivos, a forma como lecionam, os **métodos** que utilizam, o **uso da lousa**, enfim, meios que facilitam o entendimento dos estudantes.

Para Forquin (1993) “ensinar, é colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que ele deles se nutra, que ele os incorpore à sua substância, que ele construa sua identidade intelectual e pessoal em função deles” (p. 168).

Três estudantes não comentarão sobre os aspectos negativos, sinalizando que talvez nunca tenham pensado sobre isso, ou que não tenham observado as práticas dos professores de modo reflexivo.

O **uso de slides foi muito criticado**, os estudantes destacam como o **instrumento dificulta o aprendizado**, além disso, **comentários negativos** dos professores, em relação à capacidade intelectual de seus alunos, **desmotivam** significativamente os entrevistados, fatos que revelam “a necessidade de uma prática qualificada que desencadeie a melhoria da educação básica no país.” (AZEVEDO, 2011, p.301)

3.6 Interações

As **interações** são aspectos presentes na **cultura escolar**, acontecem naturalmente no cotidiano dos estudantes, nos diálogos e nas trocas de informações, analisar como ocorre a **veiculação de informações** através das interações entre os alunos permitiram detectar grande variedade de informações.

O **contato com os alunos veteranos** é bastante presente na vida dos estudantes, sendo mais comum para alunos que desenvolviam alguma atividade extracurricular e geralmente ficavam mais tempo na universidade, e para os que moravam em repúblicas e tinham interações além do espaço universitário e com estudantes de cursos variados, como comenta a aluna.

“não tem jeito, a gente que é de república não tem jeito, é agronomia, é agroecologia é gente do meu quarto.” (ALUNA C 24).

Os estudantes que moravam na região e **permaneciam na universidade apenas no período da aula**, mantinham **interações apenas com as estudantes mais próximos**, como namorados ou colegas da própria sala.

*“[...]é bem pouco que eu converso, é bem raro, agora **eu converso com mais com meu namorado** que esta em um ano bem mais avançado que o meu, então ele sabe de muita coisa, já passou por muita coisa então é fácil, aí ele vai comentando.”(ALUNA I 20)*

“Aí assim, só com pessoas que eu tenho um pouquinho mais de amizade, são bem poucas.” (ALUNCA C 23).

Sobre as **informações que os veteranos transmitem**, os depoimentos destacaram vários aspectos, disseram conversar sobre o curso, as disciplinas, professores, provas e atividades extracurriculares.

Alguns estudantes chegam a estudar, para uma prova ou aula, determinados **conteúdos** que os veteranos indicam, e neste aspecto concordam sobre a valorização dos conselhos de estudantes mais experientes. Como mostram alguns exemplos abaixo:

*“[...] em química orgânica **disseram para fazer as listas** que ele manda no e-mail, que **na prova vai estar bem parecido**, acho que é um conselho que deu certo.” (ALUNO I 18)*

*“Eles dão dica, **tal professor na prova dele cai isso**, isso e isso, então você pode estudar porque aí vem tudo, e é aquilo mesmo e cai, porque tem professor que não muda a matéria e não muda na prova também.” (ALUNA C 23)*

*“as meninas sempre falavam **se você for na aula de fulano você lê o texto** senão você não vai entender nada da aula, [...] então tinha aula que eu lia porque precisava ler.” (ALUNA C 24)*

Uma estudante diz que os **veteranos gostam de amedrontar os estudantes mais novos**, aconselhando sobre alguns aspectos negativos dos professores, e por fim acaba preparando os alunos a enfrentarem algumas situações.

*“Os alunos mais velhos gostam de por medos nos mais novos também, eu lembro quando eu entrei que **o pessoal falava “nossa a professora tal é muito má”**, faziam esse tipo de comentário, e era verdade, e os alunos mais velhos **ajudam com provas também**, eles **nos preparam para enfrentar algumas coisas**, acho interessante.” (ALUNA C 21)*

Porém, na visão de outra estudante, o aconselhamento em relação à aspectos negativos dos professores não foi proveitoso, a aluna considerou que os veteranos estavam insatisfeitos com a universidade e transmitiam apenas maneiras de não falhar.

*“Sim, é que eu tive contato com os meus veteranos mais fui um pouco infeliz nessa parte, eu tive contato com muitos **veteranos que estavam insatisfeitos com universidade**, então **todos os conselhos que eu tive sempre foram conselhos para não fracassar e não de como progredir**, que foi um pouco ruim, eu já chegava a uma matéria sabendo que o professor não considera isso, aquele é ruim nisso, aquele não vai te ensinar isso, o professor avalia você desse jeito, mais sempre no aspecto ruim.” (ALUNA C 27).*

Uma estudante não executou o **conselho recebido sobre não faltar às aulas de cálculo**, e percebeu que isso prejudicou muito no entendimento da disciplina, depois dessa experiência a estudante pretende dar mais atenção aos conselhos da amiga veterana.

“No começo desse semestre, minha amiga falou não falte em nenhuma aula de cálculo, e eu faltei, eu faltei em uma aula e eu fiquei perdida, agora toda vez que ela falar não falte, eu não vou faltar.” (ALUNA I 19).

Uma estudante **se espelha em seu amigo veterano**, considera que o estudante, e **os conselhos** por ele recebidos, **foram fundamentais para sua formação**.

“Nunca tive tantos conselhos em relação a graduação como um todo, mais tudo o que eu ouvia eles falarem das experiências eu tento ouvir, tento não cometer erros e tento fazer igual, por exemplo, eu lembro até hoje da escolha do TCC, a escolha do Orientador, ele me falou muito, quando ele comentava do TCC, como que era, o que aconteceu, eu via bastante nele a questão de fazer tudo com calma, se dedicar, e eu tento fazer dessa maneira, principalmente na preparação de aula, quando eu preparava aula junto com ele do lado dele, a gente fazia juntos a aula, ele me mostrava por exemplo no seu slide, tem que colocar isso, tira um pouco desse texto, modifica, faz dinâmica, eu fui aprendendo isso com ele, tentei depois que ele saiu continuar desse jeito que ele estava explicando, ele é o máximo.” (ALUNCA C 22)

3.7 Docência

Forneceram dados para esta análise as questões de 22 à 24 que foram direcionadas à aspectos referentes a docência, porém iniciaremos a discussão com alguns comentários provenientes da questão 18 do roteiro de entrevistas no momento em que os estudantes são questionados sobre os conselhos que recebem relacionados à docência.

3.7.1 Conselhos sobre a docência

De modo geral, todos os estudantes disseram receber **conselhos sobre a futura profissão**, seja por outros estudantes, professores da universidade ou professores das escolas onde realizaram algum projeto. Os conselhos englobaram diversos aspectos, como será mostrado nos depoimentos a seguir.

Alguns **veteranos**, que já lecionaram, **contam para os alunos mais novos** sobre suas **experiências** de maneira bem positiva.

“Meu amigo amava ser professor, tanto que ele fazia estágio, dava aula no cursinho e dava aula no Estado na época ou em algum projeto, ele amava ser professor, quando ele falava do estágio, ele sempre era animado com alguma coisa que acontecia, “o professor me falou que a aula que eu dei foi muito boa, os alunos conseguiram entender”, sabe a todo momento ele tinha uma empolgação em ser professor, parecia que nada iria desmotivar, nada iria fazer com que ele parasse, tudo pra ele era muito bom.” (ALUNA C 22)

Incentivando os alunos mais novos e dando **dicas** e conselhos sobre a profissão.

“meu namorado gosta bastante dessa área, ele já comentou sim, de responsabilidades, do modo que você vai falar, de como você vai agir dentro de uma sala de aula, como que você vai conseguir apartar alguma situação que acontecer.” (ALUNA I 20).

Também comentam sobre o distanciamento que ocorre com teoria que aprendem na universidade e a prática que ocorre nas salas de aula, enfatizando que “os saberes disciplinares e curriculares que os professores transmitem situam-se numa posição de exterioridade em relação a prática docente.” (TARDIF, 2002, p.40)

“tive contato com alunos que já eram professores, eles falavam que a gente vê bastante teoria mais que a prática é outra, faziam comentários acerca do trabalho deles.” (ALUNA C 21)

Constatando que o maior aprendizado sobre a docência se estabelece na prática da sua função, pois os saberes se constituem da prática docente. (TARDIF, 2002)

“O que me falam muito é que a gente pode estudar a vida dentro da faculdade e entender e explicar, mais quando você chegar na sala de aula tiver a sua turma com os acontecimentos do dia a dia, lidando com aquela pessoa naquela região, naquela escola sendo de periferia ou não, que você vai aprender a coisa só na prática.” (ALUNA C 24)

É comum os alunos observarem as práticas dos professores das escolas, quando realizam estágios e programas. Um aluno comenta que sua amiga, quando participou do PIBID, observou que os professores não avaliavam os alunos de acordo com o seu desempenho, apenas passavam os estudantes de série para não causar problemas nas aulas.

“moro com uma amiga que faz PIBID, então ela fala sobre a dificuldade, que algumas coisas que ela acha que é errado que acontece, por exemplo, ela fala que vai ter reunião que os professores falam “passa esse aqui pra não dar trabalho” então que não tem aquela seriedade, aquele compromisso, uma dificuldade[...]” (ALUNO I 18)

Uma entrevistada relata discutir bastante, com seus amigos, questões relacionadas ao funcionamento das escolas e de que maneira o governo interfere neste processo.

“[...] costumam discutir muito a questão de como a escola esta hoje, essa parte relacionada com o governo, e a gente acaba conversando sobre esse lado ruim mais a conversa sempre é construtiva, a gente nunca briga falando sobre isso.” (ALUNA C 21)

E outro estudante conseguiu despertar em seu namorado o interesse pela licenciatura conversando sobre aspectos da docência.

“é um assunto que me empolga, com o pessoal de casa eu fico problematizando esse tipo de questão, com meu namorado que ele veio pra cá porque eu ficava pressionando ele com esses assuntos, “ah e se a gente pensar tal coisa sobre tal professor, e aí a gente vai problematizando e conversando.” (ALUNO C 21)

E uma aluna destaca que os comentários positivos sobre a docência foram essenciais para sua escolha de continuar no curso de licenciatura.

*“Quando eu entrei as meninas da república eram mais velhas, elas já faziam estágio, algumas estavam no PIBID, e os casos que elas contavam quando chegavam fazia eu repensar muito se era isso mesmo que eu queria, porque eu **continuei em licenciatura por vários fatores, um deles foi as meninas falando que gostavam sobre a escola.**” (ALUNA C 24)*

Um estudante relata sobre **um conselho bem significativo** que recebeu de seu colega durante a participação no UFSCurso, segue para leitura:

“No cursinho quando eu comecei a dar aula, talvez eu tivesse um posicionamento rígido, eu sempre fui bastante preocupado em estabelecer um diálogo honesto com os alunos, de realmente conversar com eles sobre qual a importância de estudar a química ou qualquer área do conhecimento, o quanto aquilo transforma a visão sobre a realidade e tudo mais, só que eu acho que mesmo tendo essa preocupação no começo eu tinha um posicionamento mais distante dos alunos, no sentido de que essa relação professor aluno ficava em segundo plano e eu não percebia isso, isso foi acontecendo durante o momento das aulas, até que meu amigo como sempre esteve no cursinho e sempre teve contato direto com os alunos, eles comentavam sobre os professores, e comentaram isso com ele de que eu tinha certo distanciamento dos alunos, eles sentiam isso e eu não percebia, então meu amigo veio conversar comigo e eu percebi que realmente, por mais que eu tenha me preocupado com essa relação, eu ainda tinha barreiras latitudinais que eu precisava romper para me aproximar mais do aluno, então eu acho que esse conselho foi bastante importante pra eu rever a minha aula, por mais que eu me preocupasse com o aluno, com a aprendizagem dele e com as relações dentro da sala de aula eu acabava de modo indireto ficando distante deles, eu acho que essa conversa ela foi bastante importante, tanto é que eu sempre valorizo o que a pessoa tem a falar sobre mim, porque as vezes a gente acaba reproduzindo coisas que a gente não concorda sem perceber, faz parte da estrutura que a gente esta acostumado a viver.” (ALUNO C 25)

A **autorreflexão sobre a prática docente é seriamente importante**, ser capaz de distanciar-se de seu ponto de vista, a um grau suficiente para conseguir avaliar sua prática é um processo difícil, porém necessário, apenas enxergando a falha no processo de ensinar, que modificamos os hábitos, técnicas e condutas progredindo para uma educação eficaz.

O trabalho de um professor requer **dedicação pela profissão**, pois todos os dias os professores **interagem com diversos estudantes**, modificando-os na forma de pensar e agir, em vista disso segue um importante conselho:

“Lembro-me de uma coisa que uma professora de educação falou quando a gente começou a fazer metodologia, que eu acho que é muito forte e eu não consigo esquecer porque é bem isso, ela falou assim, “eu sei que muita gente esta aqui não por parte da licenciatura, porém como eu estou dando aula de metodologia de ensino para vocês eu vou considerar que todo mundo aqui quer ser professor, mas tenham em mente que se vocês não quiserem ser professor, não sejam, porque vocês vão

prejudicar muitos de alunos se vocês de fato não quiser estar ali”, e acho que isso é uma coisa que faz muito sentido, que eu não consigo esquecer, porque se eu fizer uma coisa que eu não gosto de fazer provavelmente eu não vou fazer tão bem feito quanto eu poderia, aí que eu vejo um grande impacto.” (ALUNO C 21).

Uma docente considerou, que a saída de um estudante do projeto de pesquisa (PIBIC) para um projeto de iniciação à docência (PIBID), foi um grande desperdício, como destacado no depoimento:

“teve uma professora da área específica, quando eu sai do PIBIC com ela, que ela achou um absurdo, falou “nossa você é um desperdício indo pra área de educação”, porque ela acha que a área de educação não faz pesquisa, ela acha que a área de educação qualquer coisa você publica que não é pesquisa, aquela coisa “você vai fazer o que lá, é um desperdício, você se dá tão bem no laboratório, e sei lá o que”, eu até achei um pouco antiético da parte dela, e ignorância também né.” (ALUNO C 21)

Infelizmente alguns docentes possuem **concepções erradas** perante a **sua própria atuação como professores-pesquisadores**, desvinculam o ensino e a pesquisa, não conseguem compreender a importância das duas áreas e a forma como elas podem se relacionar.

Os educadores e os pesquisadores, o corpo docente e a comunidade científica tornam-se dois grupos cada vez mais distintos, destinados a tarefas especializadas de transmissão e de produção dos saberes sem nenhuma relação entre si [...] caminham em direção a uma crescente separação das missões de pesquisa e ensino. (TARDIF, 2022, p.35)

Um aluno concluinte relata que na educação básica, ele e os colegas estudavam para as provas ensinando um ao outro, porém devido à **desvalorização da profissão** docente o estudante não cogitava a possibilidade de se tornar um professor.

*“teve aquela época que a minha sala foi lá naquela área escura da escola, então como a gente ficava naquela área esquecida da escola, e não tinha inspetora patrulhando o corredor, então a sala ficava constantemente aberta então na hora do intervalo ou na aula de educação física, antes de prova eu lembro que eu me reunia com meus amigos e a gente ficava assim, dando aula um pro outro, e a gente se ajudava por causa da prova, só que eu acho que **nunca considere ser professor** porque professor é uma profissão que bastante, é um bico né, a galera vê, “ah você não tem o que fazer, vai dar aula”, então acho que nunca me passou na cabeça ser professor por causa disso, porque **não tem valorização nenhuma ser professor**, então pra uma criança de sei lá, 15, 16 anos, acho que o mais interessante era ir pra uma profissão que tivesse um reconhecimento, minha mãe como pedagoga ela também nunca falou nada de ser professor, ela só falava assim “ah tinha uns alunos assim, assado...”, mais não contribuía em nada para despertar meu interesse por isso.” (ALUNO C 21)*

Uma aluna segue detalhando **conselhos negativos sobre a profissão** docente:

*“[...] sou desencorajada o tempo todo, principalmente por professores, isso é o que assusta mais, no estágio, no PIBID, eles **desencorajam** muito a gente a continuar na profissão, são os conselhos silenciosos é ver que **mesmo reclamando eles estão dando***

aula, é ver que mesmo reclamando ficam felizes quando os alunos tem um bom rendimento, é ver que mesmo que eles não queiram que a gente esteja ali eles estão ali e lutam para que aquele espaço permaneça e a qualidade ali melhore, são mais esses contexto que eles não falam mais fazem.” (ALUNA C 27)

É lastimável que a **desvalorização pela profissão docente aconteça pelos próprios profissionais da área**, e observar que mesmo descontentes continuam a atuar, “embora os seus saberes ocupem uma posição estratégica entre os saberes sociais, o corpo docente é desvalorizado em relação aos saberes que possui e transmite.” (TARDIF, 2002, p.33).

3.7.2 Pessoas ou acontecimentos que lhe ensinaram sobre a docência

Quando questionados sobre **acontecimentos ou pessoas que lhe ensinaram sobre a docência**, os estudantes comentaram sobre professores da universidade, professores do ensino básico, projetos que desenvolvem, acontecimentos da trajetória escolar, conselhos de amigos, identificação com outros professores, etc. É possível perceber que todos esses aspectos mencionados foram questionados no decorrer da entrevista, e isso mostra que talvez os estudantes foram refletindo sobre as qualidades de um professor apenas durante a nossa conversa, e que talvez nunca tenham pensado sobre isso anteriormente.

É importante destacar que o **trabalho docente não é um dom**, ninguém nasce sabendo ensinar um conteúdo a alguém, **é preciso aprender a ser um professor**, “o saber docente se compõe, na verdade, de vários saberes provenientes de diferentes fontes.” (TARDIF, 2002, p.33)

Uma aluna concluinte comenta sobre o fato de aprender a ser um bom professor:

*“[...] dentro da sala de aula quando a gente tem as **disciplinas pedagógicas**, a gente tem o contato direto de como ser docente, **como ser um professor**, e na prática, a gente **ainda não sabe realmente na prática**, quando você esta no estagio você ainda não tem a sua sala, você esta vivendo daquele jeito mais se fosse professor seria outra coisa.”* (ALUNA C 22).

A estudante destaca que através das **disciplinas pedagógicas** aprendemos alguns **saberes** necessários para a profissão docente, porém apenas na prática haverá a apropriação desses saberes.

“Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longo e complexo se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequadas” (TARDIF, 2002, p.35)

Muitos estudantes ainda **não atuaram como professores**, então comentavam sobre **modelos positivos de professores** que tiveram durante sua trajetória escolar. Segue alguns comentários referentes às aulas ministradas por professores que marcaram a vida dos estudantes e tornaram-se inspirações.

Um estudante ingressante apenas diz inspirar-se em sua professora, porém não entra muito em detalhes.

*“eu lembro de introdução as licenciaturas, uma professora de educação, acho que eu **me inspiro muito nela**, gosto muito do jeito dela.” (ALUNO I 18)*

Um aluno concluinte discorre sobre sua **identificação com um professor** da universidade.

*“O primeiro **contato com a docência**, que eu fui ter aqui foi com o **professor de didática**, que a gente começa a compreender isso, então eu posso dizer que esse professor me deu a base da carreira docente, pela compreensão de didática que ele tem, a didática não é aquele exercício somente pratico né, ela é uma tomada de posição, então eu acho que quem deu essa base assim ele, mas a gente tem que pensar também o que é a docência para nós, porque quando você tem um professor que você, independente de qual seja, que você estabelece uma identidade, é aquele discurso né, um dia vou ser que nem esse cara, alguma coisa chama a atenção, mais eu acho que é isso, são os professores que mostram no **exercício da função** aquilo que é **papel específico de professor**, ou seja na minha concepção aquela pessoa que realmente se engaja no processo de ensino e aprendizagem e **possibilita atrás do ensino a aprendizagem do aluno**.” (ALUNO C 28)*

Os alunos se **identificam** com características que consideram positivas de seus professores, tentando incorporar e modificar suas práticas, para conseguir, em sua atuação profissional, se aproximar do modelo que consideram como **bons professores**.

Uma aluna iniciante relata o **conselho que recebeu do seu professor** no ensino básico.

*“um professor de matemática, as vezes eu ficava frustrada porque eu não conseguia explicar alguma coisa, não que eu não conseguia explicar, eu conseguia explicar mais a pessoa não entendia, e aí eu explicava varias vezes, só que do mesmo jeito, aí ele falou se ele não esta entendendo desse jeito explica assim, **tem diferentes formas de explicar e isso influencia também**.” (ALUNA I 19)*

É possível notar que a estudante começou a se **identificar com a docência no ensino básico**, e o **conselhos do seu professor** foi muito importante para mostrar **diferentes maneiras de abordar um mesmo conteúdo**, “os professores partilham seus saberes [...] através do material didático, dos “macetes”, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula, etc.” (TARDIF, 2002, p.53)

Outro aluno esclarece que de modo geral, **aprendeu sobre a docência com os professores** que não diferenciam seus alunos, ensinam de modo igual para todos os estudantes, professores que sabem **dar sentido ao conteúdo** ministrado, entendendo que os conhecimentos ministrados devem ultrapassar os limites da escola.

*“Eu acho que mais esses professores que independente do que você sabe ou do que você não sabe, quem você é, se você tem dinheiro ou se você não tem que até nisso tem alguns que fazem diferença né, que tratam diferente, acho que com essas vivências sabe, esses professores que **querem que você aprenda**, não é só pra você conseguir fazer a prova, é pra você levar pra vida, tanto é que o relatório que eu fiz do técnico eu coloquei muito isso[...] coloquei que esses professores eles **não só professores na escola, são da vida** mesmo, Eu acho que isso foi o mais incrível o mais humano.” (ALUNA I 20)*

Um estudante concluinte comenta que **a universidade mudou sua concepção de um bom professor:**

*“Sempre me inspirei nos meus professores, mesmo que **minha visão** sobre eles tenha mudado um pouco depois que eu entrei na universidade, ela **era um pouco estereotipada**, eu tinha um estereótipo de professor, que **mudou bastante depois que eu entrei na universidade**, eu acho que aqui mesmo que eu tive minhas vivências mais transformadoras, nesse sentido de enxergar a responsabilidade do professor e tudo mais.” (ALUNO C 25).*

O conhecimento adquirido durante um **curso de formação de professores** permite que o aluno **reflita sobre a profissão docente**, observando aspectos que antes passavam despercebidos. Os **conhecimentos teóricos e as pesquisas**, sobre a prática do professor, estudados durante a graduação, fornece ao estudante suporte para uma visão crítica sobre a prática docente.

Os **programas** que desenvolvem e os congressos que participam também permitem uma **aproximação com a docência**.

*“A oficina me ajuda bastante, porque eu não dei aula ainda e eu só estou fazendo estágio, e no estágio a gente fica sentadinho, a oficina já me ajudou a ter **contato com os alunos**, acho que essa situação me ajudou na questão da docência, os eventos também de congresso que discutem bastante.” (ALUNA C 21)*

Os estudantes que ainda não atuaram como professores, através dos **programas** oferecidos pela universidade podem ter **o primeiro contato com a prática docente**, aprendendo sobre o dia a dia da profissão, e, além disso, participar de **congressos** faz com que os futuros docentes se **atualizem sobre as contribuições para educação**, buscando integrar as contribuições provenientes das pesquisas na prática das salas de aula é um bom caminho para tornar-se um bom professor.

*“Na faculdade eu tive muitos colegas, algumas matérias específicas eu tive muita dificuldade de aprender, principalmente as analíticas, então eu tive **colegas** que foram bons professores comigo, eles doaram um tempo a mais pra me ensinar reservado conteúdo, **foram os melhores professores que ensinam a ser professores** que eu tive, alguns colegas que estão ralando ali como você pra ganhar nota e doam um tempo precioso pra te ensinar, são os melhores exemplos que eu tive.” (ALUNA C 27)*

3.7.3 O que é ser um bom professor na visão dos estudantes

A questão – 22 – visou compreender, na visão dos estudantes, o que é um professor e quais características ou conhecimentos ele deve ter. A intenção foi fazer com que os entrevistados **refletissem sobre a profissão docente**, direcionando para as **qualidades de um professor**, tentar entender o que o estudante pensava, naquele momento a respeito da atuação de um bom professor.

Para Tardif (2002) um professor ideal

“é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.” (p.39)

Para os estudantes um **bom professor** deve ter diversas características, deve manter uma **boa relação com seus alunos**; deve **dominar o conteúdo** a ser ensinado, porém também é importante que saiba **trabalhar esse conteúdo**, saiba **relacionar o conteúdo ao cotidiano do estudante**; deve **despertar o interesse de toda a turma**; saber se expressar; e ser **humilde para também aprender**.

*“Um professor de química tem que saber **o mínimo química**, por isso que eu falo esse notório saber só foi divulgado agora mais a galera estava pondo em pratica já, fazendo bacharel e se enfiando na escola pra dar aula, então esse professor ele sabe muito? Sabe, ele entende? Ele entende, mais ele tem um problema serio, tem muito professor que discrimina a licenciatura “hoje a nossa aula vai ser em roda porque vamos ter uma aula igual de licenciatura”, ai a aula não tem uma didática, não tem um bom conceito, não tem uma fundamentação teórica, não, vamos fazer roda porque ela acha que é isso que a gente faz.” (ALUNA C 24)*

*“Acho que precisa ter um **conhecimento químico**, se não você vai passar um conteúdo errado vai crias concepções alternativas, então a gente não pode ter concepções alternativas e precisa também ter um **pouco das questões pedagógicas, saber interagir com os alunos** [...] acho que essas questões são bem importantes, a gente vê na teoria mais precisa levar para sala de aula.” (ALUNCA C 21)*

*“Um bom professor de química é passar a matéria e fazer com que os alunos entendam a matéria, não assim que decore pra prova, que entendam a **aplicação dela no dia a dia**, a importância, e **construir alunos é construir humanos**, seres*

humanos, eu acho que é bem importante isso para os professores. [...] Não só a química, é uma **junção de conhecimentos**, e além de **ter uma boa didática** pra fazer com que os alunos fiquem interessados matérias, não simplesmente sair vomitando conteúdo, um passo de cada vez, acho que é importante.” (ALUNO I 18)

“eu acho que a gente deve ter os **conhecimento da área** que a gente vai ensinar, **química no caso**, e de tudo o que for pertinente na sala de aula, os **processos de aprendizagem**, entender com quem a gente esta lidando, a gente esta lidando com crianças tá, da onde vem aquelas crianças, porque, por exemplo, você tem um maldito aluno ali, que esta tacando o terror na sala de aula, porque que ele esta fazendo aquilo, sabe não é mandar calar a boca que nem a gente vê os professores fazendo no estágio, por pra fora, é sentar e conversar com o aluno, pra entender, então a gente tem que ter **além do conhecimento da química e do conhecimento de educação**, a gente tem que **conhecer o aluno**, a gente tem que tentar compreender, que é meio utópico né, dado o ambiente de trabalho do professor, mais sei lá.” (ALUNO C 21)

“**Dominar o conteúdo**, no caso se for de química dominar o que a química é, **ensinar química**, também tem que **dominar metodologias**, tem que tem um **domínio teórico** daquilo, saber fazer um plano de aula, saber a abordagem que ele vai usar, e pra isso tem que ter conhecimento e **ter um dinamismo**, um jogo de cintura, e a gente não tem uma matéria na faculdade que ensina a ter jogo de cintura, mais a gente precisa ter, saber o melhor momento de utilizar as técnicas que estamos aprendendo, e o mais de tudo é paciência, e uma alto confiança, saber que o que o professor aprendeu na faculdade ele aprendeu, alguém avaliou, e pode ser da pior maneira possível mais ele vai saber ensinar.” (ALUNCA C 27)

A exigência em **articular os saberes a prática docente** “fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condições para a sua prática.” (TARDIF, 2002, p.39)

“É você conseguir chamar os alunos para sua aula e **fazer os alunos entenderem que a química não é uma coisa completamente isolada do cotidiano** como os alunos veem, não é uma coisa impossível de se aprender, que é possível e tem formas bem bacanas de isso acontecer.” (ALUNCA C 21).

É necessário que o **professor seja flexível**, que consiga transmitir um conteúdo de diferentes formas, de modo que faça sentido para os estudantes, pois “saber alguma coisa não é mais o suficiente, é preciso também saber ensinar” (TARDIF, 2002, p.43-44)

“[...] o professor tem a obrigação de **dominar o conteúdo** daquilo que ele esta ensinando, se ele não tem uma compreensão bastante forte sobre aquilo que ele vai ensinar ele não consegue ser um bom professor, se não ele vai ensinar aquilo de uma forma fragmentada, mais não também só isso, ele tem que **dominar o conhecimento específico e tem que saber fazer a transposição didática do conhecimento**, como esse conhecimento vai chegar a nós, a compreensão do contexto social, da atividade social que o aluno esta inserido, ele tem que levar isso em consideração, todas as barreiras que podem surgir dentro da sala de aula, ele tem que ter compreensão disso que são humanos dentro da sala de aula, então são diversos fatores que ele tem

que considerar pra ser um bom professor, ele tem que **dominar tanto o específico quanto pedagógico**, como que eles se relacionam e também ter uma realidade do aluno dentro da sala de aula.” (ALUNO C 25)

Muitos estudantes comentam sobre a importância de manter uma **boa relação com os alunos**, que o professor deve levar em consideração a opinião dos estudantes, e caso necessário modificar o seu método de ensino.

“Você ser aberto às opiniões dos alunos, porque **as vezes o método de ensino que você usa não é tão bom**, e aí os alunos acabam falando “professor não estou entendendo”, e aí fala “como não está entendendo sendo que estou explicando desse jeito”, e as vezes não é a melhor maneira, por exemplo slide, se a gente fala pra algum professor que slide não é legal, acho que ele deveria **buscar outras alternativas**, e acho que isso que é importante, você ter essa **relação aluno-professor por que é saudável dentro de sala**.” (ALUNA I 19)

“[...] a gente tem que **dar sentido aquilo que eles estão aprendendo**, não ensinar química pela química, porque isso a gente já sabe, a gente percebe aqui na universidade que química pela química não faz sentido nenhum, físico química eu não aprendi nada, porque não tinha lógica aquilo lá, e acho que também a questão de conseguir adaptar um conteúdo, tipo o mesmo conteúdo que eu ensino pra um aluno do nono ano eu consigo ensinar pra alguém do sexto ano, eu expliquei destilação pra galera do sexto ano no PIBID semana passada, e eles aprenderam, assim parece que eles aprenderam numa boa, porque eu acho que precisa adaptar o conteúdo[...] ali na **sala de aula todo mundo é humano**, que ali vai estar interagindo com crianças que vem de lugares diferentes[...] então a gente não pode perder de vista o lado humano, e a gente também **não pode perder de vista a questão do currículo**.” (ALUNA C 21)

“Aí ele tem que ensinar bem, **esclarecer sua dúvida**, mesmo que você não entenda ele tem que ir explicando de maneira diferente até você entender, e ser compreensivo né, porque cada um tem um tempo de aprender.” (ALUNA C 23)

“Não sei, não queria ficar falando um monte de clichê, mais um bom professor ele precisa ter um bom **domínio do conteúdo**, ele tem que **conhecer a sala**, ele tem que conhecer a bagagem dos alunos pra ver o que ele pode fazer ou não, porque não adiante ele só chegar, na faculdade passam um monte de filme pra gente ver, escritores da liberdade, esses filmes são muito verdade, tem um em que as meninas decoraram o livro, e o professor chegava na sala abordando as coisas do livro e as meninas tinham de cor, o dia que ele mudou a aula com outro esquema elas não sabiam mais, porque elas não sabiam, só tinham decorado o livro, eu acho que o professor tem que ter essa dinâmica em sala, tem que pegar alunos que são problemas e trazer eles, chamar a atenção e não só colocar aluno problema pra fora como eu vejo na escola **o professor tem que fazer entender**, se não conseguir tem que estudar, ler texto, se virar.” (ALUNA C 24)

“Um bom professor é aquele que sai daqui precisa estudar, mais que esse estudo não pode ser tomado como sacrifício, tem que ser prazeroso porque a gente vai estar **estudando sempre**, não tem como, então precisa compreender isso, tem que compreender que não é que a gente é detentor do conhecimento, a gente tem um domínio sobre um determinado conhecimento, porque acredito que esse domínio é necessário, e que a gente possa participar o aluno dessa área de conhecimento, um

*professor pode se pautar sim em recursos da **metodologia**, muito importante, mas a sua pratica docente não pode ficar estabelecida somente na questão da metodologia, é preciso que ele encare isso como um próprio exercício do seu trabalho, que é o que, dar acesso aos alunos aos conhecimentos que foram produzidos pela humanidade, que oportunizam ai o desenvolvimento da tecnologia, do conforto, ao mesmo tempo que também dentro do processo mais amplo esta envolvido, muito comum do que a gente vive, então o professor tem que compreender essa dinâmica, então o professor é aquele que se situa dentro daquilo que ele conhece, seja capaz de situar o aluno também, para que aluno faça esse caminho, esse caminho de ir ao saber que o professor tem, porque acredito que um bom professor é aquele que consiga **possibilitar um acesso real ao conhecimento para o aluno.***” (ALUNO C 28)

O Professor deve compreende que “o saber transmitido não possui, em si mesmo, nenhum valor formador; somente a atividade de transmissão lhe confere esse valor” (TARDIF, 2002, p.44).

“O conhecimento das outras ciências é muito importante, porque química tem relação com tudo, principalmente as três né, biologia, física e química, então acho que é bom ter esse conhecimento de ambas as partes.” (ALUNA I 19).

O conhecimento não deve ser **concentrado apenas a uma única área do saber**, um professore precisa possuir diversos conhecimentos e saber articulá-los a sua pratica, pois “nenhum saber é por si mesmo formador.” (TARDIF, 2002, p.43)

Uma aluna iniciante destacou em seu relato **o saber disciplinar e curricular**, o **saber profissional** e um outro saber, que a aluna não soube defini-lo, e que pode ser destacado como **o saber experiencial**, pois é na pratica docente que o professor aprenderá a conseguir a atenção de todos os estudantes de uma turma.

*“Saber o **conteúdo**, saber **ensinar**, e uma coisa que eu procuro ter, eu não sei se eu tenho, não sei nem como conseguir isso, é **puxar uma sala inteira**, um aluno inteiro pra você, tem muito professores do cursinho pelo menos que eles tem essa coisa, até em vídeos aula a gente vê que o professor é diferente, precisa de algum treinamento eu não sei, mais acho que ser é isso, é conseguir puxar qualquer pessoa pra você.”* (ALUNA I 20)

Um estudante destaca que além do conhecimento curricular e profissional é preciso levar em consideração as pesquisas que contribuirão para a área de educação e inseri-lás na pratica do professor

*“É você saber a dificuldade do aluno, **mudar a metodologia de acordo com a dificuldade que ele tem**, quando você pergunta para outros professores ele vai falar **dominar o conteúdo**, porque você tem que saber isso eu concordo, não questão de dominar mais saber o que você esta dando e se você não souber pesquisar sobre, aprender sobre isso para ensinar os alunos, e eu acho que ter uma boa metodologia, e ter uma boa metodologia é saber as dificuldades do aluno, **saber inserir a ciência**, ter métodos CTS, saber utilizar Paulo freire na sua aula, ser um bom professor você*

precisa ter isso saber o conteúdo e saber utilizar métodos para aplicar isso. Ter o conhecimento específico e pedagógico.” (ALUNA C 22)

Um bom professor deve, pelo menos, querer ser um bom professor.

*“É muito difícil, porque no meu ponto de vista é um professor que primeiramente olhe para os alunos e queira ensinar aqueles alunos, apesar de as vezes os alunos não darem motivos, apresentarem desinteresse no conteúdo, isso é uma coisa que nos dá ciências sofremos muito, eu tive professores de química muito ruins na minha jornada, então eu quero **ser uma professora que queira ensinar.**” (ALUNA C 27)*

Os estudantes **valorizam** muito os **saberes disciplinas e curriculares**, e os **saberes profissionais**, porém nenhum dos 11 entrevistados comentou, de forma direta, sobre a importância do saber experiencial, mais isso não significa que o saber experiencial deve ser menos valorizado pelos estudantes, pois precisamos levar em consideração que a maioria dos entrevistados nunca atuou como professor, desta maneira pode-se supor que a experiência profissional ainda é uma realidade não compreendida na vida dos estudantes.

Em contrapartida podemos refletir sobre a atuação dos entrevistados nos projetos oferecidos pela universidade, mais especificamente nos projetos que permitiram que os estudantes entrassem em contato direto com a escola. Quando contavam sobre a participação nestes projetos comentavam como a experiência durante as aulas auxiliavam sua formação, porém neste momento falando diretamente sobre os saberes necessários para uma boa atuação docente os estudantes não conseguiram assimilar a experiência como um saber necessário.

Um bom professor deve possuir um “saber plural, saber formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana, o saber docente é, portanto, essencialmente heterogêneo.” (TARDIF, 2002, p.54)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas forneceram muitos dados, e conseguir organizá-los durante a análise foi uma tarefa difícil, o tempo não foi suficiente para realizar uma análise detalhada como planejado, porém de maneira geral foi possível obter os resultados esperados.

Através da pesquisa foi possível constatar os diferentes percursos que trouxeram os estudantes até a universidade, descobrir quais eram suas expectativas e constatar que foram superadas, que mesmo a licenciatura não sendo o foco principal dos estudantes, durante o curso muitos alunos se identificaram com a profissão.

Verificar que os saberes docentes estão presentes em todos os aspectos que tangem a cultura escolar, e que é necessário vivenciar essa cultura para conseguir apropriar-se dela. Os alunos ingressantes já iniciam o curso com uma bagagem cultural, e que deve ser levada em consideração, trazem experiências e vivências de outras instituições, e, além disso, recebem conselhos de alunos mais experientes. E os alunos concluintes se apropriam e transmitem saberes e culturas que vivenciam, podendo ressaltar que cada estudante tem uma visão diferente de uma mesma experiência, e transmite aquilo que considera relevante.

A maior parte dos entrevistados ainda não atuou como professor, diante disso os saberes mais valorizados foram os curriculares e os profissionais, o experiencial não surgiu na fala dos entrevistados, que ainda possuem um olhar de alunos para as experiências que tem relação com a docência.

Ficou evidente a importância das relações estabelecidas no âmbito escolar, tanto com professores como com os alunos veteranos, e não apenas veteranos considerando o tempo de curso, mais também veteranos considerando a experiência. Visto que é através destas relações que as informações sobre o curso e a cultura escolar são transmitidas.

O departamento de cursos da UFSCar/Araras esta organizada de forma interdisciplinar, que concentra vários docentes de diversas áreas e que atendem os três cursos de licenciatura, o que facilita um contato mais próximo dos estudantes com os professores.

Espera-se que os resultados deste estudo tragam benefícios e ampliem as discussões científicas a respeito das vivências universitárias no contexto da cultura escolar e transmissão dos saberes sobre a docência, favorecendo aos futuros professores possibilidades de reflexões sobre a formação, profissão e carreira docente. Este trabalho teve como objeto de estudo a voz dos estudantes, destacando aspectos importantes sobre o curso de licenciatura em química e a

Universidade Federal de São Carlos campus Araras, desta maneira pode-se aproveitar o conteúdo para as discussões de reformulação de curso.

Pretende-se pensar na possibilidade de usar outros termos, conceitos novos, como cultura acadêmica, considerando que o trabalho apresentou a reflexão sobre o que foi a cultura escolar e explorou a cultura da especificidade do ensino superior.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, L. C. S. S.; peixoto M. C. S. **Jovens no ensino médio normal: apontamentos de trajetórias em formação.** Cad. Cedes, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 295-303, maio-ago. 2011
- BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Knopp Sari. **Investigação qualitativa em Educação.** Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOTO Carlota, **A Liturgia da Escola Moderna: Saberes, Valores, Atitudes e Exemplos.** In.: História da Educação (on-line), Porto Alegre, 2014
- CAMPOLINA, L. O. ; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. . **Cultura Escolar E Práticas Sociais: Episódios Cotidianos Da Vida Escolar De Crianças E Adolescentes.** Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 35, p. 369-380, 2009.
- CANEDO, Leticia Bicalho. **Escola versus Cultura.** Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 35, p. 435-447, 2009.
- CHATIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1990.
- CHERVEL, A. **A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa.** Teoria & Educação, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.
- DE PAULA, Liana Salmeron Botelho. **Cultura escolar, cultura surda e construção de identidades na escola.** In: Revista Brasileira de Educação Especial, vol. 15, nº 3. 2009.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.
- FETZNER, Andréa R. **A implementação dos ciclos de Formação em Porto Alegre: para além de uma discussão do tempo-espaço escolar.** Rev. Bras. Educ. 2009, vol.14, n.40, pp. 51-65.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- KNOBLAUCH, Adriane et al. **Levantamento de pesquisas sobre cultura escolar no Brasil.** Educ. Pesqui., Set 2012, vol.38, no.3, p.557-574. ISSN 1517-9702
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986

- PENNA, M. G. O. **Exercício docente: posições sociais e condições de vida e trabalho de professores**. 1. ed. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2011. (Apoio FAPESP)
- PÉREZ GÓMEZ, A I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto alegre: ARTMED Editora, 2001.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VIEIRA, Elizabeth de Lima Gil Vieira. **A Cultura da Escola Prisional: entre o instituído e o instituinte**. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, 2013.
- VIÑAO FRAGO, A. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Madrid: Morata, 2002.
- SELLTIZ, C, JAHODA, M., DEUTSCH, M., COOK, S. M.. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo, Helder, EDUSP, 1965.
- SENNA, L. A. G. **Formação docente e educação inclusiva**. Cadernos de Pesquisa., São Paulo, v. 38, n. 133, 2008.
- SILVA, F. C. T. **Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa**. Educar em Revista, v. 28, p. 201-216, 2006.

ANEXO 2: Roteiro para entrevistas com licenciandos em química

Introdução: sou estudante do curso de licenciatura em química da UFSCar e estou conversando com alguns alunos classificados como ingressantes e concluintes, com o intuito de entender melhor os aspectos da docência no processo de apropriação da cultura escolar. Se você concordar em participar desta entrevista fica estabelecido o total anonimato. Você terá a liberdade de dizer o que pensa e sente, como também, de não responder algo que não se sinta à vontade. Tudo bem? Você tem alguma dúvida? Podemos começar?

Nome:

Curso:

Perfil:

Características pessoais

1) Idade:

2) Cidade onde mora? E com quem mora? (pais, sozinho, companheiro(a), república) Mudou de cidade para estudar? Tem filhos? Locomoção até a universidade?

3) Tem professores na família? São professores de que? Quem?

Trajatória escolar (EB)

4) Fale um pouco sobre a EB, onde estudou, quando se formou, etc. (curso regular ou técnico? Diurno ou noturno?)

5) Quais foram as experiências escolares bem sucedidas durante sua trajetória escolar?

6) E as mal sucedidas, quais foram?

7) Você se recorda de atitudes, comportamentos, situações envolvendo aspectos positivos ou negativos em relação aos seus professores desde a educação básica até a universidade? Quais?

8) Qual sua trajetória para chegar até a universidade e cursar licenciatura em química? (Sempre almejou universidade pública? É o curso que sempre desejou? o que interferiu na sua escolha? Comente.)

A Universidade e a formação docente

9) O que você mais gosta na universidade? E o que você menos gosta?

10) Descreva para mim um dia típico. Quando você chega à universidade, o que você faz? Qual é a rotina na universidade? E na sala de aula?.

11) Você participa ou já participou de projetos ou programas específicos? Como soube dos Programas? Você considera que isso auxilia na sua formação? Comente (PIBID, PET, UFSCurso, Iniciação Científica) E especificamente sobre a docência? Você participa de palestras, etc?

12) De que forma você aprendeu, ou está aprendendo, as regras da universidade, as práticas necessárias, os rituais, os valores, hierarquias ou seja, sobre o ambiente escolar? (recebeu informações de quem? como ocorre a veiculação disso?) E sobre as questões da docência? Você conversa sobre isso no contexto universitário?

13) Qual perfil você está? Comente um pouco sobre as disciplinas que já cursou? (qual disciplina mais se identificou? Qual não gostou? O que faz gostar ou não de uma disciplina?)

14) Comente um pouco sobre a atuação dos professores (aspectos positivos e negativos). Você se identifica com seus professores? Por quê?

15) Até agora, você se sente satisfeito(a) com a sua graduação? Por quê?

16) Quais eram suas expectativas quando iniciou o curso? (Você pretende ser professor?)

17) Quais as principais exigências por parte da universidade?

18) Você costuma seguir os conselhos dos alunos mais experientes (veteranos)? Cite alguma experiência sobre isso? Eles comentam algo específico sobre ser professor?

19) Que conselho você daria aos novos calouros? (sobre a vivência na universidade)

20) Você interage com outros alunos sobre as vivências (normas, regras, rituais, valores, hierarquias) no contexto do curso de licenciatura em química UFSCar/Araras. Como isso acontece? (Você informa outros alunos?)

21) Quanto tempo você fica na universidade? Onde você prefere estudar? Que outros espaços você utiliza na universidade?

22) O que é ser um bom professor de química para você? Quais características/conhecimentos ele deve ter?

23) Você se lembra de pessoas ou de situações que tenham lhe ensinado sobre a docência?

24) Você teria algo a acrescentar ou algum aspecto a comentar que a gente ainda não discutiu aqui?